

UNIVERSIDADE FEDERAL DE CIÊNCIAS DA SAÚDE DE PORTO ALEGRE
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM ENSINO NA SAÚDE

LUIZ CARLOS DA SILVA VIEGAS JUNIOR

ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NA GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA NO
RIO GRANDE DO SUL: CONHECENDO O CENÁRIO E PROPONDO UM
CAMINHO

Porto Alegre

2022

LUIZ CARLOS DA SILVA VIEGAS JUNIOR

**ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NA GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA NO
RIO GRANDE DO SUL: CONHECENDO O CENÁRIO E PROPONDO UM
CAMINHO**

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino na Saúde.

Orientadora: Prof. Dra. Cleidilene Ramos Magalhães

Coorientadora: Profa. Dra Márcia Rosa da Costa

Porto Alegre
2022

Catálogo na Publicação

Viegas Junior, Luiz Carlos da Silva

Espiritualidade e religiosidade na graduação em psicologia no Rio Grande do Sul : conhecendo o cenário e propondo um caminho / Luiz Carlos da Silva Viegas Junior. -- 2022.

129 p. : tab. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) -- Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde, 2022.

Orientador(a): Cleidilene Ramos Magalhães ;
coorientador(a): Márcia Rosa da Costa.

1. Formação em Psicologia. 2. Espiritualidade. 3. Religiosidade. I. Título.

Sistema de Geração de Ficha Catalográfica da UFCSPA com os dados
fornecidos pelo(a) autor(a).

Folha de Aprovação

Luiz Carlos da Silva Viegas Junior

ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NA GRADUAÇÃO EM PSICOLOGIA NO RIO GRANDE DO SUL: CONHECENDO O CENÁRIO E PROPONDO UM CAMINHO

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Ensino na Saúde da Fundação Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, como requisito parcial para a obtenção do título de Mestre em Ensino na Saúde.

Data da aprovação: 28 de janeiro de 2022

Banca Examinadora

Prof. Dr. Adriano Furtado Holanda – Universidade Federal do Paraná

Profa. Dra. Luiza Maria de Oliveira Braga Silveira – Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre

Prof. Dr. Wellington Zangari - Universidade de São Paulo

AGRADECIMENTOS

À Héliida por aceitar dividir a vida comigo, e sobretudo por ter me apoiado nesse período de intensa dedicação. À Luíza por ter, em tão pouco tempo, preenchido a nossa vida de sentido e alegria.

Aos meus pais e irmãos que contribuíram com o que puderam para que eu tivesse uma educação de qualidade e oportunidades.

Às minhas dedicadas orientadoras que aceitaram o desafio de participar de um projeto tão caro, e por me equilibrar apoio e liberdade na medida exata.

Aos professores e as professoras que cruzaram o meu caminho, me tornando mais curioso e consciente da necessidade de aprender e ensinar.

Meus sinceros agradecimentos.

EPÍGRAFE

(...) a grande tentação da faculdade racional é glorificar sua própria capacidade e suas próprias criações, alegando que em face de suas teorias nada que seja transcendente ou fora de seus domínios precisa existir.

Jordan Peterson

RESUMO

Apesar da significativa importância da religiosidade e da espiritualidade na vida da população, com fundamentais repercussões psicológicas, as graduações em psicologia brasileiras não costumam abordar, no currículo, essas temáticas de maneira consistente. O objetivo deste trabalho foi conhecer a formação profissional em Psicologia no Rio Grande do Sul (RS) referente aos temas de Espiritualidade/Religiosidade (E/R), mediante a análise dos currículos e percepção de formandos(as) dos cursos de graduação. Para tanto, foi utilizado um método misto, com análise qualitativa do conteúdo dos projetos pedagógicos e aplicação de um questionário para formandos(as) dos cursos de graduação em psicologia do RS. Foram analisados o Projeto Pedagógico dos Cursos (PPCs) de sete instituições e participaram da etapa quantitativa 63 estudantes formandos(as), que responderam a um questionário elaborado pela equipe de pesquisa e a Escala de Religiosidade de DUKE (DUREL). Os resultados evidenciam que o tema não é abordado suficientemente ao longo da graduação e que os(as) estudantes, no geral, não dispõem de conhecimentos para lidar com essas temáticas. Por fim, como uma maneira de contribuir com a superação desse cenário, e como um dos requisitos do mestrado, foram elaborados dois produtos educacionais: uma disciplina e um curso de formação para professores(as). Ambos os produtos foram submetidos a apreciação por especialistas e revisados para serem implementados para a população alvo em uma das Instituições de ensino participantes do estudo.

Palavras-chave: Formação em Psicologia. Espiritualidade. Religiosidade

ABSTRACT

Despite the significant importance of religiosity and spirituality in the lives of the population, with fundamental psychological repercussions, Brazilian psychology undergraduate courses do not usually address these themes consistently in the curriculum. The objective of this work was to know the professional training in Psychology in Rio Grande do Sul (RS) regarding the themes of Spirituality/Religiosity (S/R), through the analysis of the curricula and perception of graduates of undergraduate courses. For that, a mixed method was used, with qualitative analysis of the content of the pedagogical projects and application of a questionnaire to students of undergraduate psychology courses in RS. Were analyzed the Course Pedagogical Project from seven institutions and 63 students participated in the quantitative stage, who responded to a questionnaire prepared by the research team and Duke Religious Index (DUREL). The results show that the theme is not addressed sufficiently throughout the graduation and that the students, in general, do not have the knowledge to deal with these themes. Finally, as a way to contribute to overcoming this scenario, and as one of the Master's requirements, two educational products were developed: a discipline and a training course for teachers. Both products were submitted to the appreciation of specialists and revised to be implemented for the target population in one of the educational institutions participating in the study.

Keywords: Training in Psychology. Spirituality. Religiousness.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	11
2 CONTEXTUALIZAÇÃO	13
3 REFERENCIAIS TEÓRICOS	15
3.1 ESPIRITUALIDADE, RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E SAÚDE MENTAL .	15
3.2 PSICOLOGIA DA RELIGIÃO: UM LUGAR PARA A ESPIRITUALIDADE E A RELIGIOSIDADE NA PSICOLOGIA	18
3.3 FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA NO BRASIL	19
3.4 FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO	23
4 OBJETIVOS	29
4.1 OBJETIVO GERAL	29
4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS	29
5 PERCURSO METODOLÓGICO	30
5.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO	30
5.2 CENÁRIO DO ESTUDO	31
5.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA	31
5.3.1 Critérios de inclusão	32
5.3.2 Critérios de exclusão	32
5.3.3 Estratégia para alcance dos sujeitos de pesquisa	32
5.4 ANÁLISE DE DADOS	33
5.5 ELABORAÇÃO DO PRODUTO	34
5.6 AVALIAÇÃO DO PRODUTO	34
5.7 ASPECTOS ÉTICOS	34
6 RESULTADOS	34
6.1 ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: ANÁLISE DE PROJETOS PEDAGÓGICOS DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL	35
6.2 ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NAS GRADUAÇÕES EM PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL: ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE FORMANDOS(AS)	35
6.3 PRODUTOS EDUCACIONAIS	36
7 CONSIDERAÇÕES FINAIS	39
REFERÊNCIAS	41

APÊNDICE A - ARTIGO 1 - SAÚDE MENTAL, ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NO CONTEXTO DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA	46
APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA FORMANDOS(AS)	63
APÊNDICE C - ESCALA DE RELIGIOSIDADE DE DUKE (DUREL)	69
APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA FORMANDOS(AS)	71
APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARECERISTAS DO PRODUTO EDUCACIONAL	73
APÊNDICE F - ARTIGO 2 - ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: ANÁLISE DE PROJETOS PEDAGÓGICOS DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL	75
APÊNDICE G - ARTIGO 3 - ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NAS GRADUAÇÕES EM PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL: ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE FORMANDOS(AS)	97
APÊNDICE H - PRODUTO EDUCACIONAL 1 - DISCIPLINA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO E DA ESPIRITUALIDADE	124
APÊNDICE I - PRODUTO EDUCACIONAL 2 - CURSO PARA DOCENTES PSICOLOGIA E AS RELAÇÕES COM A ESPIRITUALIDADE, COM A RELIGIÃO E A RELIGIOSIDADE	127

1 INTRODUÇÃO

A espiritualidade é uma dimensão humana considerada no conceito multidimensional de saúde da Organização Mundial da Saúde (OMS) desde 1988 (VOLCAM *et al.*, 2003). De grande relevância no dia a dia do brasileiro, é uma ferramenta poderosa com que as pessoas lidam com angústias, sofrimentos e problemas de saúde (VASCONCELOS, 2006).

Os últimos dados oficiais brasileiros demonstram que mais de 90% da população tem alguma religião (IBGE, 2010). Em um levantamento nacional bastante abrangente, Moreira-Almeida *et al.* (2010) encontrou que para 83% das pessoas entrevistadas a religião era considerada algo muito importante e 37% frequentava algum serviço religioso pelo menos uma vez por semana. Apesar disso, as evidências científicas têm apontado para o fato de que, em Psicologia, o tema ainda é negligenciado (HOLANDA; PEREIRA, 2019).

Estudantes de Psicologia apresentam índices significativamente menores de Bem-Estar Espiritual, crença espiritual e crença da importância da espiritualidade no enfrentamento de situações cotidianas. Além disso, consideram a dimensão espiritual pouco ou nada importante na prática clínica, o que revela o desconhecimento das recentes evidências científicas que demonstram os efeitos positivos da espiritualidade na qualidade de vida (CAVALHEIRO; FALCKE, 2014).

Todas essas limitações apontam para a necessidade de qualificar a abordagem do tema na formação profissional do(a) psicólogo(a). Estudantes de Psicologia sentem dificuldade em relacionar as experiências de espiritualidade e religiosidade (E/R) com os conteúdos vistos no curso, se sentem desconfortáveis em expor suas crenças no ambiente acadêmico e relatam a postura de alguns(as) professores(as) e supervisores(as) de estágio, contraproducente a essa face da vivência humana. Não tendo como evitar esse assunto na prática profissional após a conclusão do curso, reproduzem aquilo que aprenderam durante a graduação: o silêncio. (HOLANDA; PEREIRA, 2019)

Todo esse cenário denuncia a necessidade urgente de uma revisão na formação profissional, com vistas a abordar nos currículos e incluir de maneira adequada os diversos conhecimentos em E/R e saúde. Nesse ponto está concentrado o cerne deste estudo, que se propôs a conhecer a formação

profissional em psicologia no RS referente aos temas de E/R, mediante a análise dos currículos e percepção de formandos(as) destes cursos de graduação.

Além disso, por se tratar de um Programa de Mestrado Profissional, o estudo subsidiou a criação de duas propostas práticas, em formato de produtos educacionais, que têm o potencial de responder a uma parte dessas lacunas. A primeira trata-se da proposta de criação de uma disciplina que aborde essa temática na formação profissional em Psicologia, e que possibilite compreender o feito desse conhecimento na formação do(a) psicólogo(a). A segunda, é a proposta de criação de um curso de formação para professores(as) do curso de Psicologia, para que possam inserir esses conhecimentos no diálogo das disciplinas que ministram, fazendo com que o tema seja acessível de maneira transversal aos(as) estudantes. Ambos os produtos foram avaliados por especialistas na área e serão propostos ao curso de Psicologia da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, instituição de onde se origina essa pesquisa.

2 CONTEXTUALIZAÇÃO

A motivação para o empreendimento desse trabalho pode ser dividida em dois diferentes pilares. O primeiro, e talvez mais importante, fala das estatísticas grandiosas de crença e prática espiritual entre os(as) brasileiros(as) e as cada vez mais frequentes evidências científicas que demonstram o potencial efeito positivo da espiritualidade/religiosidade (E/R) na saúde das pessoas. Diversos estudos têm nos feito entender que E/R estão diretamente relacionadas com qualidade de vida, sendo importantes aliadas ao enfrentamento de situações adversas. (MELO *et al.*, 2015)

O segundo, certamente mais sensível e impulsionador, fala da vivência pessoal, acadêmica e profissional do principal autor deste trabalho. Criado em uma família de fé, aprendi especialmente com a minha mãe o caminho da crença para lidar com as situações difíceis da vida. A crença me fortaleceu nas situações mais adversas, e me ajudou a alcançar grandes coisas, inclusive o caminho do conhecimento.

Ainda na graduação senti a dificuldade em manter uma espiritualidade equilibrada em meio ao ambiente hostil da academia. Sentia que poderia ser diferente, e que a minha crença poderia ser somada ao conhecimento que estava me tornando psicólogo. Mais que isso, já nos estágios, experimentando vivências reais como psicólogo, o acaso e/ou as circunstâncias me conduziram por situações que me encheram de esperança.

Como exemplo dessas gratas vivências, tive a oportunidade de acompanhar durante a graduação alguns atendimentos a uma família em que se apresentava uma relação clara entre religiosidade e saúde mental. A condução e o desfecho do caso foram bem sucedidos em decorrência da forma como a situação foi conduzida, contando com a contribuição da equipe de saúde e do líder religioso da família. O relato desse caso foi escrito em forma de artigo e submetido a uma revista científica (apêndice A).

Agora, um pouco mais experiente, com mais estudos e mais confiança no meu trabalho, posso dizer que consigo adequar as diversas forças, espirituais e racionais, de maneira integrada, sem grande sofrimento. Acredito que isso possa ser uma realidade ainda na graduação, desde que algumas mudanças curriculares aconteçam.

Como psicólogo, me permito acolher as demandas de saúde que surjam de vivências espirituais e religiosas. Presencio exemplos de superação e crescimento decorrentes de uma experiência religiosa equilibrada, e infelizmente o crescimento da doença decorrente de experiências rígidas, opressoras e abusivas. Para mim, isso também é uma questão de saúde mental, portanto é uma questão que diz respeito à Psicologia.

Por tudo isso, acredito que essa pesquisa contribui, e poderá contribuir ainda mais, para superação, questionamento e repensar da formação em Psicologia. Espera-se que esse trabalho possibilite uma melhor compreensão do cenário no Rio Grande do Sul (RS) e que contribua para a qualificação dos currículos em Psicologia, considerando a crescente necessidade e reconhecimento de que os temas espiritualidade e saúde tem demandado, uma vez que podem ser aliados na formação e atuação do(a) profissional da Psicologia.

3 REFERENCIAIS TEÓRICOS

3.1 ESPIRITUALIDADE, RELIGIÃO, RELIGIOSIDADE E SAÚDE MENTAL

A espiritualidade é considerada um dos elementos fundamentais na história da humanidade, presente praticamente em todas as culturas. Embora não haja um consenso na sua definição, em geral é entendida como a busca pela compreensão do sentido da vida e de respostas às questões que rodeiam a humanidade. Fala sobre o relacionamento humano com o sagrado e transcendente, e pode, ou não, envolver a criação de rituais ou comunidades (KOENIG; MCCULLOUGH; LARSON, 2001). Igualmente importante, a religião remete a uma dimensão mais institucional e coletiva, envolvendo tradições, símbolos, rituais e cerimônias relativas a uma realidade transcendente e que são compartilhados por um grupo de pessoas (KOENIG, 2015). A religiosidade é a maneira singular como cada pessoa experiencia a própria religião (ZANGARI; MACHADO *et al.*, 2018)

Volcam *et al.* (2003) enfatizam o fato de a Organização Mundial de Saúde (OMS), ainda em 1988, ter despertado para o interesse em aprofundar as investigações nessa área, uma vez que passou a considerar o aspecto espiritual no conceito multidimensional de saúde. Apesar disso, o tema não é muito expressivo no meio acadêmico e científico, principalmente pela dificuldade de estudá-lo empiricamente (MELO *et al.*, 2015).

No Brasil, mais de 90% da população declara ter alguma religião, o que demonstra a importância dessa dimensão na vida comum da população (IBGE, 2010). Um levantamento nacional entrevistou mais de 3000 pessoas, nas quais 83% consideravam a religião algo muito importante e 37% frequentavam algum serviço religioso pelo menos uma vez por semana (MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2010).

Um estudo de revisão da literatura concluiu que espiritualidade e religiosidade (E/R) estão diretamente relacionadas com qualidade de vida, sendo importantes aliadas ao enfrentamento de situações adversas (MELO *et al.*, 2015). Para os autores do estudo, dada a importância da E/R na vida das pessoas, é fundamental que profissionais de saúde saibam lidar com esses temas adequadamente, sendo evidente a importância desses fenômenos para as práticas de saúde, bem como da valorização e inclusão nas formações profissionais.

Se tratando especificamente de saúde mental, um artigo de revisão da

literatura avaliou 13 estudos brasileiros publicados entre 2008 e 2019 na base de dados Scielo, dos quais 11 eram empíricos e 2 de revisão da literatura. A maioria dos artigos avaliados indica que há uma associação positiva entre E/R e saúde mental (MONTEIRO *et al.*, 2020).

Um estudo de revisão sistemática da literatura avaliou 850 artigos publicados ao longo do século 20 que avaliavam as relações entre envolvimento religioso e saúde mental. A maior parte dos estudos apontaram para uma correlação, ainda que moderada, entre maior nível de envolvimento religioso e indicadores de bem estar psicológico, especialmente para idosos e pessoas submetidas a situações de estresse. Por outro lado, um maior nível de envolvimento religioso demonstrou uma correlação inversa para sintomas de depressão, pensamentos ou comportamentos suicidas e uso ou abuso de álcool ou outras drogas (MOREIRA-ALMEIDA; LOTUFO NETO; KOENIG, 2006).

Partindo da percepção dos profissionais, um estudo qualitativo entrevistou 10 psicólogos (as), 5 trabalhadores(as) de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e 5 de consultório particular. Os(as) entrevistados(as) relataram que percebem a relação entre saúde mental e E/R na sua prática. No ponto de vista deles(as), a prática religiosa pode ser fonte de bem estar quando oferece conforto, potência, pertencimento e pessoas com quem contar. Da mesma forma, pode ser negativa quando há exploração, manipulação, diminuição da autonomia e está centrada em dogmas que promovem culpa. Destacam que a relação entre E/R e saúde mental é pouco explorada na prática profissional, possivelmente por não se sentirem preparados para lidar com essa temática (OLIVEIRA; JUNGES, 2012).

Diversos são os temas de diálogo entre Psicologia e E/R, e certamente os(as) profissionais da Psicologia terão que lidar com eles em algum momento da carreira. As experiências anômalas, por exemplo, são frequentemente interpretadas como sendo de origem espiritual ou religiosa, e apresentam uma prevalência significativa na população, especialmente no Brasil. Elas podem ser definidas como experiências irregulares, incomuns, e que embora sejam vivenciadas por uma parcela significativa da população, não recebem a mesma atenção na academia e não podem ser compreendidas da mesma forma que as experiências ordinárias. Entre essas experiências, temos os relatos de memórias de vidas passadas, experiências de cura e de quase morte, precognição e clarividência, frequentemente relatadas no contexto religioso e que podem acarretar em mudanças significativas na vida

psíquica de quem as experiencia, sejam positivas ou não (CARDEÑA; LYNN; KRIPPNER, 2013).

Muitas pessoas vivenciam experiências como essas e as interpretam como sendo religiosas ou espirituais. Não é raro que essas pessoas desenvolvam sofrimento até que possam significar a própria experiência, o que pode ser uma demanda legítima do trabalho na Psicologia. Embora possam provocar sofrimento, não necessariamente podem ser enquadradas enquanto uma psicopatologia, exigindo do profissional a capacidade de fazer um diagnóstico diferencial de forma assertiva e baseado no conhecimento científico produzido na área (MENEZES JÚNIOR; MOREIRA-ALMEIDA, 2009).

Ainda se tratando de temas de diálogo entre Psicologia e E/R, o coping religioso e espiritual (CRE) possui destacada importância. Trata-se do processo dinâmico entre uma pessoa em situação de estresse e o seu contexto, tendo o uso da sua experiência religiosa como uma ferramenta de enfrentamento (PARGAMENT, 1997). De forma mais simplificada, muitos pesquisadores denominam o CRE como o uso de recursos religiosos no enfrentamento de situações estressantes. Quando positivo, o CRE está associado a melhores desfechos em transtornos mentais como depressão (FOCH; SILVA; ENUMO, 2017).

Um terceiro tema importante diz respeito aos limites éticos impostos pelo Código de Ética do Psicólogo quando o tema é E/R. Ao estabelecer que o(a) profissional não deve induzir convicções religiosas no exercício da profissão, muitos(as) profissionais não compreendem exatamente o que isso significa. A não compreensão estimula duas posturas problemáticas, quando profissionais não abrem espaço para o acolhimento de questões ligadas a E/R nos atendimentos, ou acabam misturando práticas psicológicas e religiosas ou esotéricas no exercício da profissão (ZANGARI; MACHADO *et al.*, 2018).

Saúde e práticas religiosas estão intimamente ligadas desde o início da formação da sociedade humana. Para boa parte da população, a religião é o local onde, simbolicamente, se constrói o sentido da vida e se busca apoio para superar as dificuldades impostas pela doença. Sem considerar essa dimensão no debate científico, a compreensão da realidade se torna incompleta, portanto desqualificada. A negligência do tema na área da saúde, e a não possibilidade de ignorá-lo no dia a dia do trabalho, cria o cenário ideal para que práticas pouco qualificadas surjam, frequentemente ligadas a interesses de grupos religiosos específicos, ou na tentativa

do profissional de utilizar a própria experiência religiosa como balizador, de forma acrítica (VASCONCELOS, 2006).

3.2 PSICOLOGIA DA RELIGIÃO: UM LUGAR PARA A ESPIRITUALIDADE E A RELIGIOSIDADE NA PSICOLOGIA

A Psicologia da Religião (PR) é uma área de estudo acadêmica da Psicologia que se dedica à compreensão dos aspectos psicológicos que acompanham ou estão presentes na experiência religiosa (PAIVA; FREITAS, 2019). Se ocupa do estudo da religiosidade, do ateísmo e do agnosticismo, pois em todos os casos o comportamento se baliza pelo transcendente, seja afirmando, negando ou duvidando (PAIVA, 2018). Nesse sentido, a PR não está interessada em comprovar ou refutar a existência do transcendente, mas sim compreender o comportamento religioso e os diversos processos psicológicos e sociais vinculados à E/R das pessoas e comunidades (ZANGARI; MACHADO *et al.*, 2018).

O surgimento da PR remete a 1880, juntamente com o nascimento da própria Psicologia como ciência (ÁVILA, 2007). Apesar disso, Freitas (2018) salienta a existência de uma certa tendência à alienação desse fato histórico, já muito bem documentado. Ao ensinar sobre a história da Psicologia, as instituições de ensino, em geral, ignoram o fato de que muitos dos grandes nomes da Psicologia dedicaram parte importante das suas obras para o estudo do fenômeno religioso. Entre esses notáveis, estão figuras prestigiadas no meio como Wilhelm Wundt, conhecido como pai da Psicologia Experimental, Stanley Hall, pioneiro na Psicologia do Desenvolvimento, e William James, conhecido como pai da Psicologia Americana, que também foi um dos precursores da Psicologia da Religião a partir da publicação da sua obra *The Varieties of religious experience* (FREITAS, 2018)

Ávila (2007), ao percorrer a história do desenvolvimento da PR, cita a contribuição de muitos autores conhecidos como os precursores da Psicologia, como Pierre Janet, Edwin Diller Starbuck e Granville Stanley Hall, Carl Gustav Jung, Abraham Harold Maslow e Erich Fromm. Mesmo sendo um grande crítico ao lugar da religiosidade na vida das pessoas, Sigmund Freud deixou em sua obra diversos textos em que se dedicou à análise do tema sob a ótica da Psicanálise.

No Brasil, a chegada da PR está datada em 1956, quando da publicação do primeiro artigo sobre o tema. Sendo assim, a PR no Brasil já acumula mais de 60

anos de estudos, com crescimento no número de publicações em quase todo esse período e com crescimento também do rigor metodológico das pesquisas publicadas (PAIVA *et al.*, 2009) No início, havia uma tendência ao uso da Psicologia para a religião, ou algumas religiões específicas, como para tornar as pessoas mais religiosas ou com mais adesão às crenças, por exemplo. Com o passar do tempo, e a maturidade dessa área do conhecimento, ela foi se desvinculando das religiões em si e de ideias rígidas, como as que afirmavam que a religiosidade das pessoas eram necessariamente um componente patológico (ZANGARI; MACHADO *et al.*, 2018).

Desde o seu surgimento, a PR tem se desenvolvido com o esforço de diversos pesquisadores e instituições, que se apresentam na forma de pesquisas, publicações e eventos científicos específicos sobre o tema (PAIVA; FREITAS, 2019). Atualmente, a PR é tema de um Grupo de Trabalho permanente na Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Psicologia (ANPEPP) desde 1998, e já conta com eventos científicos nacionalmente reconhecidos, como os seminários "Psicologia e Senso Religioso", que ocorrem em geral a cada dois anos desde 1997. O levantamento de artigos publicados sobre PR entre os anos de 1956 e 2005 resultou em 125 trabalhos nos mais variados temas, especialmente sobre saúde, experiência religiosa, vocação religiosa/sacerdotal, identidade religiosa e relações entre psicologia e religião (PAIVA *et al.*, 2009).

Os conhecimentos da PR se valem para praticamente todas as áreas da Psicologia, com exceção apenas para a experimentação rigorosa, que exige a possibilidade de um experimento (PAIVA, 2018). Apesar disso, e das demandas decorrentes das características da população brasileira, a existência de disciplinas sobre PR nos cursos de Psicologia ainda não é uma realidade abrangente. Ao contrário do que poderia sugerir a importância do tema para a população brasileira, altamente religiosa, a PR não é uma das áreas mais consolidadas na Psicologia, necessitando ainda de grandes investimentos para que ocupe um lugar compatível com as necessidades da população (PAIVA *et al.*, 2009).

3.3 FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA NO BRASIL

A formação em Psicologia no Brasil tem um importante percurso histórico, que desde 2001 se concentra ao redor do estabelecimento e aperfeiçoamento das Diretrizes Curriculares Nacionais (DCNs) (MEC, 2021). Todo o diálogo e

regulamentação envolvidos nesse processo dá voz aos movimentos políticos mobilizados na categoria, que nos exige situar o conceito currículo dentro de um olhar crítico de análise.

Para Silva (2010), antes de pensar sobre uma possível definição do que seja um currículo, é preciso romper com a lógica da teoria e passar a refletir na perspectiva do discurso. Uma teoria pode ser entendida como uma busca para desvelar algo que já existe, nesse caso o currículo. Nessa lógica, currículo é algo que está posto, e cabe aos estudiosos conhecê-lo e descrevê-lo. Já na lógica do discurso, na qual fundamentalmente se apoia esse estudo, currículo seria algo descrito e produzido simultaneamente, na medida em que os autores se dedicam a conhecê-lo. Essa perspectiva coloca o currículo em sua posição mais viva, circular, onde, quem descreve, pensa e define o que seria currículo, na verdade o cria, aperfeiçoa, faz existir. Essa definição pode ser nitidamente vista nos movimentos realizados durante o percurso histórico das DCNs.

Fundamentado nisso, uma definição de currículo não se propõe a estabelecer o que um currículo é em essência, mas sim qual a visão de currículo que aqueles(as) determinados(as) atores/atrizes se propõem a conhecer, criar e descrever historicamente (SILVA, 2010). Neste estudo, amparado nas ideias de Silva (2010) toma-se como pressuposto teórico que o currículo é um conceito histórico, conhecido e produzido ao longo do tempo. Contrariando a percepção geral, o currículo, sob esse ponto de vista, é bem mais que a seleção dos conteúdos relevantes, que devem ser ensinados e aprendidos para se atingir determinado modelo profissional. Nessa perspectiva, a seleção dos conteúdos necessários à construção de um perfil profissional ideal foi, e está sendo, produzida ao longo da história da profissão e a partir dos(as) atores/atrizes envolvidos(as) nessa construção.

Por tudo isso, selecionar conteúdos e definir um modelo profissional não pode ser encarado de outra forma, senão como um conjunto de relações de poder que se estabelecem. Como coloca Moreira e Silva (1994), o currículo não é algo neutro, uma simples transmissão de informações. Ele é, também, a transmissão de visões sociais específicas, e por isso é alvo de disputas e interesses. Com que critério se define conteúdos e ideais profissionais? Qual a história envolvida no desenvolvimento do currículo em Psicologia, e de que maneira essa história impacta na forma como os conteúdos de E/R são inseridos (ou não) nas matrizes

curriculares dos cursos? Essa inserção reflete os desejos dos(as) futuros(as) profissionais e as necessidades sociais mais emergentes? Na tentativa de compreender as diversas possibilidades de explicação para perguntas como essas, e mais alinhado às teorias críticas do currículo (SILVA, 2010), é que nasce a proposta desse projeto. Currículo, nesse sentido, não se limita a matriz curricular especificamente, mas a toda a conjuntura que envolve a construção dessa matriz e da visão de mundo que ela produz.

Somado a esta compreensão, recorreremos a Guareschi (2012), para quem o ser humano pode ser entendido como uma pessoa = relação. O símbolo “=” é utilizado no seu sentido mais concreto, pois, para o autor, a definição de pessoa é relação. É no contexto das relações que se faz necessário resgatar o caráter político que tem em toda a ação. Político não no sentido partidário, mas no sentido da forma como nos colocamos em relação aos/com os(as) outros(as) na expressão dos diversos interesses. Se toda a ação é política, a construção de um modelo de ensino também responde ao interesse de quem pode o determinar.

Como colocam Saippa-Oliveira, Koifman e Pinheiro (2005) a seleção de conteúdos que compõem um currículo expressam uma determinada concepção de mundo, que, como posto por Silva (2001), operam em favor de interesses específicos, o que revelam as relações de poder na sociedade. Sob esses argumentos, podemos afirmar que o currículo também é político, onde, quem tem força impõe ao mundo seu ponto de vista e os seus desejos. (GUARESCHI *et al.*, 2010)

A formação de profissionais para o campo da saúde, em geral, é pautada na lógica biomédica de fazer em saúde, em que os profissionais se especializam em uma determinada área do ser/corpo humano. A ênfase está na eficiência na profilaxia, diagnóstico, prognóstico, e tratamento de patologias localizadas em áreas específicas, não conseguindo, muitas vezes, ultrapassar a lógica hospitalar e da alta complexidade tecnológica e instrumental. Da mesma forma, costumam operar a partir do modelo de trabalho privado, onde saúde é um produto com grande potencial de venda para os doentes, vistos como consumidores, passivos. (CECCIM; FEUERWERKER, 2004; MACHADO *et al.*, 2007)

O surgimento da psicologia como ciência remete ao contexto científico positivista, com foco na análise experimental laboratorial dos processos intrapsíquicos. No Brasil, a regulamentação da profissão ocorreu em 1962, apenas

dois anos antes da instalação da ditadura militar brasileira, fato que influenciou drasticamente o perfil profissional dessa categoria, uma vez que influenciou os processos formativos e de exercício profissional da época (CFP, 2007). O trabalho do(a) Psicólogo(a) era definido na clínica individual, avaliação psicológica e acompanhamento de dificuldades de aprendizagem nas escolas, o que ainda se mantém presente na maior parte do imaginário que envolve a profissão e nos conteúdos de formação na atualidade (SCARPARO; GUARESCHI, 2007).

No contexto gaúcho, uma pesquisa avaliou o currículo do curso de psicologia de seis grandes universidades, que evidenciou o predomínio de disciplinas que remetiam a psicopatologia e avaliação psicológica em todos os cursos (GUARESCHI *et al.*, 2010). Obviamente, os conhecimentos relacionados com essas temáticas são úteis em diversos contextos, mas a formação básica de um(a) psicólogo(a) precisa ser generalista, contemplando uma gama maior de conhecimentos importantes para o fazer nessa profissão, como os conhecimentos sobre E/R.

A relação entre psicologia e E/R é bastante antiga. Autores clássicos estudados na graduação se dedicaram ao entendimento do fenômeno religioso, estando entre esses notáveis os precursores da psicologia clínica e científica, tais como Wilhelm Wundt, William James, Sigmund Freud, Carl Gustav Jung e Donald Winnicott (ÁVILA, 2007; DALGALARRONDO, 2008).

Atualmente, o tema parece ser de grande interesse entre os estudantes da saúde, uma vez que foi criado um grande movimento em 2018, durante o II encontro Nacional de Ligas Acadêmicas de Saúde e Espiritualidade (ENLASE) para a criação da Associação Acadêmica de Ligas e Grupos de Estudo em Espiritualidade e Saúde (AALEGREES). Segundo os dados da associação, no primeiro semestre de 2019 já haviam 45 ligas catalogadas. Apesar de toda a historicidade da E/R no contexto da saúde, inclusive da Psicologia, e do atual interesse e demanda vindo dos(as) estudantes, na formação o tema ainda é bastante raro, em muitas vezes alocadas na matriz curricular informal, dependendo do esforço dos(as) próprios(as) estudantes (DAMIANO; LUCCHETTI; LUCCHETTI, 2020).

Apesar da enorme relevância social dos temas ligados a E/R, acarretando importantes repercussões no trabalho em psicologia, e do desejo que estudantes parecem ter em compreender melhor essa dimensão, a formação em psicologia segue deficitária. Rever essa formação, de modo a flexibilizar o currículo para que

inclua maior diversidade de temas, inclusive os ligados a E/R, se torna uma demanda fundamental (FREITAS, 2018; MACHADO; PIASSON; MICHEL, 2019).

3.4 FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA E A PSICOLOGIA DA RELIGIÃO

O início da PR remete ao contexto dos anos 1890, com alguns estudos preliminares sobre o tema. Nos próximos 30 anos houve um intenso interesse no estudo do fenômeno religioso sob as lentes da Psicologia, seguidos por um declínio nos anos seguintes. A partir de 1930 a PR passou a ocupar um espaço mais marginalizado, perdendo em parte o reconhecimento acadêmico e sendo vista com suspeita, especialmente sob influência de grandes pensadores como Freud, Marx e Nietzsche. Nesse período, a religião passou a ser vista majoritariamente na perspectiva da psicopatologia ou associada à ignorância (FREITAS, 2017).

Foi nesse cenário que se desenvolveu boa parte da PR, onde, ancorada na autoridade científica, viu-se o fenômeno religioso por um viés essencialmente negativo, inferindo inclusive sobre a realidade ontológica do transcendente, objeto de estudo da Teologia. Por outro lado, embora em número bem menor, havia aqueles que tinham uma perspectiva mais positiva da religião, mesmo que para defender esse ponto de vista muitas vezes também se posicionasse sobre a realidade ontológica do transcendente, extrapolando os limites do que a Psicologia poderia contribuir enquanto ciência (FREITAS, 2017).

Esse desenvolvimento polarizado da PR ao longo dos anos é um dos motivos que explicam o silenciamento em relação ao tema a que foram submetidos os profissionais formados entre os séculos XIX e XX (FREITAS, 2017). Na atualidade, a PR segue pouco conhecida, provavelmente por diversos fatores. Entre eles, certamente está a formação recebida pelos psicólogos na graduação, onde a religiosidade tende a ser colocada como algo alheio à investigação científica, ou mesmo patológica (PAIVA, 2018). A primeira vez que a PR foi ofertada como uma disciplina da graduação no Brasil foi na década de 1980 na Universidade de São Paulo, pelo professor Geraldo José de Paiva (MACHADO; PIASSON; MICHEL, 2019), e desde então pequenos avanços foram feitos.

Uma pesquisa acadêmica avaliou a matriz curricular do curso de psicologia de 596 instituições de ensino superior brasileiras. Dessas, apenas 62 ofereciam disciplinas com nome que aparentam conter conteúdos comuns na Psicologia da

Religião, 41 (66,1%) de instituições confessionais e 21 (33,9%) não confessionais. Ainda, 50 (80,7%) eram de instituições privadas e 12 (12,3%) de públicas. Muitas das disciplinas ofertadas por essas instituições apresentam o tema da E/R de maneira geral, sem que possam de fato ser consideradas disciplinas específicas de Psicologia da Religião (MACHADO; PIASSON; MICHEL, 2019).

Uma pesquisa semelhante avaliou a presença dos temas E/R em 301 cursos de graduação em psicologia no Brasil, 84,6% de todos os cursos existentes na época. Concluíram que essas temáticas estavam presentes em 13% das instituições públicas e em 16% das instituições privadas. Em 84% dos cursos não havia oferta de disciplinas (COSTA; NOGUEIRA; FREIRE, 2019).

No âmbito da pós-graduação, foram mapeadas 35 disciplinas em pós-graduações stricto sensu que têm como foco a PR e temas relacionados. Ainda na pós-graduação, foram encontrados 46 grupos de pesquisa estudando o tema, sendo 25 grupos assumidamente ligados a Psicologia, 4 a Filosofia ou Teologia e 17 em outras áreas da saúde que não a Psicologia (MACHADO; PIASSON; MICHEL, 2019).

Os mesmos pesquisadores ainda realizaram um levantamento da inserção da PR nos eventos que compuseram as agendas da Sociedade Brasileira de Psicologia (SBP) e do Conselho Federal de Psicologia (CFP) entre 2010 e 2016. Nos 64 eventos analisados, dos 25.768 trabalhos apresentados, apenas 154 abordavam E/R relacionadas a Psicologia, ou seja, menos de 1% dos trabalhos (MACHADO; PIASSON; MICHEL, 2019).

O cenário escasso de disciplinas com essa temática se fortalece pelo fato de que não há, no Brasil, a obrigatoriedade de a PR integrar os currículos de cursos de graduação em Psicologia. Sendo assim, muitos desses conteúdos são inseridos nas matrizes curriculares de acordo com interesses específicos de alguns(as) professores(as) ou do viés da instituição. Os(as) professores(as) desempenham um papel importante nesse processo, ao tensionar formas de essas temáticas serem inseridas, mesmo que fazendo parte de alguma disciplina mais ampla (MACHADO; PIASSON; MICHEL, 2019).

Em contrapartida, na medida em que cada perspectiva teórica determina o quanto o tema deve ser acolhido ou censurado, cria-se o risco de que, em alguns contextos a religiosidade seja encarada como como um grandioso sinal de desenvolvimento da consciência, enquanto em outros seja diminuída a alguma

patologia. A PR é uma área do conhecimento específica para estudo da E/R, portanto mais distanciada de análises enviesadas (ESPERANDIO *et al.*, 2019).

Coordenações de curso e docentes costumam inserir os temas ligados a Psicologia da Religião em disciplinas que não expressam esse conteúdo no nome, pois temem associar os cursos e disciplinas a religião, para evitar a ideia de que estão difundindo uma “Psicologia Religiosa”, com ideais doutrinários, prática que dificulta o mapeamento do ensino da Psicologia da Religião nos cursos (MACHADO; PIASSON; MICHEL, 2019).

Ao contrário do que se sugere, no contexto da formação em psicologia no Brasil, os conteúdos sobre E/R são importantíssimos no trabalho em Psicologia. A inserção desses conteúdos nos currículos favorecem o atendimento alinhado aos paradigmas das reformas sanitárias e psiquiátricas, que reforçam a necessidade de o profissional de saúde atuar respeitando as singularidades das pessoas atendidas, inclusive as religiosas (FREITAS; PIASSON, 2017).

Freitas e Piasson apontam para o fato de que a Carta dos Direitos dos Usuários da Saúde (Portaria 1820 - 2009) garante que usuários da saúde têm direito a um atendimento humanizado, acolhedor e livre de discriminação, inclusive religiosa. Além disso, deve ser atendido de maneira que a sua pessoa, seus valores e direitos sejam respeitados, inclusive os religiosos. Da mesma forma, a Reforma Psiquiátrica do Brasil, convoca os profissionais a trabalharem de maneira a articular as diversas redes de apoio do paciente, inclusive as religiosas, de maneira a promover a reinserção do usuário (FREITAS; PIASSON, 2017).

Na perspectiva de Freitas (2018) reconhecer a psicologia enquanto ciência, quase invariavelmente, remete a figura de um profissional agnóstico, como se para exercer a profissão fosse fundamental o distanciamento da religião ou temas associados à ela. Esse estereótipo contribui para a tese de que estudar o fenômeno religioso não é relevante para estudantes de psicologia, dificultando o acesso a ferramentas para uma prática que acolha essa importante dimensão da vida humana. Grande parte desse silenciamento se ampara na hipótese rígida de que se apropriar desses conhecimentos geraria confusão, fazendo com que o profissional inevitavelmente exercesse uma “psicologia religiosa”. Apesar dos desconfortos que o tema gera, evitá-lo não é uma opção na vida cotidiana e no fazer da psicologia. O conceito de laicidade, tomado como princípio norteador da psicologia, na maioria

das vezes é compreendido como se exigisse uma anti religiosidade, criando um clima de rivalidade entre os dois saberes, psicológico e religioso.

Um estudo avaliou mais de mil estudantes de Psicologia no Rio Grande do Sul (RS), calouros(as) e formandos(as). Os resultados apontam que os(as) formandos(as) apresentaram índices significativamente menores de Bem-Estar Espiritual, crença espiritual e crença da importância da espiritualidade no enfrentamento de situações cotidianas. As autoras enfatizam a gravidade dos dados encontrados neste estudo, uma vez que as respostas dos(as) estudantes aos questionários, especialmente dos(as) formandos(as), demonstra desconhecimento de todas as evidências científicas que demonstram que E/R podem contribuir para o aumento da qualidade de vida (CAVALHEIRO; FALCKE, 2014).

Quando questionados(as) sobre a importância da dimensão espiritual para a prática clínica psicológica, 69,3% dos(as) formandos(as) respondeu considerar pouco ou nada importante, o que denuncia a importância de se investigar o quanto a formação em psicologia está instrumentando os(as) estudantes com os conhecimentos mais recentes entre E/R e saúde. Não só parece não estar, como, segundo as autoras, os resultados do estudo sugerem que o curso de psicologia favorece o declínio da espiritualidade, possivelmente pela maneira como é abordada (CAVALHEIRO; FALCKE, 2014).

Freitas (2018) comenta que há uma certa tendência de, durante a formação profissional, desvincular totalmente os universos da crença e do conhecimento, como se um tivesse o potencial de interferir negativamente no outro, e a irracionalidade da religião tivesse o efeito de conduzir o profissional a uma postura não ética. Paradoxalmente, ter oportunidades de aprendizados sobre os possíveis diálogos entre os dois conhecimentos poderia clarear os limites entre ambos, levando a uma postura mais comprometida eticamente.

Um estudo de revisão da literatura foi realizado recentemente com o objetivo de compreender a relação entre estudantes de Psicologia, espiritualidade, religião e formação em Psicologia no Brasil. Embora a maior parte dos(as) estudantes da amostra declarar-se religioso(a), a maioria relatou dificuldade em relacionar as experiências de E/R com os conteúdos vistos no curso, o que pode fazer com que modifiquem ou rompam com as próprias crenças de origem. Todos os estudos qualitativos analisados no artigo relatam que há um distanciamento entre Psicologia e religião na academia, e que os temas não são abordados adequadamente na

graduação. Os(as) estudantes se sentem desconfortáveis em expor suas crenças no ambiente acadêmico, e mencionam a postura de alguns(as) professores(as) e supervisores(as) de estágio, contraproducente a essa face da vivência humana. Os(as) alunos(as) formandos(as) que participaram dos estudos relataram que já haviam se deparado com o tema da E/R durante os estágios, mas se sentiam inseguros(as) em abordar de maneira adequada e eticamente, o que pode ser um sinal de que não receberam formação adequada durante a graduação (HOLANDA; PEREIRA, 2019).

Para os autores, os resultados da revisão mostram que as dificuldades enfrentadas durante a graduação se apresentam logo ali na prática profissional. Serão profissionais que reconhecem a importância da E/R, mas guardam profundos questionamentos sobre o tema na vida pessoal e ao lidar com seus pacientes. Diante de um empobrecido arsenal de conhecimento e técnicas, reproduzem aquilo que aprenderam durante a graduação: o silêncio, conhecido na psicologia como neutralidade (HOLANDA; PEREIRA, 2019).

Embora os temas ligados a E/R sejam escassos nas formações em psicologia brasileiras, as demandas ligadas ao tema são grandes no exercício da profissão. Não recebendo formação adequada, muitos(as) profissionais conduzem os casos de maneira inadequada, negando a sua importância ou operando práticas psicológicas e religiosas concomitantemente (ZANGARI; MACHADO *et al.*, 2018). A PR é uma área qualificada e em pleno crescimento (ESPERANDIO *et al.*, 2019), que pode ser muito útil para a superação desse déficit. Para tanto, se faz urgente aumentar a ofertas desses conteúdos nas disciplinas de graduação, onde se firmam conceitos e preconceitos sobre a área (PAIVA; FREITAS, 2019)

Freitas (2018) aponta para o fato de que nenhuma das inúmeras previsões de uma possível diminuição ou desaparecimento da religião ao longo do tempo se confirmou. Ao contrário, a religiosidade se mantém presente na vida da maior parte das pessoas, especialmente no contexto brasileiro. Este contexto, além de apresentar uma proporção grande de pessoas filiadas a alguma religião, apresenta também fenômenos muito particulares, como a tendência de boa parte da população a pertencer a mais de uma denominação religiosa, muitas vezes ocasionando a formação de grupos com características particulares, unindo diferentes tradições crenças e rituais. O desenvolvimento da nação, com a chegada de migrantes de diversos lugares do mundo, proporcionou um contexto de riquíssima diversidade

religiosa e cultural, o que sem dúvida repercute na vida psíquica das pessoas, exigindo que profissionais da psicologia sejam capazes de considerar e acolher a dimensão religiosa no trabalho que desenvolvem em qualquer contexto de trabalho que estejam.

A força e a complexidade da religiosidade na vida cotidiana tem convocado os(as) profissionais da saúde a repensar a importância dessa dimensão para o cuidado em saúde. O grande volume de publicações da mídia geral e especializada, como as publicadas pelos conselhos federal e regionais de Psicologia, apontam para a necessidade de se repensar a formação, de maneira a incluir o tema formalmente e com rigor técnico nas formações em Psicologia no Brasil (FREITAS; PIASSON, 2017).

Essa necessidade se dá, também, pelo fato de que o cuidado em saúde mental no país é demarcado pelas diretrizes do Sistema Único de Saúde, que prevê uma visão de ser humano integral e inserido em uma comunidade, bem como da reforma sanitária, que ressaltou a necessidade do trabalho com as redes de apoio da pessoa e de um olhar humanizado e com respeito às singularidades, inclusive as de ordem religiosa (FREITAS; PIASSON, 2017).

A PR é uma disciplina fundamental na Psicologia, especialmente em um país religioso como o Brasil. Os conhecimentos produzidos ao longo de tantos anos ajudam os profissionais a acolher as demandas religiosas dos(as) pacientes/clientes de uma perspectiva da Psicologia, não inferindo, como no passado, no que há de transcendente propriamente dito (FREITAS, 2017).

Da mesma forma, habilita o profissional a não se silenciar para essas demandas, muitas vezes fundamentais para aqueles que procuram apoio do(a) psicólogo(a). Negar esse acolhimento seria infringir a própria noção de integralidade humana, necessária ao trabalho do psicólogo, segundo o próprio código de ética da profissão (FREITAS, 2017).

4 OBJETIVOS

4.1 OBJETIVO GERAL

Conhecer a formação profissional em Psicologia no Rio Grande do Sul (RS) referente aos temas de Espiritualidade/Religiosidade (E/R), mediante a análise dos currículos e percepção de formandos(as) dos cursos de graduação.

4.2 OBJETIVOS ESPECÍFICOS

- Avaliar o projeto pedagógico dos cursos de graduação em Psicologia do RS no que diz respeito às temáticas de E/R.
- Compreender o quanto os(as) formandos(as) em cursos de graduação em Psicologia do RS se sentem aptos(a) a lidar com temas ligados a E/R.
- Compreender o quanto os(as) formandos(as) em cursos de graduação em Psicologia do RS julgam que os cursos lhes prepararam para lidar com temas ligados a E/R.
- Elaborar um produto educacional sobre E/R e Psicologia, com a intenção de promover a qualificação em Psicologia para lidar com os temas ligados a E/R.
- Avaliar a qualidade do produto educacional, por meio de especialistas na temática.

5 PERCURSO METODOLÓGICO

5.1 DELINEAMENTO DO ESTUDO

Estudo de métodos mistos, descrito por Creswell (2010) como aquele que emprega a combinação de abordagens quantitativas e qualitativas. Trata-se de um projeto exploratório sequencial Qual → Quant composto fundamentalmente por três etapas. A primeira delas consistiu na fatia qualitativa do projeto, e a segunda a quantitativa.

A terceira etapa envolveu a criação de dois produtos educacionais, elaborados e avaliados durante o andamento do projeto. Esses produtos versam sobre o tema principal do projeto (espiritualidade e religiosidade - E/R) e correspondem a proposta de mestrado profissional a que esse trabalho se insere. Abaixo seguem as etapas do estudo melhor descritas:

1. Análise do projeto pedagógico dos cursos de psicologia das universidades do Rio Grande do Sul (RS) avaliados pelo Ministério da Educação (MEC) com notas 4 ou 5 nos seguintes índices em 2018: Conceito Preliminar de Curso (CPC), Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) e Índice Geral de Cursos (IGC). Em ambos os índices, essas são as notas mais altas, sendo os cursos selecionados os de maior excelência do estado.
2. Preenchimento de um questionário (apêndice B) respondido pelos(as) formandos(as) do ano 2020/02 dos cursos citados na etapa anterior. O instrumento foi criado pelos(as) pesquisadores(as) especificamente para esse estudo, e contém questões que buscam compreender o quanto esses(as) futuros(as) profissionais se sentem aptos(as) a lidar com temas ligados a E/R no seu fazer após o término da graduação, bem como o quanto, na visão dos(as) formandos(as), esses cursos abordam essas temáticas suficiente e adequadamente. Além disso, foi aplicada nos(as) formandos(as) a Escala de Religiosidade de DUKE (DUREL) (apêndice C), que permitiu estabelecer relações com as respostas do questionário (LUCCHETTI; LUCCHETTI *et al.*, 2012).

3. Criação e avaliação de duas propostas pedagógicas: uma disciplina eletiva e um curso de formação para professores do curso de Psicologia com o tema *Espiritualidade, Religiosidade e Psicologia*. Ambas as propostas serão sugeridas à Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), instituição acolhedora desta pesquisa. Futuramente, caso as propostas sejam aceitas e executadas pela universidade, poderão ser avaliados os impactos e ganhos para os estudantes e comunidade acadêmica em geral. Essa é a principal contribuição para estudos futuros.

5.2 CENÁRIO DO ESTUDO

O cenário do estudo é composto pelos cursos de graduação em Psicologia do Rio Grande do Sul (RS) mais bem avaliados pelo Ministério da Educação (MEC) em 2018. Nove instituições cumpriam esse critério, embora uma delas não tenha demonstrado interesse em participar do estudo. Das oito restantes, uma não disponibilizou os materiais para análise, portanto foi excluída do estudo. Restaram as seguintes:

QUADRO 1 - RELAÇÃO DE INSTITUIÇÕES PARTICIPANTES

	Instituição	Caracterização	CPC 2018	ENADE 2018	IGC 2018
1	INSTITUIÇÃO 1	Privada confessional	4	4	4
2	INSTITUIÇÃO 2	Pública federal	4	5	5
3	INSTITUIÇÃO 3	Privada confessional	4	4	4
4	INSTITUIÇÃO 4	Privada	4	4	4
5	INSTITUIÇÃO 5	Pública federal	4	4	4
6	INSTITUIÇÃO 6	Pública federal	4	5	4
7	INSTITUIÇÃO 7	Pública federal	4	5	5

Fonte: dados gerados neste trabalho

5.3 POPULAÇÃO E AMOSTRA

Como o estudo foi realizado em três etapas, a população e a amostra foram bastante diversas. Na etapa um fizeram parte da amostra o conjunto dos projetos

pedagógicos dos oito cursos de psicologia citados anteriormente. Na etapa dois, a amostra foi composta por todos os(as) concluintes dos mesmos cursos no ano 2020/02. Em contato prévio com as instituições de ensino participantes, tinha-se a previsão de que haveria 187 possíveis formandos(as) em 2020/02. Desses(as), 63 (33,68%) aceitaram participar do estudo. Já na etapa três, participaram do estudo os(as) cinco especialistas na área de espiritualidade, religiosidade e psicologia ou educação em saúde convidados(as) a avaliar o produto educacional.

5.3.1 Critérios de inclusão

Na primeira etapa, foram incluídos no estudo os projetos pedagógicos dos cursos de graduação bacharelado em Psicologia do RS avaliados pelo Ministério da Educação (MEC) no ano de 2018 com notas 4 ou 5 nos índices CPC, ENADE e IGC. Fizeram parte da amostra da segunda etapa, os(as) formandos(as) desses mesmos cursos no ano 2020/02. Na terceira etapa, fizeram parte do estudo os especialistas que avaliaram a proposta da disciplina.

5.3.2 Critérios de exclusão

Na primeira etapa, foram excluídos os projetos pedagógicos a que não se tiveram acesso ao contatar a secretaria do curso. Na etapa dois, foram excluídos os participantes que não responderem os formulários no tempo determinado ou o fizerem de maneira incompleta ou inadequada. Na terceira etapa, foram excluídos os pareceres enviados fora do prazo ou de maneira incompleta.

5.3.3 Estratégia para alcance dos sujeitos de pesquisa

Nas etapas do estudo em que houve a participação de sujeitos de pesquisa, mais precisamente para aplicação do questionário, da escala DUREL e para a solicitação do parecer de avaliação do produto educacional, os(as) participantes foram convidados(as) a participar do estudo por *e-mail*.

Os questionários e a escala DUREL foram adaptados à plataforma *Google Forms*, onde também esteve exposto o Termo de Consentimento Livre e

Esclarecido. No formulário, os(as) formandos(as) foram convocados(as) a assinalar que consentiram em participar do estudo.

5.4 ANÁLISE DE DADOS

Para a análise dos projetos pedagógicos da etapa um, foi utilizado o método de análise de conteúdo, conforme a perspectiva de Bardin (2009). Para essa autora, essa ferramenta metodológica se caracteriza por ser um conjunto de técnicas de análise das comunicações, aplicável nos mais diferentes contextos, inclusive para análise documental.

O processo é sistemático e objetivo, e serve para descrever o conteúdo das mensagens (BARDIN, 2009). Apesar disso, não se tem a intenção de se deter ao caráter quantitativo nessa etapa, mas sim de, como argumentado pela mesma autora, superar a leitura simplificada, buscando a confiança nas inferências propostas a partir de uma compreensão rica e fundamentada.

Bardin (2009) coloca que não existe uma única forma de se fazer análise de conteúdo, que ela se dá na prática do trabalho, de acordo com o que é necessário para alcance dos objetivos propostos. O que se tem são regras de base, úteis para guiar o pesquisador no seu fazer. Tais regras se resumem em três fases da análise dos dados, que são: 1) a pré-análise, 2) a exploração do material e 3) o tratamento dos resultados, a inferência e a interpretação.

A primeira fase é a de organização, onde são definidos os materiais que serão submetidos à análise e onde são estabelecidos os objetivos e as hipóteses do estudo. Esta etapa foi definida a priori, tendo como resultado o escopo do projeto que balizou essa pesquisa. Cabe salientar que o objetivo dessa pesquisa foi encontrar na amostra todo e qualquer achado referente a E/R, a fim de avaliar o teor dos achados e a maneira como estão estruturados nos documentos. Na segunda fase, foi realizada a classificação dos materiais, ou seja, onde os textos foram divididos em categorias. Já na terceira e última fase da análise, foi quando as categorias foram tratadas, de maneira compreensiva, para respondessem aos objetivos da pesquisa.

Na etapa dois do projeto, os questionários respondidos pelos formandos foram analisados a partir de estatística descritiva. Na etapa três não houve análise de dados, uma vez que o foco era a avaliação feita pelos especialistas.

5.5 ELABORAÇÃO DO PRODUTO

O presente estudo partiu da hipótese, que veio a se confirmar após a pesquisa, de que os cursos de graduação que fizeram parte da amostra não abordavam adequada e suficientemente os temas ligados à E/R na formação em Psicologia. Por esse motivo, foram elaborados os dois produtos, que serão sugeridos à UFCSPA, para implementação. Caso sejam implementados, nos permitirão avaliar o impacto dessa temática na formação dos(as) estudantes da universidade, como continuidade deste estudo.

5.6 AVALIAÇÃO DO PRODUTO

Na terceira e última etapa os produtos educacionais foram avaliados. Para tanto, foi solicitado a um grupo de especialistas na temática *Espiritualidade, Religião e Psicologia* que elaborassem pareceres técnicos sobre a qualidade e viabilidade das propostas.

5.7 ASPECTOS ÉTICOS

Foram respeitados no presente estudo todas as exigências éticas em pesquisa com seres humanos. O projeto foi submetido à Plataforma Brasil, que é a base nacional e integrada de todas as pesquisas envolvendo seres humanos do sistema CEP/CONEP, bem como respeitou os aspectos éticos estabelecidos pela Resolução Nº 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde, que trata sobre a ética na pesquisa nas áreas de Ciências Humanas e Sociais.

Os pesquisadores solicitaram a assinatura do Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (apêndices D, E e F) para cada participante, que foi preenchido eletronicamente. De qualquer forma, cada participante teve acesso a uma via do termo. Em qualquer momento o(a) participante teve a oportunidade de desistir de participar.

6. RESULTADOS

Os resultados desta pesquisa foram apresentados no formato de dois artigos, sendo o primeiro relativo às análises qualitativas dos projetos pedagógicos dos cursos (apêndice F) e o segundo da análise quantitativa das respostas aos questionários (apêndice G). Com isso buscou-se facilitar a compreensão dos dados e viabilizar a divulgação científica com a submissão para publicação em revistas especializadas.

A fim de preservar o caráter inédito, os resultados são citados brevemente no corpo da dissertação e apresentados integralmente nos artigos em apêndice. Da mesma forma, o estudo propôs a criação de dois produtos educacionais, que são discutidos no corpo da dissertação e apresentados na íntegra em formato de apêndice.

6.1 ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: ANÁLISE DE PROJETOS PEDAGÓGICOS DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL

No primeiro artigo dos dados da pesquisa (apêndice F) está descrita a abordagem qualitativa dos dados do estudo realizado, no qual se analisou o conteúdo dos projetos pedagógicos de cursos de psicologia de sete instituições de ensino do Rio Grande do Sul. Os resultados evidenciaram a escassez de conteúdos relativos à espiritualidade e religiosidade. Espera-se com esse estudo colaborar para a discussão e revisão das formações profissionais, de modo a incluir conteúdos relativos a essas temáticas nos currículos desde a graduação.

6.2 ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NAS GRADUAÇÕES EM PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL: ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE FORMANDOS(AS)

No segundo artigo (apêndice G) são apresentados os resultados dos dados quantitativos gerados a partir das respostas dos 63 participantes ao questionário elaborado pela equipe de pesquisa e a Escala de Religiosidade de DUKE (DUREL). Evidenciou-se que há pouco contato com o tema na graduação, sensação de despreparo para lidar com a temática e desconhecimento acerca da produção

científica da área. Por outro lado, houve uma alta percepção de importância da espiritualidade e religiosidade no enfrentamento de situações adversas e grande desejo em ter tido oportunidades de estudo sobre o tema na graduação.

6.3 PRODUTOS EDUCACIONAIS

Com o objetivo de contribuir para a superação do cenário evidenciado pelos estudos qualitativo e quantitativo, criou-se a proposta de dois produtos educacionais. O primeiro é a proposta de uma disciplina eletiva sobre Psicologia da Religião e da Espiritualidade (apêndice H) e o segundo um curso de formação sobre Psicologia e as relações com a Espiritualidade, com a Religião e a Religiosidade (apêndice I) para os(as) professores(as) dos cursos da saúde, em especial para o curso de psicologia. Ambas as propostas serão apresentadas à universidade vinculada a pesquisa e espera-se que sejam acolhidas e aplicadas.

A equipe de pesquisa elaborou as propostas iniciais, que foram avaliadas por cinco pareceristas. Todos os(as) pareceristas são professores(as) em universidades e doutores(as) em suas áreas de estudo. Três deles(as) trabalham com temas relacionados a Psicologia da Religião e dois(as) com a educação em saúde. Com isso, buscou-se uma avaliação completa, tanto em relação aos conteúdos, quanto às questões pedagógicas.

Os produtos receberam parecer favorável de todos(as) os(as) avaliadores(as). Todos(as) os(as) pareceristas, de alguma forma, demonstraram apoio às propostas e pontuaram sobre o quanto iniciativas dessa natureza são importantes, como pode ser visto nos trechos ilustrativos a seguir:

Os dois projetos apresentados têm o grande mérito de se debruçarem sobre duas lacunas cruciais na formação em Psicologia: a insuficiência e, por vezes, ausência total de temas relacionados à religiosidade e espiritualidade nos cursos de graduação; e, conseqüentemente, a falta de preparo de docentes para lidarem com esses temas em sala de aula. (Parecerista 1 - pesquisador(a) em Psicologia da Religião)

É com muita felicidade que escrevo este Parecer. Depois de 20 anos trabalhando com esse tema, minha maior preocupação tem sido justamente o treinamento e o preparo de alunos, alunas, professores e professoras de Psicologia em relação à Psicologia da Religião e da Espiritualidade. (Parecerista 2 - pesquisador(a) em Psicologia da Religião)

Trata-se de uma iniciativa de imensa e inegável importância, que promete ser um marco educacional na instituição de origem e, esperamos, um incentivo para semelhantes iniciativas em outras instituições de ensino da psicologia. (Parecerista 1 - pesquisador(a) em Psicologia da Religião)

O apoio recebido por profissionais que se dedicam ao estudo da temática por tanto tempo é um indicador importante da lacuna de iniciativas como essa. Da mesma forma, demonstra o quanto as abordagens escolhidas, disciplina eletiva e curso para docentes, podem ser estratégias potentes para o avanço almejado com as propostas.

Diversas sugestões foram feitas acerca de questões conceituais relativas aos conteúdos, como a nomenclatura correta e inclusão ou exclusão de conteúdos. Da mesma forma, algumas questões pedagógicas foram apontadas, como sugestões de alteração nas ementas e objetivos. Todos os apontamentos foram discutidos pela equipe de pesquisa e acatados de acordo com a realidade da instituição de ensino a que as propostas serão sugeridas.

A maior fragilidade apontada pelos(as) pareceristas foi em relação a carga horária de ambas as propostas, considerada insuficiente para a quantidade de conteúdos a serem abordados. Todavia, a equipe de pesquisa compreende que apesar de insuficientes, as cargas horárias propostas devem ser mantidas, pelo menos para uma implementação piloto. Essa decisão se fundamentou no fato de

que as propostas se tratam de uma introdução da temática na instituição, e que outras propostas complementares podem vir a ser feitas ou ampliadas no futuro.

Os planos de ensino que estão nos apêndices são as versões atualizadas após a avaliação dos(as) pareceristas, portanto se tratam dos produtos finais da dissertação. Espera-se que sejam úteis para contribuir com o avanço do ensino da espiritualidade e religiosidade no curso de Psicologia e que, quando executadas, sejam alvo de novas pesquisas que avaliem seus efeitos na formação de profissionais que as cursarem.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A espiritualidade e a religiosidade são dimensões fundamentais na vida da maior parte da população, sendo importantes componentes da subjetividade, especialmente no Brasil. Diversos estudos já demonstram que essas dimensões apresentam correlações com medidas de saúde, especialmente saúde mental, sendo importantes aliadas no enfrentamento de situações adversas. Apesar disso, a literatura também aponta que essas temáticas não são abordadas de forma adequada nos cursos de graduação em psicologia no Brasil.

Com o objetivo de compreender se essa também era uma realidade no contexto dos cursos de graduação do Rio Grande do Sul, o presente trabalho partiu da premissa de que era importante uma avaliação ampla. Para tanto, foram selecionados os cursos de graduação com maior excelência segundo os critérios do Ministério da Educação, aos quais se fez análise de projetos pedagógicos e da percepção de estudantes que estavam cursando o último período da graduação.

Os dados gerados apontaram para o fato de que o cenário gaúcho é tão ou mais restrito que os do restante do país em relação ao ensino sobre espiritualidade, religiosidade e as relações com a psicologia. Os projetos pedagógicos continham uma quantidade inexpressiva de conteúdos relativos ao tema, e quando o tinham, em geral, não eram abordados de forma ampla. Em todos os achados, a temática se apresentou como coadjuvante a alguma temática central e não como uma abordagem intencional e direcionada para o desenvolvimento e atualidade do tema na profissão.

Da mesma forma, a análise das respostas ao questionário evidenciou que, no geral, os(as) futuros(as) profissionais têm a percepção de que tiveram pouco contato com o tema na graduação, sensação de despreparo para lidar com a temática e desconhecimento acerca da produção científica da área. Apesar disso, consideram a importância da espiritualidade e religiosidade no enfrentamento de situações adversas e demonstraram grande desejo em ter estudado sobre o tema na graduação.

Todos esses achados, somados aos já sabidos dados de outras regiões do país, explicitam a necessidade de urgentes mudanças nas formações brasileiras, com vistas a oferecer para a população um cuidado em saúde mental condizente com as características culturais. Essas mudanças somente serão possíveis na

medida em que o conhecimento científico for posto em prática através de ações que se proponham a sanar as lacunas históricas do ensino da psicologia no Brasil.

Nesse espírito, uma das etapas mais fundamentais deste trabalho foi elaborar duas propostas concretas, que contribuem para mudanças na abordagem do tema em estudo, na medida em que atingem dois dos principais elos que compõem a educação: a qualificação docente e discente. O processo de elaboração e aperfeiçoamento dessas propostas contou com a colaboração de cinco importantes estudiosos(as), três da área da Psicologia da Religião e duas da educação em saúde. Com isso, buscou-se criar propostas atualizadas e de excelência acadêmica.

Espera-se que as propostas sejam consideradas e acolhidas pela instituição a que esse trabalho está vinculado, e que sejam um importante passo para circulação dessas temáticas no contexto acadêmico. Da mesma forma, caso sejam executadas, essas propostas poderão ser alvo de novos estudos científicos, a fim de analisar os seus impactos na formação dos(as) profissionais. Além disso, a divulgação científica deste trabalho poderá motivar discussões e mudanças em outras instituições, especialmente as que participaram do estudo.

Como em todas as pesquisas, esse trabalho tem limitações. A maior parte decorrente do fato de que espiritualidade e religiosidade não são temáticas centrais do programa de pós-graduação e dos prejuízos consequentes da pandemia universal do vírus COVID19, que acreditamos ter impactado significativamente no número de respondentes dos questionários. Ainda, assim, constitui um importante avanço para discussão da temática no contexto da universidade e do estado do Rio Grande do Sul, que poderão ainda ser aperfeiçoados em futuros estudos decorrentes desse esforço inicial.

REFERÊNCIAS

ÁVILA, Antonio. Para conhecer a psicologia da religião. São Paulo: **Loyola**, 2007.

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Tradução de Luís A. Reto e Augusto Pinheiro. 5ed. Lisboa: **Edições 70**, 2009.

CARDEÑA, E.; LYNN, S. J.; KRIPPNER, S. Variedades da experiência anômala: análise de evidências científicas. São Paulo: Atheneu, 2013.

CAVALHEIRO, Carla M F; FALCKE, Denise. Espiritualidade na formação acadêmica em psicologia no Rio Grande do Sul. **Estud. psicol. (Campinas)**, Campinas , v. 31, n. 1, p. 35-44, Mar. 2014 .

CECCIM, Ricardo B; FEUERWERKER, Laura C. M.. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. **Physis**, Rio de Janeiro , v. 14, n. 1, p. 41-65, Junho 2004.

Conselho Federal de Psicologia - CFP. Parâmetros para atuação de assistentes sociais e psicólogos(as) na Política de Assistência Social. 2007. Recuperado em 05 de novembro de 2021, de https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/2007/09/relatorio_atuacao_psi_pas.pdf

COSTA, W., NOGUEIRA, C., & FREIRE, T. (2009). The lack of teaching/study of religiosity/spirituality in psychology degree courses in Brazil: The need of reflection. *Journal of Religion and Health*, 49(3), 322–332.

CRESWELL, John W. Projeto de pesquisa: métodos qualitativo, quantitativo e misto. 2. ed. Porto Alegre: **Bookman**, 2010.

DALGALARRONDO, Paulo. Religião, psicopatologia e saúde mental. Porto Alegre: **Artmed**, 2008.

DAMIANO, Rodolfo. F., LUCCHETTI, Alessandra. L. G., & LUCCHETTI, Giancarlo. Ensino de “saúde e espiritualidade” na graduação em medicina e outros cursos da área de saúde. **HU Revista**, 44(4), 515-525, 2020.

Esperandio, Mary R G *et al.*. Apresentação. In: Esperandio, Mary R G; Zangari, Wellington; Freitas, Marta H; Ladd, Kevin L. *Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: Estado Atual e Oportunidades Futuras*. 01. Curitiba: Editora CRV; 2019. 41-71.

FOCH, Gisele Fernandes de Lima; SILVA, Andressa Melina Becker; ENUMO, Sônia Regina Fiorim. Coping religioso/espiritual: uma revisão sistemática de literatura (2003-2013). **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 69, n. 2, p. 53-71, 2017.

FREITAS, Marta Helena de. Psicologia religiosa, psicologia da religião/espiritualidade, ou psicologia e religião/espiritualidade?. *Revista Pistis Praxis*, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 89-107, abr. 2017.

FREITAS, Marta Helena de; PIASSON, Douglas Leite. Religião, religiosidade e espiritualidade: repercussão na mídia e formação profissional em psicologia. *Esferas*, [S.l.], n. 8, feb. 2017.

FREITAS, Marta H. Relevância do estudo da religião para o estudante de psicologia. In: Antúnez, Andrés E A; Safra, Gilberto. *Psicologia Clínica da Graduação à Pós-Graduação*. 01. Rio de Janeiro: Atheneu; 2018. 273-280.

GUARESCHI, Neuza. M. F., SCISLESKI, Andrea, REIS, Carolina, DHEIN, Gisele, AZAMBUJA, Marcos. A. (Org). *Psicologia, Formação, Políticas e Produção em Saúde* (pp. 29-53). Porto Alegre: **EDIPUCRS**, 2010.

GUARESCHI, Pedrinho. *Psicologia Social Crítica: como prática de libertação* (5a ed.). Porto Alegre: **EDIPUCRS**, 2012.

HOLANDA, Adriano; PEREIRA, Karine. (2019). Religião e espiritualidade no curso de psicologia: revisão sistemática de estudos empíricos. **Interação em Psicologia**.

23. 10.5380/psi.v23i02.65373.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2010). Censo demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. <https://biblioteca.ibge.gov.br/pt/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=794>

KOENIG, Harold G. Medicina, religião e saúde. 01. Porto Alegre: L&PM; 2015

KOENIG, Harold G.; MCCULLOUGH, Michael E.; LARSON, David B. - Handbook of Religion and Health. New York: **Oxford University Press**, p. 712, 2001.

LUCHETTI, G., Granero LUCHETTI, A.L., Peres, M.F. *et al.* Validation of the Duke Religion Index: DUREL (Portuguese Version). *J Relig Health* 51, 579–586 (2012)

MACHADO, Maria F. A. S.; MONTEIRO, Estela M. L. M.; QUEIROZ, Danielle Teixeira; VIEIRA, Neiva F. C.; BARROSO, Maria G. T.. Integralidade, formação de saúde, educação em saúde e as propostas do SUS: uma revisão conceitual. *Ciênc. saúde coletiva*, Rio de Janeiro , v. 12, n. 2, p. 335-342, Apr. 2007 .

MACHADO, Fatima R; PIASSON, Douglas L; MICHEL, Renate B. Mapeamento da Psicologia da Religião no Brasil. In: Esperandio, Mary R G; Zangari, Wellington; Freitas, Marta H; Ladd, Kevin L. Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: Estado Atual e Oportunidades Futuras. 01. Curitiba: Editora CRV; 2019. 41-71.

MELO, Cynthia F. *et al.* Correlação entre religiosidade, espiritualidade e qualidade de vida: uma revisão de literatura. *Estud. pesqui. psicol.*, Rio de Janeiro , v. 15, n. 2, p. 447- 464, jul. 2015 .

MENEZES JÚNIOR, Adair de e MOREIRA-ALMEIDA, Alexander O diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e transtornos mentais de conteúdo religioso. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)* [online]. 2009, v. 36, n. 2, pp. 75-82.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO - MEC. **Diretrizes Curriculares - Cursos de Graduação**. Brasília: Ministério da Educação, 2021. 19. Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/escola-de-gestores-da-educacao-basica/323-secretarias-112877938/orgaos-vinculados-82187207/12991-diretrizes-curriculares-cursos-de-graduacao>. Acesso em: 06, novembro de 2021.

MONTEIRO, Daiane Daitx *et al.*. Espiritualidade / religiosidade e saúde mental no Brasil: uma revisão. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo , v. 40, n. 98, p. 129-139, jun. 2020

MOREIRA, Antonio F. e SILVA, Tomaz T. Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo, **Cortez**. 1994.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander *et al.* Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo , v. 37, n. 1, p. 12-15, Jan. 2010 .

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; LOTUFO NETO, Francisco; KOENIG, Harold. Religiousness and mental health: a review. **Brazilian Journal of Psychiatry [online]**. 2006, v. 28, n. 3 [Accessed 26 July 2021] , pp. 242-250.

OLIVEIRA, Márcia R; JUNGES, José R. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. *Estudos de Psicologia (Natal)* [online]. 2012, v. 17, n. 3 [Acessado 23 Setembro 2021] , pp. 469-476.

PAIVA, Geraldo J. *et al.* Psicologia da Religião no Brasil: a produção em periódicos e livros. **Psic.: Teor. e Pesq.**, Brasília , v. 25, n. 3, p. 441-446, Sept. 2009 .

PAIVA, Geraldo J. O que o psicólogo precisa saber da Psicologia da Religião. In: Antúñez, Andrés E A; Safra, Gilberto. *Psicologia Clínica da Graduação à Pós-Graduação*. 01. Rio de Janeiro: Atheneu; 2018. 267-272.

PAIVA, José G; FREITAS, Marta. História, estado atual e perspectivas da Psicologia da Religião no Brasil. In: Esperandio, Mary R G; Zangari, Wellington; Freitas, Marta H; Ladd, Kevin L. *Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: Estado Atual e Oportunidades Futuras*. 01. Curitiba: Editora CRV; 2019. 21-39.

PARGAMENT, K. I. (1997). The Psychology of religion and coping. Theory, research, practice. New York: The Guilford Press

SAIPPA-OLIVEIRA, G.; KOIFMAN, L.; PINHEIRO, R. Seleção de conteúdos, ensinoaprendizagem e currículo na formação em saúde. In: PINHEIRO, R.; CECCIM, R.B.; MATTOS, R.A. (Orgs.). Ensinar saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde. Rio de Janeiro: IMS-UERJ/Cepesc/Abrasco, 2006. p.205-27.

SCARPARO, Helena B. K. ; GUARESCHI, Neuza M. F. Psicologia social comunitária e formação profissional. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, 2007.

SILVA, Tomaz T.. O currículo como fetiche: a poética e a política no texto curricular. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2001.

SILVA, Tomaz T.. Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2010.

VASCONCELOS, Eymard. M (Org.). Espiritualidade no trabalho em saúde. São Paulo: **Hucitec**, 2006.

VOLCAN, Sandra M. A. *et al* . Relação entre bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores: estudo transversal. **Rev. Saúde Pública**, São Paulo , v. 37, n. 4, p.440-445, Aug. 2003

ZANGARI, Wellington; MACHADO, Fatima R. (org). Psicologia e Religião; 2018 [citado em 03 Abr 2021]. Disponível em: https://www.usp.br/interpsi/?page_id=368

APÊNDICE A - ARTIGO 1 - SAÚDE MENTAL, ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NO CONTEXTO DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

¹ARTIGO ORIGINAL

SAÚDE MENTAL, ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NO CONTEXTO DO SISTEMA ÚNICO DE SAÚDE: UM RELATO DE EXPERIÊNCIA

²Luiz Carlos da Silva Viegas Junior

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Brasil

E-mail: luizviegasjunior@gmail.com

³Márcia Rosa da Costa

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Brasil

E-mail: marciarc@ufcspa.edu.br

⁴Cleidilene Ramos Magalhães

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Brasil

E-mail: cleidirm@ufcspa.edu.br

²Graduado em Psicologia. Mestrando em Ensino na Saúde pela UFCSPA. E-mail: luizviegasjunior@gmail.com.

³Mestre e Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), docente do Programa de Pós-Graduação Ensino na Saúde (PPGENSAU). Coorientadora do mestrando. E-mail: marciarc@ufcspa.edu.br.

⁴Mestre e Doutora em Educação e possui Pós-doutorado em Psicologia. Professora Titular da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), docente do Programa de Pós-Graduação Ensino na Saúde (PPGENSAU). Orientadora do mestrado.. E-mail: cleidirm@ufcspa.edu.br.

¹ Artigo Original submetido à revista científica Interface – Comunicação, Saúde, Educação

RESUMO

Saúde mental é um conceito amplo, com ênfase para a integralidade humana. Nesse sentido, considerar as dimensões espiritual e religiosa se torna fundamental no cuidado em saúde mental, especialmente em um país como o Brasil, com altas taxas de religiosidade. No entanto, esse ainda é um desafio na prática dos serviços de saúde. A partir de um relato de experiência pôde-se, nesse artigo, discutir as relações entre saúde mental, espiritualidade e religiosidade (E/R) no contexto do Sistema Único de Saúde (SUS), partindo de dois pontos de análise: 1. Saúde mental, espiritualidade, religiosidade e o modelo de saúde do SUS e 2. Formação profissional em Psicologia e E/R. Espera-se com esse trabalho contribuir para a reflexão sobre o lugar que a espiritualidade e a religiosidade tem ocupado no atendimento em saúde e na formação em Psicologia.

Palavras-chave:

ABSTRACT

Mental health is a broad concept, with an emphasis on human integrality. In this sense, considering the spiritual and religious dimensions becomes fundamental in mental health care, especially in a country like Brazil, with high rates of religiosity. However, this is still a challenge in the practice of health services. Based on an experience report, this article discusses the relationship between mental health, spirituality and religiosity in the context of the Brazilian health system, starting from two points of analysis: 1. Health mental, spirituality, religiosity and the Brazilian health system model and 2. Professional training in Psychology and spirituality and religiosity. It is hoped with this work to contribute to the reflection on the place that spirituality and religiosity have occupied in health care and training in Psychology.

Key words:

INTRODUÇÃO

O conceito de saúde muda ao longo do tempo, de acordo com os diferentes momentos históricos da sociedade¹. Atualmente, a Organização Mundial da Saúde (OMS) propõe um conceito amplo, superando a ideia de ausência de doença e considerando as diversas dimensões da vida humana². Também no Brasil, a criação do Sistema Único de Saúde (SUS) oficializou um entendimento de saúde que remete à integralidade humana³.

Fundamental à saúde de pessoas e populações, a saúde mental tem sido igualmente compreendida de maneira ampla, para além da ausência de transtorno mental estabelecido⁴. Nesse sentido, a produção de saúde, e igualmente de saúde mental, convoca os profissionais da saúde a compreender e acolher as diversas dimensões da vida humana.

Duas dessas dimensões, a espiritualidade e a religiosidade (E/R), podem ser importantes aliadas na busca por saúde mental. Apesar de não haver consenso na comunidade científica sobre a definição desses termos, neste artigo compreendemos que espiritualidade é a busca profunda pela compreensão do sentido da vida e de respostas a questões que rodeiam a humanidade. Se refere ao relacionamento das pessoas com o sagrado e transcendente⁵. A religiosidade é maneira singular como cada pessoa vive a própria religião⁶, sendo a religião uma dimensão institucional e coletiva, que envolve tradições, símbolos, rituais e cerimônias relativa a uma realidade transcendente⁷.

O censo brasileiro, realizado em 2010, revelou que mais de 90% da população tem alguma religião⁸. Um levantamento nacional mostrou que 83% das pessoas considera a religião algo muito importante e 37% frequenta algum serviço religioso pelo menos uma vez por semana⁹. Nesse sentido, é pertinente imaginar que, na vida cotidiana, as pessoas lidam com saúde e religião de maneira interligada, tecendo sentidos que unem os conhecimentos e recomendações dos profissionais de saúde e as crenças religiosas e recomendações das lideranças religiosas. Considerando esse cenário, profissionais da saúde precisam considerar as dimensões da E/R de pacientes e usuários, ofertando, assim, um cuidado integral e consonante com as diretrizes de saúde nacionais e internacionais.

Justamente nas relações entre o modelo de saúde mental e E/R está a motivação para esse trabalho. Trata-se do relato da experiência de um, então, estudante de Psicologia, onde foi possível refletir sobre as relações entre saúde mental e religião. Essa experiência foi vivenciada no contexto da atenção básica do SUS, em uma Unidade de Saúde da Família (USF) localizada em um bairro em situação de vulnerabilidade social de uma capital brasileira. A partir da experiência, o artigo propõe reflexões, partindo de dois pontos de análise: 1. Saúde mental, espiritualidade, religiosidade e o modelo de saúde do SUS e 2. Formação Profissional em Psicologia e E/R.

RELATO DA EXPERIÊNCIA

Essa experiência foi vivenciada por um estudante de graduação em Psicologia em um projeto de extensão. O estudante foi convidado pela equipe a construir conjuntamente o plano terapêutico singular, uma vez que se tratava de um caso de saúde mental. Embora não tenha tido contato direto com o paciente, as reflexões desse artigo partem da vivência do estudante na construção do plano e a partir dos relatos deixados no prontuário.

O paciente tinha 33 anos na época e havia sido diagnosticado com esquizofrenia há 12 anos. O quadro iniciou com o surgimento de ideias persecutórias e alucinações aos 21 anos de idade. Ele acreditava ser perseguido por motoqueiros que queriam matá-lo, e em função disso passou a frequentar igrejas evangélicas, orar e ler a Bíblia. Segundo o relato da mãe, neste período ele saía pelas ruas pregando e tentando expurgar o "diabo" do corpo das pessoas, indicando um claro conteúdo espiritual/religioso como parte dos sintomas. Um ano após o surgimento dos primeiros sintomas, o paciente se isolou em casa, onde permaneceu por aproximadamente 11 anos.

As poucas experiências sociais decorriam de sua religiosidade, que ora representavam um resquício de saúde, e ora se misturavam com os demais sintomas decorrentes do transtorno. Não tinha relacionamentos sociais extrafamiliares, e havia perdido os cuidados básicos de higiene e saúde.

Morava em um bairro em situação de vulnerabilidade social de uma capital brasileira, o que tornava o caso ainda mais preocupante. Havia construído em torno do paciente uma notoriedade, sendo conhecido por muitas pessoas da redondeza como "o louco", aumentando a situação de vulnerabilidade com o estigma. Por outro lado, a proximidade da família com a USF fazia com que a equipe da unidade estivesse bastante apropriada da complexidade do caso, unindo os mais diversos esforços no plano terapêutico.

O paciente abordou a equipe da USF que passava em frente a sua casa. Relatou ao médico que as alucinações auditivas permaneciam intensas, e que agora tinha desenvolvido a estratégia de ouvir música clássica com fones de ouvido para disfarçar as vozes. A equipe agendou uma consulta conjunta entre o médico da equipe e a psiquiatra do Núcleo Ampliado de Saúde da Família (NASF) da região. A consulta foi realizada no domicílio do paciente, sendo ele representado pela mãe, uma vez que se recusava a sair do quarto.

Na época do diagnóstico o paciente fez uso de uma medicação que causou importantes efeitos colaterais, fazendo com que ele recusasse qualquer tratamento medicamentoso posteriormente. Por esse motivo, lhe foi prescrita uma medicação com poucas chances de causar efeitos colaterais.

Cerca de um mês após a consulta, a mãe compareceu à unidade relatando que o filho inicialmente recusou o uso da medicação. Porém, ela teve a ideia de convidar o pastor da igreja que o paciente confiava, na tentativa de que pudesse convencê-lo a aderir ao tratamento. Para surpresa de todos, após a conversa com o pastor, e de um ritual de oração em que o líder religioso abençoava a medicação, o paciente aceitou usá-la.

Dentro de algumas semanas os sintomas diminuíram drasticamente, especialmente os alucinatórios, persecutórios e de isolamento social. O paciente passou a participar de reuniões familiares, frequentar lojas e realizar algumas atividades remuneradas para os vizinhos, como cortar grama e limpar pátios. Como o transtorno afetava o funcionamento de toda a família, a diminuição dos sintomas representavam um alívio e aumento significativo do bem estar de todos. Atualmente o paciente ainda faz uso da medicação e se mantém estável e funcional.

SAÚDE MENTAL, ESPIRITUALIDADE, RELIGIOSIDADE E O MODELO DE SAÚDE DO SUS

O conceito de saúde vem mudando ao longo do tempo, e acompanha os diversos movimentos históricos, sociais, econômicos, políticos e culturais a que uma população está submetida. Desde o seu nascimento, em 1948, a Organização Mundial da Saúde (OMS) postula um entendimento amplo de saúde, que contempla o bem-estar físico, mental e social, superando o viés da saúde como sendo apenas a ausência de doença estabelecida¹.

O mesmo acontece com o conceito de Saúde Mental, definido pela OMS como um estado de bem-estar em que cada indivíduo realiza seu próprio potencial, pode lidar com as tensões normais da vida, pode trabalhar de forma produtiva e frutífera e é capaz de dar uma contribuição para sua comunidade⁴. Embora faça parte da saúde mental, as condições de saúde mental não são suficientes para defini-la, e podem ser entendidas como mudanças nos pensamentos, percepções, emoções ou comportamentos que afetam os relacionamentos e a capacidade de realizar os esperados papéis sociais e pode causar prejuízo funcional significativo.

Alguns exemplos incluem depressão, ansiedade¹⁰ e esquizofrenia, diagnóstico do paciente descrito neste artigo.

Em um estudo qualitativo, foram entrevistados 20 profissionais de nove serviços de saúde da rede pública com o objetivo de investigar e comparar o conceito de saúde mental para os profissionais. Os resultados apontaram para o conceito de saúde mental como sendo entendido em duas dimensões: na sua integralidade e sintomas psiquiátricos e doenças¹¹.

Para a maioria dos entrevistados, saúde mental refere-se a bem-estar, integralidade do ser humano e determinação social do processo saúde-doença, em consonância com o conceito oficial da OMS. Apesar disso, os autores problematizam e apontam a necessidade de mais estudos que investiguem o quanto esse conceito integral de saúde mental é de fato aplicado ao trabalho nos serviços de saúde, extrapolando as definições teóricas aprendidas nos documentos oficiais e discussões acadêmicas¹¹.

Ainda reunindo esforços para a consolidação de um entendimento de saúde que considera as múltiplas dimensões humanas, a OMS considera as dimensões espiritual e religiosa no conceito multidimensional de saúde desde 1988¹². Não por acaso, uma vez que religião e saúde se desenvolveram entrelaçadas ao longo da história, tendo as concepções religiosas influenciado a maneira como as populações entenderam e praticaram a saúde em diversos momentos¹.

No cenário brasileiro, o SUS compartilha de um conceito de saúde amplo, decorrente do meio em que cada pessoa está inserida e que considera o ser humano em sua integralidade. Desde a criação do SUS, há um esforço no sentido de consolidar um modelo de saúde que contemple as necessidades sociais mais emergentes, em uma política pública de Estado, onde a saúde é direito do cidadão³.

Dentre as características do SUS, a integralidade ganha espaço ao nos convocar, usuários e profissionais de saúde, a olhar para a saúde em suas diversas dimensões, física, social e emocional. Nesse sentido, encarar a dimensão religiosa/espiritual como estruturante da vida e da saúde se torna importantíssimo, especialmente considerando as características sociais do Brasil, um país com altos índices de religiosidade. Para muitas pessoas, a religião e a religiosidade se tornam importantes recursos no enfrentamento de angústias, sofrimentos e problemas de saúde¹³.

No que diz respeito especificamente à saúde mental, um estudo de revisão da literatura avaliou 13 artigos brasileiros publicados entre 2008 e 2019, dos quais 11 eram empíricos e dois de revisão da literatura. Na maior parte dos artigos analisados havia uma associação positiva entre E/R e saúde mental¹⁴. Para além desses resultados positivos, trabalhar de maneira a articular as diversas redes de apoio do paciente, inclusive as religiosas, é estar de acordo com os preceitos da Reforma Psiquiátrica do Brasil, aumentando as chances de reinserção do usuário¹⁵.

No caso apresentado neste artigo, os benefícios da integração da E/R no cuidado do paciente se concentram em dois pontos principais. Primeiro o fato de que o apoio do líder religioso ofereceu ao paciente a possibilidade de construção de um novo significado ao uso da medicação. Antes apoiado na experiência anterior, o paciente via na medicação como algo que promovia dor e sofrimento. Após a visita do pastor e, especialmente do apoio que demonstrou através da oração de bênção ao medicamento, seu uso passou a ser visto como algo positivo, alinhado às crenças e valores que, apesar do transtorno, faziam parte da vida daquela pessoa. Do mesmo modo, poder contar com essa rede de apoio, receber uma visita, ter um tempo da vida do líder religioso foi fundamental antes, e depois do uso da medicação. Receber a visita do pastor foi, nesse caso, tão fundamental quanto a visita do médico da unidade e da psiquiatra do NASF, indicando a necessidade de um cuidado articulado e integrado entre as diferentes dimensões que compõem a vida de pessoas e comunidades.

Essa articulação apresentou resultados satisfatórios nesse caso em particular. Embora importantes, mais potente ainda seria a possibilidade de esforços em nível comunitário. Inúmeros desfechos como esse serão possíveis caso profissionais, serviços de saúde e instituições religiosas dialoguem e elaborem intervenções conjuntas, em benefícios de usuários e fiéis, que, na vida prática, são as mesmas pessoas.

Uma pesquisa entrevistou dez profissionais da Psicologia, dos quais cinco eram trabalhadores(as) de Centros de Atenção Psicossocial (CAPS) e cinco de consultórios particulares, com o objetivo de apresentar como percebem a relação entre saúde mental e E/R na sua prática. Na visão dos profissionais entrevistados, a prática religiosa pode ser fonte de bem estar, quando oferece conforto, potência, pertencimento e pessoas com quem contar. Da mesma forma, pode ser negativa quando há exploração, manipulação, diminuição da autonomia e está centrada em

dogmas que promovem culpa. Os psicólogos entrevistados consideram que há uma relação entre E/R e saúde mental, embora essa relação seja pouco explorada na prática. Uma maneira de se compreender isso é considerando que a maior parte dos profissionais não estão preparados para lidar com essa temática¹⁶.

Um estudo realizado em quatro unidades básicas de saúde em Porto Alegre investigou a relação entre espiritualidade dos usuários no trabalho dos profissionais, revelando que os profissionais expressam concepções ambíguas acerca da influência da E/R na saúde dos usuários. Para os autores, uma das formas possíveis de compreender esse resultado, é pelo fato de os profissionais não estarem preparados para atuar nesse contexto e por não compreenderem a dimensão religiosa de maneira adequada, tendo um arsenal pequeno de ferramentas para atuar¹⁷.

Embora respeitem e valorizem E/R, demonstram isso sendo imparciais, um tipo de respeito pouco envolvido. Na prática, sabem a importância de considerar a E/R no entendimento integral de saúde, mas não conseguem operacionalizar isso de maneira concreta nas ações e nos planos terapêuticos que operam, o que torna seu fazer incompleto, e na prática, não integral¹⁷.

Como no caso aqui apresentado, a intervenção “articulada” partiu fundamentalmente da mãe do paciente. Os profissionais compreenderam a importância da E/R no desfecho do caso, mas não tinham essa ferramenta prevista no plano terapêutico da família. Obviamente, não se trata de culpabilizar os(as) profissionais que, sem dúvida, empenham esforços diariamente para que os usuários tenham atendimento de qualidade, mas de chamar atenção para a necessidade de políticas públicas que considerem a E/R como parte importante na elaboração e execução de intervenções de saúde, que contemplem o envolvimento da família e/ou da comunidade.

Em um estudo quantitativo, 174 trabalhadores da saúde de diversas instituições públicas do Rio Grande do Sul responderam um questionário em que se buscava verificar o modo em que a dimensão da E/R é vista e encaminhada nas suas práticas. Os resultados mostraram que os profissionais se dizem confortáveis em abordar questões relativas à E/R nos tratamentos (60,8%), embora quando questionados sobre o hábito de abordar de fato a temática com os pacientes, 16,5% afirmam que nunca o fazem, 12,9% quase nunca, 17,1% poucas vezes, 29,4% algumas vezes, 12,9% frequentemente, 7,1% quase sempre e 4,1% sempre.

Mais significativo ainda, ao serem questionados se já haviam integrado a E/R no tratamento dos pacientes 30,7% dos participantes relataram nunca ter tido essa experiência, 15,1% quase nunca, 15,7% poucas vezes, 23,5% algumas vezes, 9,6% frequentemente, 3,6% quase sempre e 1,8% sempre¹⁸.

Os resultados desse estudo sugerem que, muito mais que uma política de cuidado, a consideração da E/R reflete posturas individuais de cada profissional que está conduzindo o caso. Esse cenário só poderá ser superado com a criação de políticas públicas que insiram, desde a base, a compreensão da necessidade de olhar para a E/R como um recurso potente. Além disso, ao serem instrumentalizados sobre o manejo técnico e ético adequado, muitos profissionais poderão, além de confortáveis, se sentirem qualificados para a abordagem de fato da E/R no cuidado em saúde.

O caso que ilustra esse artigo deixa claro o enorme potencial de integração da dimensão E/R no plano terapêutico dos usuários. Apesar disso, aparentemente, essa integração não acontece na prática, denunciando, entre outros fatores, o despreparo que muitos profissionais da saúde experienciam ao lidar com o tema.

No caso relatado, o sucesso da integração foi muito mais responsabilidade da mãe do paciente, que uniu os diversos saberes, científicos e religiosos, a fim de que o filho tivesse maiores chances de adesão ao tratamento e de melhora. Embora os resultados tenham sido excelentes, seria importante que a equipe estivesse preparada para lidar com situações que envolvam E/R e, mais ainda, para pensar em alternativas de incluir essa dimensão e essa rede no planejamento de suas ações a nível individual e comunitário.

As pessoas constroem significados, tomam decisões e nutrem crenças sobre saúde também amparadas pela maneira como lidam com a própria E/R⁵. Considerar e adicionar a E/R no trabalho em saúde, especialmente em saúde mental, é agir em consonância com o princípio da integralidade e com o modelo de saúde do SUS, que vê o usuário no contexto de vida e o processo saúde-doença como resultado das condições de vida a que estão submetidas as pessoas e as comunidades.

FORMAÇÃO PROFISSIONAL EM PSICOLOGIA E E/R

A Lei Orgânica da Saúde (8.080/90) determina que formar recursos humanos para a área da saúde é um dos objetivos do SUS³. Fixar esse objetivo no documento

mais fundamental garante que a formação de profissionais esteja alinhada com o modelo de saúde oficial e com as necessidades da população brasileira.

Embora tenham se passado mais de trinta anos desde esse marco legal, a realidade ainda é bastante desafiadora. A formação de profissionais para a área da saúde ainda tem uma tendência de se guiar pela lógica biomédica, com ênfase na especialização em áreas específicas do corpo humano, deslocada em muitos momentos do modelo de saúde do SUS, que se pressupõe integral¹⁹. Se tratando especificamente de E/R, o cenário também não parece animador. O tema é ainda bastante raro nos cursos de formação, sendo colocado muitas vezes na matriz curricular não obrigatória, e sob empenho dos próprios estudantes²⁰. Considerando os altos índices de religiosidade da população brasileira e do entendimento de saúde vigente no país, que considera a saúde como reflexo, também, das condições de vida do povo, certamente seria um ganho poder contar com profissionais aptos a lidar com os atravessamentos decorrentes da E/R na saúde.

Inúmeros desfechos positivos, tais quais o descrito nesse artigo, poderiam ser possíveis se houvesse disposição e habilidade de profissionais de saúde para considerar essa dimensão no plano de cuidado dos usuários. Mais que isso, outros tantos desfechos seriam possíveis caso o cuidado com a saúde das comunidades pudessem envolver lideranças e instituições religiosas somando esforços para o bem estar daquela população específica, o que exigiria que os profissionais tivessem ferramentas para operacionalizar essas redes.

Em se tratando especificamente da Psicologia, área de estudo e atuação do primeiro autor deste trabalho, a formação ainda é deficitária aos temas da E/R. Esse fato é curioso, uma vez que, a fundação da Psicologia enquanto ciência foi concomitante aos primeiros estudos sobre E/R da área. Grandes nomes estudaram o tema, como Freud, Jung, Maslow e o próprio Wundt, tido na história como o fundador da Psicologia enquanto ciência²¹.

Desde 1956 existe no Brasil uma área de estudo específica da Psicologia, já presente em outras partes do mundo há mais tempo. A Psicologia da Religião (PR), que estuda os aspectos psicológicos ligados à experiência religiosa, é uma disciplina já consolidada, com importante rigor científico e contribuições importantíssimas à compreensão dessas dimensões próprias da vida humana^{21, 22, 23}.

O pouco conhecimento dos profissionais acerca da PR se deve, pelo menos em parte, ao receio de associação entre a Psicologia e a religião, muito embora,

desde 1903, com os estudos de Théodore Flournoy, preocupa-se que a PR se detenha ao que há de psicológico no religioso, e não o contrário. Para a PR, não é necessário inferir ou investigar a existência ou não existência do transcendente, cabendo apenas compreender o impacto da E/R na vida das pessoas e das comunidades²².

A PR é uma disciplina fundamental na Psicologia, especialmente em um país religioso como o Brasil. Os conhecimentos produzidos ao longo de tantos anos ajudam os profissionais a acolher as demandas psicológicas com conteúdo religioso dos(as) pacientes/clientes de uma perspectiva da Psicologia. Da mesma forma, habilita o profissional a não se silenciar para essas demandas, muitas vezes fundamentais para aqueles que procuram apoio do psicólogo. Negar esse acolhimento é, na prática, infringir a própria noção de integralidade humana, necessária ao trabalho do psicólogo, segundo o próprio código de ética da profissão²⁴, bem como no modelo de saúde vigente no país.

No caso tido aqui como base, é possível supor que o sofrimento do paciente e da família poderia ter sido abreviado caso a equipe estivesse preparada para lidar e articular as redes de apoio religioso. Para além dos resultados do caso em si, articular e trabalhar com essas redes, especialmente em bairros de periferia como o do caso, tem um potencial de aumentar a adesão e credibilidade dos serviços de saúde, especialmente em saúde mental. É comum que pessoas com algum nível de sofrimento psicológico recorram a serviços religiosos na tentativa de obter apoio e significado para o que sentem, o que torna esses serviços espaços privilegiados para prevenção e promoção de saúde, dois grandes objetivos do SUS.

Apesar de todo o histórico e relevância do estudo da PR, as formações em Psicologia, de maneira geral, tendem a não incluir esses conhecimentos nos currículos. Um levantamento constatou que, de 596 instituições de ensino superior brasileiras, apenas 62 oferecem disciplinas com nome que aparentam conter conteúdos comuns à Psicologia da Religião. Muitas das disciplinas ofertadas por essas instituições ainda apresentavam o tema da E/R de maneira geral, sem uma associação direta com a Psicologia²⁵. Ter um espaço para o tema na matriz curricular da graduação seria importante, uma vez que é ali que se firmam conceitos e preconceitos sobre a área²³. Sendo uma demanda grande, e não recebendo formação adequada, muitos profissionais conduzem os casos de maneira

inadequada, negando a sua importância ou operando práticas psicológicas e religiosas concomitantemente⁶.

Embora não de forma deliberada, o caso aqui analisado é um bom exemplo desse silenciamento. Apesar de a religiosidade do paciente ser conhecida pela equipe, era vista exclusivamente como conteúdo de sintomas psicóticos do transtorno, e não como um potencial de articulação e apoio.

Esse cenário escasso de disciplinas se fortalece pelo fato de que não há, no Brasil, a obrigatoriedade de a PR integrar os currículos de cursos de graduação em Psicologia. Muitos desses conteúdos são inseridos nas matrizes curriculares de acordo com interesses específicos de alguns(as) professores(as) ou do viés da instituição²⁵.

A força e a complexidade da religiosidade na vida cotidiana tem convocado os profissionais da saúde a repensar a importância dessa dimensão para o cuidado em saúde. O grande volume de publicações da mídia geral e especializada, como as publicadas pelos conselhos federal e regionais de Psicologia, apontam para a necessidade de se repensar a formação, de maneira a incluir o tema formalmente e com rigor técnico nas formações em Psicologia no Brasil¹⁵.

Essa necessidade se dá, também, pelo fato de que o cuidado em saúde mental no país é demarcado pelas diretrizes do SUS, que prevê uma visão de ser humano integral e inserido em uma comunidade, bem como da reforma sanitária, que ressaltou a necessidade do trabalho com as redes de apoio da pessoa, inclusive as de ordem religiosa¹⁵.

Apesar de a integralidade ser um importante pilar da construção do modelo de saúde da OMS e do SUS, o cuidado integral em saúde e em saúde mental precisa ainda tomar forma no cotidiano do trabalho. Para tanto, se faz fundamental que profissionais e gestores operem redes e construam planos de cuidado que abarquem as diversas dimensões humanas, e isso só será possível com uma formação profissional que contemple essas diferentes dimensões. A E/R têm uma expressão importante no Brasil, que faz com que seja fundamental considerá-las no trabalho em saúde mental.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Um entendimento de saúde que se propõe amplo e integral, como os propostos mundialmente pela OMS e nacionalmente pelo SUS, precisam considerar

a E/R. O desenvolvimento do conceito de saúde sempre esteve ligado a maneira como a humanidade se desenvolveu religiosamente, e em um país com as características sociais brasileiras precisa priorizar a relação saúde-espiritualidade-religiosidade nas terapêuticas e na formação dos profissionais que atuarão neste contexto.

Apesar disso, a realidade tem demonstrado um cenário ainda distante. Em geral, profissionais de saúde consideram a importância da E/R, mas não conseguem operacionalizar nos planos terapêuticos que conduzem. Além disso, a formação profissional em saúde não consegue formar os profissionais adequadamente, o que cria uma lacuna no manejo e nas necessidades da população. Na prática, se oferece um cuidado não integral, na medida em que não considera duas dimensões tão fundamentais.

Especificamente em Psicologia, há disponível uma área do conhecimento robusta e totalmente construída em alinhamento com a Psicologia em si. Apesar disso, a PR segue inexpressiva nos currículos dos cursos de graduação, o que certamente sustenta a dificuldade de os profissionais acolherem demandas de ordem religiosa e espiritual no trabalho.

As crenças religiosas movem padrões de pensamentos, emoções e comportamentos, e considerar isso é dar para as pessoas a possibilidade de desfechos mais positivos e ferramentas de enfrentamento que dialoguem com os símbolos que já são importantes para elas. Apesar de esse artigo ter se fundamentado em apenas uma experiência, inúmeros outras situações como essa acontecem diariamente, e certamente outros desfechos como esse poderiam ser possíveis caso estivéssemos mais preparados para lidar com essas situações.

Além disso, intervenções que envolvem E/R são complexas, mas podem ter um manejo e encaminhamentos simples quando se tem formação adequada. Ponderamos que muito da demanda dos serviços e de dinheiro público poderiam ser diminuídos caso a gestão e o serviço se propusesse ações coordenadas que considerassem a E/R e que trabalhassem em parceria com espaços e lideranças religiosas no contexto social/comunitário.

Finalizamos essa reflexão reconhecendo que muitos outros pontos de análise poderiam ser considerados, podendo ser esse artigo um recorte limitado, mas potente. De igual forma, fica clara a necessidade de pesquisas que possam nos amparar com dados quantitativos e qualificados sobre a relação entre saúde mental,

espiritualidade e religiosidade. Esperamos que essa discussão possa contribuir para dar visibilidade e amplitude ao debate acerca deste tema e motivar novos estudos e reflexões.

REFERÊNCIAS

1. Scliar Moacyr. História do conceito de saúde. *Physis* [Internet]. 2007 Apr [cited 2021 Apr 03]; 17(1): 29-41.
2. WHO (World Health Organization) 1946. Constitution of the World Health Organization. Basic Documents. WHO. Genebra
3. Lei nº 8.080, de 19 de Setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. *Diário Oficial da União*, 19 Set 1990
4. World Health Organization. Mental health: strengthening our response. Fact sheet 220; 2018 [cited 2021 Abr 03]. Available from:<http://www.who.int/mediacentre/factsheets/fs220/en/>.
5. Koenig, Harold G.; Mccullough, Michael E.; Larson, David B. *Handbook of Religion and Health*. New York: Oxford University Press; 2001.
6. Zangari, Wellington; Machado, Fatima R. (org). *Psicologia e Religião*; 2018 [citado em 03 Abr 2021]. Disponível em: https://www.usp.br/interpsi/?page_id=368
7. Koenig, Harold G. *Medicina, religião e saúde*. 01. Porto Alegre: L&PM; 2015
8. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. *Censo Demográfico 2010*. 01. Rio de Janeiro; 2010 [citado em 03 Abr 2021]. Disponível em: https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/periodicos/94/cd_2010_religiao_deficiencia.pdf

9. Moreira-Almeida Alexander, Pinsky Ilana, Zaleski Marcos, Laranjeira Ronaldo. Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. Rev. psiquiatr. clín. [Internet]. 2010 Jan [cited 2021 Apr 03]; 37(1): 12-15.
10. World Health Organization. Mental health of people with neglected tropical diseases: towards a personcentred approach. Geneva: World Health Organization; 2020.
11. Gaino, Loraine Vivian; Souza, Jacqueline de; Cirineu, Cleber Tiago e Tulimosky, Talissa Daniele. O conceito de saúde mental para profissionais de saúde: um estudo transversal e qualitativo*. SMAD, Rev. Eletrônica Saúde Mental Álcool Drog. 2018; vol.14, n.2: pp. 108-116.
12. Volcan Sandra Maria Alexandre, Sousa Paulo Luis Rosa, Mari Jair de Jesus, Horta Bernardo Lessa. Relação entre bem-estar espiritual e transtornos psiquiátricos menores: estudo transversal. Rev. Saúde Pública [Internet]. 2003 Aug [cited 2021 Apr 03]; 37(4): 440-445.
13. Vasconcelos, Eymard. M (Org.). Espiritualidade no trabalho em saúde. 01. São Paulo: Hucitec, 2006.
14. Monteiro, Daiane D; Reichow, Jeverson R C; Sais, Elenice F; Fernandes, Fernanda S. Espiritualidade/religiosidade e saúde mental no brasil: uma revisão. Bol. - Acad. Paul. Psicol. 2020. v. 40, n. 98, p. 129-139.
15. Freitas, Marta H; Piasson, Douglas L. Religião, religiosidade e espiritualidade: repercussão na mídia e formação profissional em psicologia. Esferas. 2016; v. 5, n. 8, p. 103- 112.
16. Oliveira, Márcia R.; Junges, José R. Saúde mental e espiritualidade/religiosidade: a visão de psicólogos. Estudos de Psicologia. 2012; v. 17, n. 3, p. 469-476.

17. Alves, Josene S; Junges, José R; López, Laura C. A dimensão religiosa dos usuários na prática do atendimento à saúde: percepção dos profissionais da saúde. *O Mundo da Saúde*. 2010; v. 34, n. 4, p. 430-436.
18. Marques Luciana F; Esperandio Mary R; Zorzi, Priscila; Zarpelon, Marlei; Silva Tiago D. Religiosidade/Espiritualidade (R/E) em Profissionais/Trabalhadores da Saúde. *Interações*. 2015; v. 10 n. 18,p. 195-09.
19. Ceccim Ricardo B; Feuerwerker Laura C. M. O quadrilátero da formação para a área da saúde: ensino, gestão, atenção e controle social. *Physis* . 2004 v.14 n.1, p. 41-65.
20. Damiano, Rodolfo F; Lucchetti, Alessandra L G; Lucchetti, Giancarlo. Ensino de saúde e espiritualidade” na graduação em medicina e outros cursos da área de saúde. *HU Revista*. 2020 v.44 n. 4, p. 515-525.
21. Ávila, Antonio. *Para Conhecer a Psicologia da Religião*. 01. São Paulo: Edições Loyola; 2007.
22. Paiva, Geraldo J. O que o psicólogo precisa saber da Psicologia da Religião. In: Antúñez, Andrés E A; Safra, Gilberto. *Psicologia Clínica da Graduação à Pós-Graduação*. 01. Rio de Janeiro: Atheneu; 2018. 267-272.
23. Paiva, José G; Freitas, Marta. História, estado atual e perspectivas da Psicologia da Religião no Brasil. In: Esperandio, Mary R G; Zangari, Wellington; Freitas, Marta H; Ladd, Kevin L. *Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: Estado Atual e Oportunidades Futuras*. 01. Curitiba: Editora CRV; 2019. 21-39.
24. Freitas, Marta H. Psicologia religiosa, psicologia da religião/ espiritualidade, ou psicologia e religião/espiritualidade?. *Pistis & Praxis*. 2017. v. 9 n. 1, p. 89-108.
25. Machado, Fatima R; Piasson, Douglas L; Michel, Renate B. Mapeamento da Psicologia da Religião no Brasil. In: Esperandio, Mary R G; Zangari, Wellington;

Freitas, Marta H; Ladd, Kevin L. Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: Estado Atual e Oportunidades Futuras. 01. Curitiba: Editora CRV; 2019. 41-71.

APÊNDICE B - QUESTIONÁRIO PARA FORMANDOS(AS)

1. Nome (opcional):

2. Idade:

3. Sexo:
 - Masculino
 - Feminino
 - Prefiro não identificar

4. Estado civil:
 - Casado/a
 - Solteiro/a
 - Separado/a
 - Divorciado/a
 - Outro. Qual?

5. Universidade/faculdade:
 - UFCSPA - Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre
 - UFRGS - Universidade Federal do Rio Grande do Sul
 - IENH - Faculdade Novo Hamburgo
 - PUCRS - Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul
 - UNISINOS - Universidade do Vale do Rio dos Sinos
 - UNIVATES - Universidade do Vale do Taquari
 - UFPEL - Universidade Federal de Pelotas
 - UFSM - Universidade Federal de Santa Maria
 - UFN - Universidade Franciscana

6. Religião:
 - Cristão/ã Católico/a
 - Cristão/ã Evangélico/a
 - Espírita
 - Budista
 - Outra religião. Qual?

___ Ateu/ateia

7. Em uma escala de 1 até 10, o quanto a religião é presente na sua vivência diária?

1 (totalmente ausente: nunca me balizo por conceitos espirituais ou procuro me relacionar com a dimensão espiritual)

2

3

4

5

6

7

8

9

10 (totalmente presente: diariamente procuro me balizar nos conceitos espirituais da minha crença e me relacionar com a dimensão transcendente, seja fazendo orações, frequentando cerimônias, refletindo sobre o sentido da vida...)

8. Em uma escala de 1 até 10, o quanto você acredita que a espiritualidade/religiosidade podem ser importantes aliadas no enfrentamento de situações adversas (depressão, ansiedade, divórcio...)?

1 (Sem importância)

2

3

4

5

6

7

8

9

10 (Muito importantes)

9. Em uma escala de 1 até 10, o quanto você se sentiu confortável para expor suas crenças espirituais/religiosas no ambiente acadêmico?

1 (Nunca me senti confortável para expor)

2

3

4

5

6

7

8

9

10 (Muito confortável, expus diversas vezes)

Não se aplica, pois sou ateu/ateia

10. Em uma escala de 1 até 10, o quanto você considera a dimensão espiritual/religiosa importante na atuação profissional do/a psicólogo/a?

1 (Sem importância)

3

4

5

6

7

8

9

10 (Muito importante)

11. Em uma escala de 1 até 10, qual o contato que você teve com os temas de espiritualidade e religiosidade na graduação em psicologia?

1 (Não tive nenhum contato com o tema na graduação)

2

3

4

5

6

7

8

9

10 (Tive uma disciplina especialmente dedicada ao tema e durante diversas disciplinas houveram discussões, leituras e integração da espiritualidade/religiosidade com a Psicologia)

12. Em uma escala de 1 até 10, o quanto você está apropriado/a do conceito Psicologia da Religião?

1 (Nada apropriado/a, não faço ideia do que se trata)

2

3

4

5

6

7

8

9

10 (Totalmente apropriado/a, já li diversos textos sobre, fui em eventos, assisti vídeos e outros recursos sobre o tema)

13. Em uma escala de 1 até 10, o quanto você está apropriado/a do conhecimento científico produzido sobre a relação entre espiritualidade, religiosidade e saúde, bem como o efeito dessas relações na saúde mental das pessoas?

1 (Nada apropriado/a)

2

3

4

5

6

7

8

9

10 (Totalmente apropriado/a)

14. Durante a graduação, em observações, práticas, estágios e afins, você já se deparou com situações que apontavam para a relação entre espiritualidade, religiosidade e saúde?

1 (Não, nunca aconteceu)

2

3

4

5

6

7

8

9

10 (Sim, em diversas situações)

15. Em uma escala de 1 até 10, o quanto você considera que a sua graduação lhe preparou para lidar na atuação como psicólogo/a com temas ligados à espiritualidade e religiosidade?

1 (A graduação não contemplou essa aprendizagem)

2

3

4

5

6

7

8

9

10 (preparou totalmente)

16. O quanto você gostaria de ter recebido mais oportunidades de aprendizado desse tema na graduação?

1 (estou satisfeito/a com o que a graduação proporcionou)

2

- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10 (Gostaria muito)

17. De uma maneira geral, em uma escala de 1 até 10, o quanto você se sente apto a lidar com situações envolvendo espiritualidade e religiosidade na sua prática profissional pós formatura?

- 1 (Totalmente inapto)
- 2
- 3
- 4
- 5
- 6
- 7
- 8
- 9
- 10 (Totalmente apto)

APÊNDICE C - ESCALA DE RELIGIOSIDADE DE DUKE (DUREL)

1. Com que frequência você vai a uma igreja, templo ou outro encontro religioso?

1. Mais do que uma vez por semana
2. Uma vez por semana
3. Duas a três vezes por mês
4. Algumas vezes por ano
5. Uma vez por ano ou menos
6. Nunca

2. Com que frequência você dedica o seu tempo a atividades religiosas individuais, como preces, rezas, meditações, leitura da bíblia ou de outros textos religiosos?

1. Mais do que uma vez ao dia
2. Diariamente
3. Duas ou mais vezes por semana
4. Uma vez por semana
5. Poucas vezes por mês
6. Raramente ou nunca

A seção seguinte contém três frases a respeito de crenças ou experiências religiosas. Por favor, anote o quanto cada frase se aplica a você.

3. Em minha vida, eu sinto a presença de Deus (ou do Espírito Santo).

1. Totalmente verdade para mim
2. Em geral é verdade
3. Não estou certo
4. Em geral não é verdade
5. Não é verdade

4. As minhas crenças religiosas estão realmente por trás de toda a minha maneira de viver.

1. Totalmente verdade para mim
2. Em geral é verdade

3. Não estou certo
4. Em geral não é verdade
5. Não é verdade

5. Eu me esforço muito para viver a minha religião em todos os aspectos da vida.

1. Totalmente verdade para mim
2. Em geral é verdade
3. Não estou certo
4. Em geral não é verdade
5. Não é verdade

APÊNDICE D - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA FORMANDOS(AS)

Você está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa desenvolvida na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), intitulada ***Espiritualidade e religiosidade na graduação em psicologia no Rio Grande do Sul: conhecendo o cenário e propondo um caminho***. Esta pesquisa tem como objetivo conhecer a formação profissional em psicologia no Rio Grande do Sul (RS) referente aos temas de Espiritualidade/Religiosidade (E/R).

Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações abaixo sobre os procedimentos da pesquisa.

1. Você poderá recusar-se a participar da pesquisa e poderá abandoná-la em qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Durante qualquer etapa, você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta que lhe cause algum constrangimento ou desconforto.

2. A sua participação como voluntário/a não lhe trará nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza. Não há, também, despesas para a participação na pesquisa.

3. Você irá responder a um questionário que tem o objetivo de avaliar o quanto, na sua percepção, a sua formação instrumentalizou para lidar com o tema da E/R na prática profissional do Psicólogo.

4. Caso você aceite participar da pesquisa, seus dados sociodemográficos (tais como idade, sexo, cidade de origem, religião) serão coletados, a fim de caracterizar os participantes da pesquisa de forma geral. Os dados serão divulgados com garantia de anonimato aos participantes, com a utilização de pseudônimos, com o objetivo de evitar a identificação do participante.

5. É importante ressaltar que os riscos para participação nesta pesquisa são mínimos, relacionados a algum desconforto ou constrangimento que possa ocorrer na decorrência de alguma pergunta. Caso esse risco ocorra, você poderá interromper sua participação no estudo, sem que isso lhe cause qualquer prejuízo. Adicionalmente, a equipe de pesquisa se responsabiliza pela assistência aos participantes.

6. O benefício da sua participação no estudo será a contribuição para a evolução de pesquisas científicas sobre E/R e Psicologia.

7. Eventuais danos comprovadamente causados pela pesquisa serão indenizados e estarão sob responsabilidade dos/as pesquisadores/as.

8. Serão garantidos o sigilo e a privacidade de sua identidade e das informações que você fornecer, sendo-lhe reservado o direito de omissão de dados. Os dados somente poderão ser utilizados em estudos futuros que estejam relacionados ao objetivo desta pesquisa e que atendam a todos os termos do consentimento.

9. Na apresentação dos resultados, não serão citados os nomes dos/as participantes, garantindo dessa forma o sigilo na divulgação dos dados.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é respondido eletronicamente, podendo o participante solicitar uma cópia no email cleidirm@ufcspa.edu.br.

Caso sejam necessários maiores esclarecimentos sobre este estudo e sua participação, você poderá entrar em contato com a pesquisadora principal Profa. Dra. Cleidilene Ramos Magalhães, pelo telefone (51) 3303-8768, de segunda a sexta-feira no horário das 8h às 12h e das 14h às 17h, ou pelo e-mail cleidirm@ufcspa.edu.br. Você ainda poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFCSPA (CEP/UFCSPA), situado na Rua Sarmiento Leite, 245, Prédio 3, Sala 407, Porto Alegre, RS, pelo telefone (51) 3303-8804. O Comitê de Ética é um órgão independente que se pronuncia em relação aos aspectos científicos e éticos de um projeto de pesquisa.

Confirmo ter conhecimento do conteúdo deste termo e que tive tempo adequado para refletir sobre o convite. Ao clicar no botão abaixo eu concordo em participar desta pesquisa, fui informado/a de seus objetivos e por isso dou meu consentimento.

APÊNDICE E - TERMO DE CONSENTIMENTO LIVRE E ESCLARECIDO PARA PARECERISTAS DO PRODUTO EDUCACIONAL

Você está sendo convidado/a a participar de uma pesquisa desenvolvida na Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), intitulada ***Espiritualidade e religiosidade na graduação em psicologia no Rio Grande do Sul: conhecendo o cenário e propondo um caminho***. Esta pesquisa tem como objetivo conhecer a formação profissional em psicologia no Rio Grande do Sul (RS) referente aos temas de Espiritualidade/Religiosidade (E/R).

Antes de aceitar participar da pesquisa, leia atentamente as explicações abaixo sobre os procedimentos da pesquisa.

1. Você poderá recusar-se a participar da pesquisa e poderá abandoná-la em qualquer momento, sem qualquer prejuízo. Durante qualquer etapa, você poderá recusar-se a responder qualquer pergunta que lhe cause algum constrangimento ou desconforto.

2. A sua participação como voluntário/a não lhe trará nenhum privilégio, seja ele de caráter financeiro ou de qualquer natureza. Não há, também, despesas para a participação na pesquisa.

3. Você está sendo convidado/a para avaliar o conteúdo teórico e metodológico, bem como a qualidade dos produtos educacionais desenvolvidos com foco na temática Psicologia, espiritualidade e religiosidade. Os produtos educacionais são uma proposta de disciplina e um curso de formação docente, resultados do Mestrado Profissional em Ensino na Saúde da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA). Você receberá os produtos por correio eletrônico, no endereço que lhe for mais conveniente.

4. A sua participação como voluntário/a se dará a partir do desenvolvimento de um parecer técnico acerca do conteúdo e forma, bem como da qualidade do produto educacional, apontando sugestões de melhoria no material e também contemplando as questões que foram trabalhadas na ótica da Psicologia, espiritualidade e religiosidade. Para evitar custos, você será solicitado/a a enviar o parecer por correio eletrônico à equipe de pesquisa.

5. É importante ressaltar que os riscos para participação nesta pesquisa são mínimos, relacionados a algum desconforto ou constrangimento que possa ocorrer devido ao tempo despendido para análise do produto e elaboração do parecer. Caso esse risco ocorra, você poderá interromper sua participação no estudo, sem que isso

lhe cause qualquer prejuízo. Adicionalmente, a equipe de pesquisa se responsabiliza pela assistência aos participantes.

6. O benefício da sua participação no estudo será a contribuição para a evolução de pesquisas científicas sobre E/R e psicologia.

7. Eventuais danos comprovadamente causados pela pesquisa serão indenizados e estarão sob responsabilidade dos/as pesquisadores/as.

8. Serão garantidos o sigilo e a privacidade de sua identidade e das informações que você fornecer, sendo-lhe reservado o direito de omissão de dados. Os dados somente poderão ser utilizados em estudos futuros que estejam relacionados ao objetivo desta pesquisa e que atendam a todos os termos do consentimento.

9. Na apresentação dos resultados, não serão citados os nomes dos/as participantes, garantindo dessa forma o sigilo na divulgação dos dados.

O Termo de Consentimento Livre e Esclarecido é composto por duas vias, uma pertencente ao/a participante e outra à equipe de pesquisa. As duas vias deverão ser assinadas ao término da leitura pelo/a participante.

Caso sejam necessários maiores esclarecimentos sobre este estudo e sua participação, você poderá entrar em contato com a pesquisadora principal Profa. Dra. Cleidilene Ramos Magalhães, pelo telefone (51) 3303-8768, de segunda a sexta-feira no horário das 8h às 12h e das 14h às 17h, ou pelo e-mail cleidirm@ufcspa.edu.br. Você ainda poderá entrar em contato com o Comitê de Ética em Pesquisa com Seres Humanos da UFCSPA (CEP/UFCSPA), situado na Rua Sarmiento Leite, 245, Prédio 3, Sala 407, Porto Alegre, RS, pelo telefone (51) 3303-8804. O Comitê de Ética é um órgão independente que se pronuncia em relação aos aspectos científicos e éticos de um projeto de pesquisa.

Confirmo ter conhecimento do conteúdo deste termo e que tive tempo adequado para refletir sobre o convite. A minha assinatura abaixo indica que concordo em participar dessa pesquisa, fui informado/a de seus objetivos e por isso dou meu consentimento.

APÊNDICE F - ARTIGO 2 - ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA: ANÁLISE DE PROJETOS PEDAGÓGICOS DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DO RIO GRANDE DO SUL

¹ARTIGO ORIGINAL

ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NA FORMAÇÃO EM PSICOLOGIA:
ANÁLISE DE PROJETOS PEDAGÓGICOS DOS CURSOS DE GRADUAÇÃO DO
RIO GRANDE DO SUL

²Luiz Carlos da Silva Viegas Junior

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Brasil

E-mail: luizviegasjunior@gmail.com

³Márcia Rosa da Costa

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Brasil

E-mail: marciarc@ufcspa.edu.br

⁴Cleidilene Ramos Magalhães

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Brasil

E-mail: cleidirm@ufcspa.edu.br

²Graduado em Psicologia. Mestrando em Ensino na Saúde pela UFCSPA. E-mail: luizviegasjunior@gmail.com.

³Mestre e Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), docente do Programa de Pós-Graduação Ensino na Saúde (PPGENSAU). Coorientadora do mestrando. E-mail: marciarc@ufcspa.edu.br.

⁴Mestre e Doutora em Educação e possui Pós-doutorado em Psicologia. Professora Titular da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), docente do Programa de Pós-Graduação Ensino na Saúde (PPGENSAU). Orientadora do mestrado.. E-mail: cleidirm@ufcspa.edu.br.

¹ Artigo Original não submetido

RESUMO

Embora a espiritualidade e a religiosidade sejam dimensões importantes na vida dos(as) brasileiros(as), com importantes impactos na vida psíquica, conteúdos relacionados a esses temas são raros nas graduações em Psicologia. O objetivo deste trabalho foi conhecer a formação profissional em psicologia no Rio Grande do Sul (RS) referente aos temas de Espiritualidade/Religiosidade (E/R), a partir da análise documental. Para tanto realizou-se uma pesquisa qualitativa em que se analisou o conteúdo dos projetos pedagógicos dos cursos de Psicologia de sete instituições de ensino superior. Os resultados colaboram com a já evidenciada escassez de conteúdos em formações brasileiras e sugerem que essas temáticas não são abordadas de forma suficiente e adequada. Espera-se com esse estudo colaborar para a discussão e revisão das formações profissionais, de modo a incluir conteúdos relativos a essas temáticas tão fundamentais para as pessoas.

Palavras-chave:

ABSTRACT

Although spirituality and religiosity are important dimensions in the lives of Brazilians, with important impacts on psychic life, contents related to these themes are rare in psychology graduations. The objective of this work was to know the professional training in psychology in Rio Grande do Sul (RS) regarding the themes of Spirituality/Religiosity, based on document analysis. Therefore, a qualitative research was carried out in which the content of the pedagogical project of seven educational institutions was analyzed. The results collaborate with the already evident scarcity of content in Brazilian training. This study is expected to contribute to the discussion and review of professional training, in order to include content related to these themes that are so fundamental to people.

Key words:

INTRODUÇÃO

O interesse pelo estudo científico das relações entre espiritualidade, religiosidade e saúde aumentaram exponencialmente nos últimos anos, especialmente se tratando de saúde mental. Apesar de existirem muitas definições descritas na literatura, em saúde, espiritualidade pode ser compreendida como a busca pela compreensão do sentido da vida e de respostas às questões que

rodeiam a humanidade. Molda o relacionamento humano com o sagrado e transcendente, e não necessariamente precisa envolver rituais ou comunidades (KOENIG; MCCULLOUGH; LARSON, 2001). A religião envolve uma dimensão mais institucional e coletiva, com tradições, símbolos, rituais e cerimônias relativas a uma realidade transcendente e que são compartilhados por um grupo de pessoas (KOENIG, 2015). Por sua vez, a religiosidade é entendida como a maneira singular como cada pessoa experiencia a própria religião (ZANGARI; MACHADO *et al.*, 2018).

Embora ainda seja um campo a ser explorado, muitos estudos vêm apontando para o potencial de a espiritualidade/religiosidade (E/R) contribuir para o desenvolvimento de qualidade de vida e bons índices de saúde mental, sendo importantes ferramentas para o enfrentamento de situações adversas (MOREIRA-ALMEIRA; LUCCHETTI, 2016; MELO *et al.*, 2015). Além disso, as características sociais brasileiras indicam que E/R são áreas de muita importância para a população (IBGE, 2010; MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2010)

Todo esse cenário demonstra a necessidade de profissionais da Psicologia, que lidam diretamente com saúde mental, obterem acesso a conhecimentos que possam auxiliar no manejo de situações que envolvam a relação entre E/R e saúde mental. Em contrapartida, diversos levantamentos têm demonstrado um cenário contrário no Brasil, onde essas temáticas costumam ser abordadas nos cursos de graduação de maneira escassa e pouco qualificada (MACHADO; PIASSON; MICHEL, 2019; COSTA; NOGUEIRA; FREIRE, 2009).

Nessa contradição se concentra o foco principal deste trabalho, que teve o objetivo de conhecer a formação profissional em psicologia no Rio Grande do Sul (RS) referente aos temas de E/R, a partir da análise documental. Espera-se que essa análise e as ideias propostas nas discussões possam colaborar com uma maior compreensão e superação dos desafios que compõem a relação E/R, saúde mental e formação profissional em Psicologia.

MÉTODO

Esse artigo apresenta os resultados parciais de uma dissertação de mestrado conduzida pelos(as) autores(as), cujo objetivo foi conhecer a formação profissional em Psicologia no Rio Grande do Sul (RS) referente aos temas de

Espiritualidade/Religiosidade (E/R), mediante a análise dos currículos e percepção de formandos(as) dos cursos de graduação.

No artigo apresentou-se os resultados decorrentes do escopo qualitativo do estudo, que consistiu na análise do conteúdo (BARDIN, 2009) dos Projetos Pedagógicos dos Cursos (PPCs) das instituições selecionadas. Para essa autora, essa ferramenta metodológica se caracteriza por ser um conjunto de técnicas de análise das comunicações, aplicável nos mais diferentes contextos, inclusive para análise documental.

Compuseram a amostra as instituições de ensino gaúchas melhor avaliadas pelo Ministério da Educação (MEC) em 2018 nos seguintes índices: Conceito Preliminar de Curso (CPC), Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) e Índice Geral de Cursos (IGC). Nove instituições cumpriram os critérios, embora uma delas não tenha enviado os materiais para análise e outra não tenha demonstrado interesse em participar do estudo. Portanto, foram analisados os PPCs de sete instituições de ensino, sendo quatro públicas federais e três privadas, das quais duas são confessionais católicas.

Bardin (2009) ressalta que não existe uma única forma de se fazer análise de conteúdo, que ela se dá na prática do trabalho, de acordo com o que é necessário para alcance dos objetivos propostos. O que se tem são regras de base, úteis para guiar o pesquisador no seu fazer. A análise dos conteúdos dos PPCs foi realizada em três momentos, como proposto por Bardin (2009). No primeiro, chamado de pré-análise, foram selecionados os materiais que fariam parte da amostra, de acordo com o método delineado.

No segundo momento foi realizada a leitura dos materiais na íntegra com o objetivo de encontrar quaisquer elementos que de alguma forma remetesse a E/R. Após a leitura e seleção dos fragmentos, foram selecionadas algumas palavras chave que tiveram alta frequência, e realizou-se uma nova busca no material inicial utilizando os recursos de busca do software *Googledocs*, para se certificar que nenhum material importante teria passado despercebido. A saber, as palavras chave foram: religião; espiritualidade; sagrado; social; integral; integralidade; intersetorialidade; ampliada; cristã; igreja; rede; jesuíta.

Após a reunião dos fragmentos que fariam parte da análise propriamente dita, foi realizada uma nova leitura do material a fim de encontrar similaridades entre os

fragmentos dos PPCs. Essa etapa resultou na divisão do material em cinco categorias, que serão apresentadas a seguir.

A terceira e última fase da análise foi a que resultou na elaboração das categorias, que foram tratadas de maneira compreensiva, para que respondessem aos objetivos da pesquisa. Essa etapa originou as discussões e conclusões apresentadas neste artigo.

RESULTADOS

Abaixo são descritas as cinco categorias resultantes da análise de conteúdo dos dados da pesquisa. As categorias foram nomeadas a partir da evidenciação dos sentidos que emergiram dos dados em análise.

CATEGORIA TEXTO EXPLÍCITO

Nessa categoria foram agrupados todos os fragmentos de texto que remetiam a espiritualidade, religiosidade e afins de forma explícita. Conteúdos desse tipo foram encontrados nos PPCs de quatro instituições, três delas privadas e uma pública. Foram encontrados nove fragmentos de texto, estando cinco vezes no contexto da ementa de alguma disciplina. Em outras palavras, haviam cinco disciplinas com conteúdos diretamente relacionados a E/R, sendo três de uma única instituição privada (instituição 1), uma de outra instituição privada (instituição 2) e uma de instituição pública (instituição 3). Abaixo são apresentadas as disciplinas encontradas:

QUADRO 1 - DISCIPLINAS COM CONTEÚDO EXPLÍCITO

Instituição	Nome da disciplina	Fragmento da ementa
Instituição 1	Psicologia e Tanatologia (obrigatória)	Morte e religião.
	Formação específica ênfase II: Dependência Química, Atualidades e Intervenções (obrigatória)	Buscar articular percurso histórico das sociedades com as substâncias, o uso sagrado, o uso gregário e as normas culturais em torno deste uso.
	Antropologia Social (optativa)	Sistema de valores e padrões de comportamento: magia, religião e arte.
Instituição 2	Educação das Relações	Competências:

	Étnico-Raciais (obrigatória)	<ul style="list-style-type: none"> - Formar profissionais abertos e capazes de lidar com a diversidade religiosa na sociedade. - Ter um espírito laico de igual respeito às manifestações religiosas. - Valorizar a dimensão religiosa na sociedade, especificamente na sociedade brasileira, como fundamental para um sadio exercício profissional; Conhecimentos: <ul style="list-style-type: none"> - Diversidade religiosa;
Instituição 3	Psicologia e Filosofia (obrigatória)	Problema dos universais e a existência de Deus: Santo Agostinho, Santo Tomas e Guilherme de Ockham.

Fonte: dados gerados neste trabalho

Ainda foram encontrados materiais que remetiam explicitamente a E/R no nome de livros que faziam parte das indicações bibliográficas de três disciplinas, embora o nome ou a ementa das disciplinas não versassem sobre o tema. Por último, houve um fragmento no corpo do texto do PPC de uma instituição privada que expunha o objetivo de desenvolver nos futuros profissionais as seguintes competências e habilidades: *Compreensão das relações e problemáticas envolvidas nas questões que abrangem as diversidades sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras face à afirmação dos direitos humanos.* Apesar do objetivo citado, a instituição não apresentou nenhum texto explícito no conteúdo de alguma disciplina específica. Em síntese, três instituições apresentaram disciplinas com o tema (duas privadas e uma pública), uma apresentou no corpo do PPC (privada) e três não apresentaram qualquer conteúdo que remetesse explicitamente a E/R, todas elas públicas.

CATEGORIA ASPECTOS SOCIAIS E CLÍNICA AMPLIADA

Essa categoria reuniu fragmentos do texto em que se fazia menção ao objetivo de formar profissionais aptos a lidar com questões amplas que afetam o ser humano e que determinam o processo saúde-doença como cultura, história, política, economia, entre outros. Embora nenhum dos fragmentos agrupados nessa categoria faça qualquer referência direta a E/R, espera-se que essas dimensões estejam contempladas, uma vez que costumam ter estreita relação com os fenômenos citados. Essa categoria reuniu fragmentos como os caracterizados a seguir:

Busca-se contribuir para a discussão dos aspectos políticos, históricos e sociais na produção da subjetividade humana, a fim de propor intervenções e projetos em saúde mental.

Formar profissionais que possam compreender os fenômenos sociais, econômicos, culturais e políticos do país e que se preocupem com a transformação social.

Considerar as dimensões da cultura, das relações sociais e econômicas, das condições de vida como elementos determinantes do processo saúde/doença dos sujeitos e suas comunidades.

Proporciona a compreensão teórica de fenômenos sociais contemporâneos que perpassam a prática do profissional em Psicologia e que mobilizam a opinião pública na atualidade.

São consideradas as dimensões política, institucional, social, cultural e econômica como produtoras de implicações para o contexto da clínica.

Como pode ser visto nos trechos selecionados acima, há uma preocupação em conduzir o processo de aprendizagem de modo que o(a) futuro(a) profissional esteja apto(a) para um olhar amplo da saúde. Apesar disso, em nenhum dos documentos analisados ficou explícito que E/R seriam dimensões consideradas para a construção desse olhar amplo para a saúde.

CATEGORIA INTEGRALIDADE

Nessa categoria se reuniu os fragmentos que versavam sobre a necessidade de compreensão do ser humano na integralidade. Embora não tenha deixado explícito, a formação de profissionais para um cuidado integral pressupõe a consideração de todos os aspectos da vida humana, inclusive da E/R. Os trechos dessa categoria são exemplificados a seguir:

Compromisso com a integralidade, a universalidade, a busca de equidade e a incorporação de novas tecnologias, saberes e práticas em processos saúde/doença.

A atenção integral à saúde será um eixo transversal no currículo, entendendo-se saúde como qualidade de vida.

Assegurando uma compreensão integral e contextualizada dos fenômenos e processos psicológicos.

Compreender o ser humano em sua integralidade é uma demanda cada vez mais clara no cuidado em saúde, sendo um dos eixos fundamentais do modelo de saúde vigente no país. Embora a E/R sejam dimensões estruturantes da vida humana, portanto fundamentais para um cuidado integral, em nenhum dos documentos analisados ficou claro que o olhar integral as contemplassem, como pode ser visto nos trechos acima.

CATEGORIA ARTICULAÇÃO DE REDES:

A capacidade de trabalho em rede foi uma das preocupações fortemente expressada em diversos momentos nos projetos pedagógicos, o que justifica essa categoria. Apesar de não explicitar diretamente nos textos, é razoável supor que esses conteúdos estão ligados ao tema da E/R, uma vez que as redes de cuidado ao redor de uma pessoa certamente extrapolam as instituições de saúde, contemplando também pessoas e instituições ligadas a E/R. A seguir, trechos que exemplificam os conteúdos agrupados nessa categoria:

Realizar ações em saúde que promovam a articulação de redes de cuidado.

Deve estar preparado para a articulação de redes de cuidado e, principalmente, para o trabalho interprofissional e intersetorial, entendendo que são essas articulações que a região demanda.

O caráter multidisciplinar da formação busca fomentar o pensar reflexivo sobre a situação de relacionamento interpessoal presente no cuidado com o paciente (ou demais usuários de saúde), bem como na interação com as instituições de saúde e com as demais instituições sociais.

O cuidado em rede se configura pela valorização de atores/atrizes e instituições que fazem parte da vida de uma pessoa, e que podem ser pontos de apoio e cuidado. Como posto nos trechos acima, trabalhar em rede exige de profissionais uma abertura para o diálogo com instituições e lideranças intersetoriais e sociais, o que certamente inclui as de caráter religioso. De qualquer forma, os PPCs não explicitaram em nenhum momento que o cuidado em rede também diz respeito às dimensões espirituais e religiosas das pessoas e comunidades.

VALORES RELIGIOSOS DA INSTITUIÇÃO

Duas das três instituições privadas analisadas têm caráter confessional de origem católica. Com isso, em alguns trechos dos projetos pedagógicos foi expressado o interesse em formar profissionais alinhados(as) aos valores institucionais de origem religiosa. Esses trechos são exemplificados a seguir:

Promover educação de qualidade através da construção, produção e socialização do saber, com base nos princípios cristãos, para atuar numa sociedade em transformação.

Desenvolver o perfil profissional e de liderança orientado por valores jesuítas e movido pelo senso de propósito e responsabilidade social.

Apesar de os trechos acima terem um conteúdo que remete à religiosidade, foram articulados nos documentos de modo que fossem interpretados como valores importantes para a instituição de ensino. A instituição se orienta por esses valores no modo como organiza o próprio trabalho, mas eles não são impostos para os(as) estudantes, tampouco ensinados como conteúdos acadêmicos propriamente ditos.

Esses valores dizem sobre a compreensão de pessoa da instituição, e não de um modelo profissional a ser construído.

DISCUSSÃO

Embora seja um campo com necessidade de aprimoramento e investimento, os conhecimentos disponíveis atualmente acerca das relações entre E/R indicam algumas evidências importantes. Um estudo de revisão sistemática da literatura reuniu 850 artigos que avaliavam as relações entre envolvimento religioso e saúde mental publicados ao longo do século 20. A maioria dos estudos evidenciou correlações positivas, ainda que moderadas, entre maior nível de envolvimento religioso e indicadores de bem estar psicológico, em especial para idosos e pessoas submetidas a situações de estresse. Da mesma forma, um maior nível de envolvimento religioso apresentou correlações inversas para sintomas de depressão, pensamentos ou comportamentos suicidas e uso ou abuso de álcool ou outras drogas (MOREIRA-ALMEIDA; LOTUFO NETO; KOENIG, 2006). Um artigo de revisão da literatura avaliou 13 estudos brasileiros publicados entre 2008 e 2019, dos quais 11 eram empíricos e 2 de revisão da literatura. A maioria dos artigos avaliados evidencia que existem associações positivas entre E/R e saúde mental (MONTEIRO *et al.*, 2020).

O trabalho aqui apresentado avaliou os currículos das universidades que alcançaram as notas mais altas nos índices do MEC. Ao adotar esse critério no método buscou-se ter acesso aos cursos com maior excelência acadêmica do RS, e conseqüentemente com maiores chances de oferecer currículos atualizados, de acordo com as descobertas das pesquisas em E/R. Todavia, a análise dos dados demonstrou que os conhecimentos referentes a esses temas não estavam presentes de forma ampla e consistente nas ementas das disciplinas ou nos demais conteúdos dos PPCs. Os conteúdos relacionados a E/R estavam presentes de forma explícita em somente cinco disciplinas das quais uma era optativa, não pertencendo a matriz curricular obrigatória. Ainda, nenhuma disciplina se propunha a ensinar sobre as relações entre Psicologia, saúde mental e E/R, mas sempre traziam esses temas como coadjuvantes a um tema primário.

Segundo os dados brasileiros oficiais, mais de 90% da população declara ter alguma religião, o que indica a importância dessa dimensão na vida comum da população (IBGE, 2010). Do mesmo modo, uma pesquisa de levantamento

entrevistou mais 3000 pessoas, das quais 83% responderam que consideravam a religião algo muito importante e 37% frequentavam algum serviço religioso pelo menos uma vez por semana (MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2010)

Além dos altos índices de adesão e envolvimento religioso, o contexto brasileiro é palco de alguns fenômenos bastante particulares em relação à forma com que as pessoas se relacionam com a E/R. É comum o pertencimento a mais de uma denominação religiosa, o que muitas vezes acarreta na formação de novos grupos, com tradições, crenças e rituais muito particulares. A chegada de migrantes de diversos lugares do mundo em interação com os saberes dos nativos que já ocupavam o território brasileiro têm oportunizado um contexto cultural rico para o desenvolvimento de diferentes formas de se vivenciar a E/R. Esse cenário certamente impacta a vida psíquica das pessoas, convocando profissionais a estarem preparados para acolher a E/R quando se fizer necessário (FREITAS, 2018). Para tanto, é importante que as formações profissionais contemplem essas temáticas, instrumentalizando os(as) profissionais para um manejo ético e científico de demandas que se relacionem com E/R. Embora a formação profissional seja uma construção constante, é esperado que a base seja fundamentada durante a graduação, quando se formam os conceitos e preconceitos (PAIVA; FREITAS, 2019).

Considerando a forte adesão e envolvimento religioso da população brasileira, e as conseqüentes repercussões na saúde mental, parece conveniente que em algum momento do curso de graduação em Psicologia sejam ofertados conteúdos específicos sobre estas relações. A Psicologia contém grande tradição no estudo da E/R, com o desenvolvimento de saberes e ferramentas que podem ser de grande utilidade no acolhimento de demandas psicológicas que tenham conteúdo religioso.

Nos PPCs avaliados neste estudo, os conteúdos relacionados a E/R estavam sempre associados a um outro tema principal, que foram: Antropologia, Tanatologia, Filosofia, dependência química e relações étnico-raciais. Embora E/R se relacione diretamente com essas temáticas, as relações com a Psicologia enquanto área do conhecimento certamente são mais profundas e frequentes. Em nenhum momento ficou evidenciada a oferta de uma disciplina com foco primário em tais relações, o que revela uma lacuna ainda a ser preenchida.

Se tratando especificamente da formação profissional no campo da Psicologia, uma pesquisa avaliou os currículos de 596 instituições brasileiras, das

quais apenas 62 ofereciam disciplinas em que o nome fazia referência a temas relacionados a E/R. Em muitos casos as disciplinas eram relativas a E/R, de forma geral, sem qualquer ligação com a Psicologia, o que torna esses dados ainda mais preocupantes (MACHADO; PIASSON; MICHEL, 2019). Uma outra pesquisa avaliou o currículo de 301 instituições brasileiras, e foram encontrados conteúdos relativos a E/R nos cursos de 13% das instituições públicas e em 16% das instituições privadas. Por sua vez, 84% dos cursos analisados não tinham nenhuma disciplina em seus currículos, o que reforça a necessidade de avançarmos nesse sentido (COSTA; NOGUEIRA; FREIRE, 2009).

Esses levantamentos são importantes, mas há de se considerar que os nomes e ementas de disciplinas desvelam apenas parte da formação. Machado, Piasson e Michel (2019) salientam que é comum que os conteúdos relativos a E/R sejam inseridos em disciplinas que não expressem esses temas no nome, para que não sejam feitas associações dos cursos com as religiões, e com isso evita-se a ideia de que a instituição estaria ensinando uma “Psicologia Religiosa”, com fins doutrinários. Esse fenômeno dificulta um mapeamento mais fidedigno, exigindo dos pesquisadores métodos de pesquisa que possam avaliar os currículos mais detalhadamente.

É sabido que a matriz curricular não pode contemplar tudo o que é importante para o trabalho na Psicologia, exigindo de profissionais o esforço para um aprimoramento permanente. Os cursos de graduação adotam a estratégia de oferecer um conhecimento generalista, com o que há de mais fundamental para o exercício da profissão. Considerando o percurso histórico brasileiro e as características atuais da população, conhecimentos capazes de tecer diálogos entre a Psicologia e a E/R são fundamentais, o que evidentemente não acontece na realidade dos currículos avaliados.

Para Silva (2010), a pesquisa em currículo deve partir da definição do conceito, onde se faz necessário romper com a lógica da teoria e passar a refletir na perspectiva do discurso. Uma teoria pode ser entendida como a tentativa de compreensão de um fenômeno existente, nesse caso o currículo. Nessa perspectiva, currículo seria algo já posto, e caberia aos(as) pesquisadores(as) conhecê-lo e descrevê-lo. Por outro lado, a lógica do discurso, na qual fundamentalmente se apoia esse estudo, o currículo é encarado como algo descrito e produzido simultaneamente, na medida em que os(as) estudiosos(as) se dedicam a

conhecê-lo. Essa perspectiva coloca o currículo em sua posição mais dinâmica e circular, onde, quem descreve, pensa e define o que seria currículo, também o cria, aperfeiçoa e faz existir. Nesse sentido, as pesquisas da área não se propõem a estabelecer o que um currículo é em essência, mas sim qual a visão de currículo que está sendo produzida ao longo do tempo pelos(as) diversos(as) atores/atrizes envolvidos historicamente nessa construção.

Neste estudo, fundamentado nas ideias de Silva (2010) tem-se a compreensão de que currículo é um conceito histórico, conhecido e produzido ao longo do tempo. Ao contrário de uma percepção geral, sob esse ponto de vista, currículo extrapola a seleção dos conteúdos da matriz curricular, que devem ser absorvidos por quem quer atingir as competências para o exercício de determinada profissão. Nessa perspectiva, a seleção desses conteúdos foi, e está sendo, construída ao longo da história da profissão e a partir dos(as) atores/atrizes e contextos específicos envolvidos(as) nessa construção.

Como colocam Saippa-Oliveira, Koifman e Pinheiro (2005) a seleção de conteúdos que compõem um currículo desvelam um modo específico de ver o mundo e a profissão. Para Silva (2001), esse movimento histórico indica determinados interesses específicos, de acordo com as relações de poder que se estabelecem na sociedade. Sob esse olhar, o currículo se torna um instrumento político, onde, quem tem influência impõe ao mundo seu ponto de vista e os seus desejos (GUARESCHI *et al.*, 2010). O currículo não é algo neutro, e os conteúdos definidos não exercem uma simples transmissão de informações. Ele é, também, a construção de visões sociais específicas, e por isso é alvo de disputas e interesses (MOREIRA; SILVA, 1994). Conscientes dessas questões, inúmeras perguntas são possíveis em relação ao desenvolvimento da formação profissional em Psicologia no Brasil: Com que critérios estão sendo definidos os conteúdos fundamentais à formação profissional? De que maneira os conteúdos de E/R são inseridos (ou não) nas matrizes curriculares dos cursos atualmente? Essa inserção reflete os interesses dos(as) futuros(as) profissionais e as necessidades sociais mais emergentes?

Freitas (2018) argumenta que reconhecer a Psicologia enquanto ciência quase sempre remete a imagem de um profissional agnóstico, que para exercer a profissão precisa necessariamente se distanciar da religião. Isso faz com que se fortaleça a ideia de que estudar sobre E/R não é relevante na Psicologia, dificultando com que os(as) profissionais se tornem aptos(as) para lidar com esses temas.

Apesar da inaptidão, ignorar a E/R no exercício da Psicologia não é uma opção, dada a importância atribuída pela população.

Além da escassez de disciplinas relacionadas aos temas E/R nas graduações brasileiras, Zangari; Machado et al (2018) argumentam que, quando provocados(as) pelos(as) estudantes, muitos(as) professores(as) negam a relevância do tema ou partem de ideias com base em alguma crença específica, e não no que é produzido cientificamente. Sendo essa uma demanda expressiva, e não tendo recebido formação suficiente, muitos(as) profissionais acabam reproduzindo o comportamento dos(as) professores(as), negando a importância do tema ou misturando práticas psicológicas e religiosas no atendimento.

Freitas (2018) ainda comenta sobre o esforço empenhado nos cursos de graduação em Psicologia de desvincular radicalmente a crença e o conhecimento, como se a irracionalidade da religião necessariamente conduzisse o(a) profissional em uma prática não ética. Para a autora, o oposto disso seria o melhor caminho, na medida em que ter oportunidades de aprendizado sobre E/R do ponto de vista científico poderia deixar claro os limites éticos no exercício da Psicologia.

Embora temas relacionados a E/R não encontrem fluidez nos cursos de graduação, a Psicologia tem, paradoxalmente, grande tradição nos estudos nesse campo. A Psicologia da Religião (PR) é uma área acadêmica da Psicologia que se dedica ao estudo dos aspectos psicológicos associados à experiência religiosa (PAIVA; FREITAS, 2019). Seu início remete aos anos de 1890 (FREITAS, 2017) tendo sua inserção oficializada no Brasil em 1956, com a publicação do primeiro artigo da área. Nesse sentido, o nascimento e desenvolvimento da PR se confunde com o da própria Psicologia enquanto ciência (PAIVA; FREITAS, 2019).

A primeira vez que a PR foi ofertada como uma disciplina no Brasil foi na década de 1980 na Universidade de São Paulo (USP), pelo professor Geraldo José de Paiva (MACHADO; PIASSON; MICHEL, 2019). Embora já tenham se passado quase 40 anos, a PR segue pouco conhecida por estudantes, profissionais e professores(as) de Psicologia, por diversos fatores. Entre eles, um dos mais decisivos certamente é a maneira como o tema é encarado na graduação, frequentemente como algo alheio à investigação científica ou associado necessariamente à patologia (PAIVA, 2018).

Atualmente a PR conta com um arcabouço de conhecimentos robusto, com esforços de pesquisadores(as) e instituições na produção de pesquisas, publicações

e eventos científicos (PAIVA; FREITAS, 2019). Para Freitas (2017), a PR é uma área fundamental na Psicologia, tendo os conhecimentos produzidos ao longo de tantos anos um enorme potencial para auxiliar profissionais a olhar para o fenômeno religioso com as lentes próprias da Psicologia. Esse olhar é importante para o acolhimento de demandas relacionadas ao tema de forma ética, focando nos aspectos psicológicos, e não na crença propriamente dita.

Conhecer as ferramentas produzidas no contexto científico da PR é fundamental para que profissionais não se silenciem diante do tema no exercício da profissão. Negar àqueles que são alvo do trabalho da Psicologia o direito de ter essas dimensões acolhidas seria infringir a noção de integralidade humana, fundamental ao trabalho psicológico de acordo com o código de ética da profissão (FREITAS, 2017).

Somado a isso, o modelo de saúde proposto pelo Sistema Único de Saúde (SUS) fundamenta a necessidade de um cuidado que considere a integralidade da pessoa e as características das comunidades do território em que vive, inclusive as religiosas. Em relação à saúde mental, a reforma psiquiátrica pauta a importância do respeito às singularidades como modo de cuidado, o que certamente diz respeito também a E/R das pessoas e populações (FREITAS; PIASSON, 2017).

Tornar-se profissional da Psicologia é um processo vivenciado durante a graduação, mas que extrapola em muito a formalidade da matriz curricular. A formação é composta também pelas vivências, leituras, projetos e afins a que estudantes se envolvem durante a graduação e para além dela. Todavia, é sabido que as disciplinas são o lugar do PPC onde o processo ensino-aprendizagem é formalizado e se torna concreto. É no formato de disciplina que é possível de fato proporcionar que um conteúdo seja abordado, e avaliar a efetividade do ensino desses conteúdos para a prática profissional.

Nesse sentido, encontrar disciplinas em apenas três dos sete PPCs evidencia o déficit de conhecimentos e ferramentas de quem se torna profissional a partir dos cursos avaliados, fenômeno que reflete a realidade dos cursos de graduação do restante do país (COSTA; NOGUEIRA; FREIRE, 2009; MACHADO; PIASSON; MICHEL, 2019). Das cinco disciplinas relativas à temática, uma delas era optativa, portanto não acompanhada pela totalidade dos(as) estudantes do curso. Em todas as disciplinas, o tema era abordado de forma periférica a algum fenômeno tido como

central, o que certamente não é suficiente para o enfrentamento dos desafios encontrados no exercício da profissão.

Para além das disciplinas, o corpo do texto do PPC é o lugar onde se encontram a filosofia e os valores que fundamentam a matriz curricular, sendo um importante instrumento de análise. Foi encontrado apenas um trecho que citava algo relacionado a E/R, estando no contexto de diversas outras temáticas e não recebendo nenhum destaque ou aprofundamento: *questões que abrangem as diversidades sociais, étnico-raciais, econômicas, culturais, religiosas, políticas e outras.*

Com isso, demonstra-se que o tema pode não ter sido formalmente considerado no momento em que os cursos foram estruturados, tendo como reflexo formações que oferecem poucos elementos para instrumentalização dos(as) futuros(as) profissionais. Em contraponto, demandas relacionadas a E/R serão certamente uma realidade presente na prática profissional, talvez até mesmo antes do término da graduação em atividades de estágio e práticas.

Tem-se com isso o cenário ideal para a instauração de práticas pouco qualificadas, na medida em que uma demanda alta é posta diante de profissionais que não dispõem de recursos suficientes. A superação desse impasse seria justamente aproximar a ciência psicológica da religião, promovendo diálogos sobre os desafios e limites necessários quando esses dois temas se apresentam associados às demandas de trabalho.

A análise dos PPCs demonstrou a preocupação dos cursos de graduação em formar profissionais atentos(as) com o cuidado em saúde que vai além de questões individuais do ser humano. Isso ficou evidente no volume considerável de trechos pertencentes às categorias *Aspectos sociais e clínica ampliada, Integralidade e Articulação de redes.*

Entretanto, os temas dessas categorias estavam expostos de maneira ampla, não deixando claro se conteúdos relacionados a E/R realmente estavam contemplados. Mesmo que estejam, certamente não seriam suficientes para uma formação consistente na medida em que não estariam sendo abordados de maneira específica e abarcando as relações específicas entre Psicologia, saúde mental e E/R.

Na realidade do trabalho de profissionais da Psicologia se apresentam situações em que se faz necessário compreender o impacto da E/R em medidas de

saúde mental, como sintomas de depressão e ansiedade. Da mesma forma, o discurso de alguns pacientes não deixa claro se suas experiências religiosas são condizentes com a cultura religiosa a que pertencem ou fazem parte de uma psicopatologia, exigindo a capacidade de fazer um diagnóstico diferencial qualificado. Ainda nesse sentido, alguns pacientes relatam vivências religiosas e espirituais tão frequentes e intensas que colocam profissionais em dúvida sobre como se deve conduzir para garantir uma atuação ética. Essas e outras situações convocam profissionais a estarem apropriados(as) de conhecimentos específicos, o que somente é possível por meio de uma formação sólida para o tema da E/R.

Duas das três instituições que apresentaram conteúdos explícitos sobre E/R inseridas em uma disciplina são privadas de caráter confessional. Apesar de a amostra não ser grande o suficiente para generalizações, esse fato aponta para a possibilidade de as instituições privadas e confessionais, talvez, estarem mais abertas para a temática, possivelmente por motivações específicas relativas ao desejo da instituição de propagar a religião a que pertence. Essa hipótese se fortalece na medida em que essas duas instituições específicas apresentaram, além dos trechos em disciplinas, conteúdos nos PPCs que remetiam aos valores institucionais de base religiosa. Ainda nesse sentido, os conteúdos relativos aos valores institucionais norteiam as decisões da instituição, mas não se configuram como instrumentos e ferramentas práticas que vão auxiliar os(as) estudantes na prática profissional de modo específico.

Há ainda que se considerar que a maior abertura para o tema evidenciado nas instituições confessionais precisa vir acompanhada do compromisso com o conhecimento científico da área, e não com as crenças e práticas específicas da religião a qual a instituição é filiada. Para além do aumento da oferta dos conteúdos relativos a E/R, é preciso que sejam observados o rigor científico e os cuidados éticos relativos à laicidade da Psicologia, o que não pôde ser avaliado nessa pesquisa em específico.

Ainda cabe ressaltar que, das quatro instituições públicas federais, apenas uma apresentou conteúdos explícitos sobre E/R, inseridos em uma disciplina sobre Psicologia e Filosofia. Isso faz com que se suponha que no contexto das universidades públicas, talvez, a separação entre Psicologia e religião seja ainda mais marcante e evidente. Não se pode determinar os fatores que justificam esse fenômeno, mas é importante ressaltar que as instituições públicas são bens comuns

de toda a população, e, portanto, devem conduzir seu trabalho no sentido do que é mais fundamental para a população. Considerando a importância da E/R na vida comum, e as evidentes associações com saúde e qualidade de vida, é coerente que tais universidades ainda precisam avançar no sentido de equiparar os conteúdos relativos a E/R nos cursos de Psicologia.

Um recente estudo de revisão da literatura foi conduzido com o objetivo de compreender a relação entre estudantes de Psicologia, espiritualidade, religião e formação em Psicologia no Brasil. Apesar de a maioria dos(as) estudantes da amostra declarar-se pertencente a um grupo religioso, a maior parte relatou dificuldade em relacionar as experiências de E/R com os conteúdos vistos no curso, o que pode fazer com que sejam criados criados contextos favoráveis a modificação ou rompimento com as próprias crenças de origem. Os estudos qualitativos avaliados no artigo relatam que há um distanciamento entre Psicologia e religião na academia, e que os temas não são abordados da forma mais adequada na graduação. Em geral, pôde-se evidenciar que os(as) estudantes sentem desconforto em expor suas crenças no ambiente acadêmico, e relatam a postura de alguns(as) professores(as) e supervisores(as) de estágio, contraproducente a essa dimensão da vivência humana. Os(as) alunos(as) participantes dos estudos que estavam em fase final da graduação relataram já haver se deparado com situações relacionadas com E/R durante os estágios, mas não se sentiam seguros(as) para conduzir tais situações de forma adequada e ética, sinal de que não receberam instrumentos suficientes durante a formação (HOLANDA; PEREIRA, 2019).

Para os(as) autores(as), os resultados da revisão indicam que as dificuldades enfrentadas durante a graduação serão vivenciadas de forma problemática no exercício da profissão. Serão profissionais que compreendem a importância da E/R, mas guardam profundos questionamentos sobre o tema na própria vida e ao lidar com seus/suas pacientes. Diante de um limitado arsenal de conhecimentos e técnicas, poderão reproduzir o silêncio do tema vivenciado na graduação (HOLANDA; PEREIRA, 2019).

A presença e importância da E/R na vida comum da população e a complexidade das dinâmicas que envolvem essa dimensão tem feito com que profissionais de saúde repensem a relevância do tema nos cuidados em saúde. O interesse pelo tema evidenciado no aumento do volume de publicações em mídias gerais e especializadas demonstram a necessidade de ajustes na formação em

Psicologia, de modo a incluir o tema de forma concreta e com rigor. (FREITAS; PIASSON, 2017). É nesse espírito que está a motivação para esse trabalho, que espera-se cooperar com o debate e as mudanças na formação em Psicologia que se fazem necessárias.

CONCLUSÃO

O estudo reforça o entendimento que a forma como temas relacionados com E/R são acolhidos na Psicologia revela uma relação histórica controversa. Embora a Psicologia tenha tradição na investigação dessas temáticas à luz da ciência, os cursos de graduação não refletem a grande quantidade de conhecimentos produzidos ao longo de vários anos de pesquisa. Todo esse saber é capaz de oferecer importantes ferramentas para o manejo de situações relacionadas a essas dimensões tão presentes na vida cotidiana da população, especialmente no Brasil.

Os dados colhidos e analisados no trabalho aqui apresentado colaboram com os de outros estudos, e deixam clara a lacuna presente no contexto das formações em Psicologia brasileiras. Todavia, esse estudo apresentou um método de pesquisa bastante completo, contemplando não somente a análise das disciplinas, mas dos PPCs como um todo. Além disso, a escolha pelas instituições mais bem avaliadas pelo MEC se caracterizou como uma forma de aprimorar as discussões, balizando as análises pelos cursos com maior excelência acadêmica. É necessário um amplo diálogo sobre de que maneira se pode avançar para a inclusão de conteúdos ligados a E/R nas graduações com seriedade e rigor científico, de acordo com as necessidades da população brasileira.

Esse estudo representa um recorte específico do cenário gaúcho, que se manteve coerente com o que já foi constatado no país como um todo. Além disso, se focou na avaliação de PPCs, instrumento que representa apenas parte da formação profissional. É importante que sejam propostos estudos que avaliem a inserção da E/R nas formações por outras vias de análise, como pela percepção de estudantes ou pela presença de atividades acadêmicas extra curriculares e de pós-graduação na formação profissional.

De qualquer maneira, esse e outros trabalhos já evidenciam a necessidade de revisão na frequência e na forma em que a E/R compõem as formações em Psicologia. Para tanto, é útil recorrer aos inúmeros conhecimentos produzidos ao

longo de vários anos dentro do contexto da própria Psicologia, como forma de seguirmos avançando nas pesquisas e produção de conhecimento sobre o tema.

REFERÊNCIAS

BARDIN, Laurence. Análise de Conteúdo. Tradução de Luís A. Reto e Augusto Pinheiro. 5ed. Lisboa: **Edições 70**, 2009.

COSTA, W., NOGUEIRA, C., & FREIRE, T. (2009). The lack of teaching/study of religiosity/spirituality in psychology degree courses in Brazil: The need of reflection. **Journal of Religion and Health**, 49(3), 322–332.

FREITAS, Marta Helena. Psicologia religiosa, psicologia da religião/espiritualidade, ou psicologia e religião/espiritualidade?. **Revista Pistis Praxis**, [S.l.], v. 9, n. 1, p. 89-107, abr. 2017. ISSN 2175-1838.

FREITAS, Marta Helena de; PIASSON, Douglas Leite. Religião, religiosidade e espiritualidade: repercussão na mídia e formação profissional em psicologia. **Esferas**, [S.l.], n. 8, feb. 2017.

FREITAS, Marta H. Relevância do estudo da religião para o estudante de psicologia. In: Antúnez, Andrés E A; Safra, Gilberto. *Psicologia Clínica da Graduação à Pós-Graduação*. 01. Rio de Janeiro: Atheneu; 2018. 273-280.

GUARESCHI, Neuza. M. F., SCISLESKI, Andrea, REIS, Carolina, DHEIN, Gisele, AZAMBUJA, Marcos. A. (Org). *Psicologia, Formação, Políticas e Produção em Saúde* (pp. 29-53). Porto Alegre: **EDIPUCRS**, 2010.

HOLANDA, Adriano; PEREIRA, Karine. (2019). Religião e espiritualidade no curso de psicologia: revisão sistemática de estudos empíricos. **Interação em Psicologia**. 23. 10.5380/psi.v23i02.65373.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2010). Censo demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. <https://biblioteca.ibge.gov.br/pt/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=794>

KOENIG, Harold G. Medicina, religião e saúde. 01. Porto Alegre: L&PM; 2015

KOENIG, Harold G.; MCCULLOUGH, Michael E.; LARSON, David B. - Handbook of Religion and Health. New York: **Oxford University Press**, p. 712, 2001.

MACHADO, Fatima R; PIASSON, Douglas L; MICHEL, Renate B. Mapeamento da Psicologia da Religião no Brasil. In: Esperandio, Mary R G; Zangari, Wellington; Freitas, Marta H; Ladd, Kevin L. Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: Estado Atual e Oportunidades Futuras. 01. Curitiba: Editora CRV; 2019. 41-71.

MELO, Cynthia F. *et al.* Correlação entre religiosidade, espiritualidade e qualidade de vida: uma revisão de literatura. **Estud. pesqui. psicol.**, Rio de Janeiro , v. 15, n. 2, p. 447- 464, jul. 2015 .

MONTEIRO, Daiane Daitx *et al.*. Espiritualidade / religiosidade e saúde mental no brasil: uma revisão. **Bol. - Acad. Paul. Psicol.**, São Paulo , v. 40, n. 98, p. 129-139, jun. 2020

MOREIRA, Antonio F. e SILVA, Tomaz T. Currículo, Cultura e Sociedade. São Paulo, **Cortez**. 1994.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander et al . Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo , v. 37, n. 1, p. 12-15, Jan. 2010.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; LUCCHETTI, Giancarlo. Panorama das pesquisas em ciência, saúde e espiritualidade. **Cienc. Cult.**, São Paulo , v. 68, n. 1, p. 54-57, Mar. 2016.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; LOTUFO NETO, Francisco; KOENIG, Harold. Religiousness and mental health: a review. **Brazilian Journal of Psychiatry [online]**. 2006, v. 28, n. 3 [Accessed 26 July 2021] , pp. 242-250.

PAIVA, Geraldo J. O que o psicólogo precisa saber da Psicologia da Religião. In: Antúnez, Andrés E A; Safra, Gilberto. Psicologia Clínica da Graduação à Pós-Graduação. 01. Rio de Janeiro: Atheneu; 2018. 267-272.

PAIVA, Geraldo J; FREITAS, Marta H de. História, estado atual e perspectivas da psicologia da religião no Brasil. In: Esperandio, Mary R G; Zangari, Wellington; Freitas, Marta H; Ladd, Kevin L. Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: Estado Atual e Oportunidades Futuras. 01. Curitiba: Editora CRV; 2019. 41-71.

SAIPPA-OLIVEIRA, G.; KOIFMAN, L.; PINHEIRO, R. Seleção de conteúdos, ensinoaprendizagem e currículo na formação em saúde. In: PINHEIRO, R.; CECCIM, R.B.; MATTOS, R.A. (Orgs.). Ensinar saúde: a integralidade e o SUS nos cursos de graduação na área da saúde. Rio de Janeiro: IMS-UERJ/Cepesc/Abrasco, 2006. p.205-27.

SILVA, Tomaz T.. O currículo como fetiche: a poética e a política no texto curricular. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2001.

SILVA, Tomaz T.. Documentos de Identidade: Uma introdução às teorias do currículo. 3 ed. Belo Horizonte: **Autêntica**, 2010.

ZANGARI, Wellington; MACHADO, Fatima R. (org). Psicologia e Religião; 2018 [citado em 03 Abr 2021]. Disponível em: https://www.usp.br/interpsi/?page_id=368

APÊNDICE G - ARTIGO 3 - ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NAS GRADUAÇÕES EM PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL: ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE FORMANDOS(AS)

¹ARTIGO ORIGINAL

ESPIRITUALIDADE E RELIGIOSIDADE NAS GRADUAÇÕES EM PSICOLOGIA DO RIO GRANDE DO SUL: ANÁLISE DA PERCEPÇÃO DE FORMANDOS(AS)

²Luiz Carlos da Silva Viegas Junior

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Brasil

E-mail: luizviegasjunior@gmail.com

³Márcia Rosa da Costa

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Brasil

E-mail: marciarc@ufcspa.edu.br

⁴Cleidilene Ramos Magalhães

Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre, Brasil

E-mail: cleidirm@ufcspa.edu.br

²Graduado em Psicologia. Mestrando em Ensino na Saúde pela UFCSPA. E-mail: luizviegasjunior@gmail.com.

³Mestre e Doutora em Educação. Professora Adjunta da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), docente do Programa de Pós-Graduação Ensino na Saúde (PPGENSAU). Coorientadora do mestrando. E-mail: marciarc@ufcspa.edu.br.

⁴Mestre e Doutora em Educação e possui Pós-doutorado em Psicologia. Professora Titular da Universidade Federal de Ciências da Saúde de Porto Alegre (UFCSPA), docente do Programa de Pós-Graduação Ensino na Saúde (PPGENSAU). Orientadora do mestrado.. E-mail: cleidirm@ufcspa.edu.br.

¹ Artigo Original não submetido

RESUMO

A espiritualidade e a religiosidade (E/R) são dimensões importantes na vivência da maior parte das pessoas no Brasil, com importantes repercussões psicológicas. Apesar disso, as graduações em psicologia não costumam abordar o tema de forma consistente. O objetivo deste trabalho foi compreender o cenário da formação profissional em psicologia no Rio Grande do Sul (RS) referente aos temas E/R, na percepção de formandos(as) dos cursos de graduação. Participaram da pesquisa 63 estudantes que concluíram a graduação em 2020/2 nas sete instituições de ensino do RS mais bem avaliadas pelo Ministério da Educação (MEC) em 2018. Os(as) participantes responderam a um questionário elaborado pela equipe de pesquisa e a Escala de Religiosidade de DUKE, e os dados foram analisados estatisticamente. No geral, evidenciou-se que há pouco contato com o tema na graduação, sensação de despreparo para lidar com a temática e desconhecimento acerca da produção científica da área. Por outro lado, houve uma alta percepção de importância da espiritualidade e religiosidade no enfrentamento de situações adversas e grande desejo em ter estudado sobre o tema na graduação. Os dados apontam para a necessidade de aperfeiçoamento da formação no sentido de inserir conteúdos sobre esse tema, que é de grande relevância para a população.

Palavras-chave:

ABSTRACT

Spirituality and religiosity are important dimensions in the experience of most people in Brazil, with important psychological repercussions. Despite this, psychology degrees do not usually approach the topic consistently. The objective of this work was to understand the scenario of professional training in psychology in Rio Grande do Sul regarding the Spirituality and religiosity themes, in the perception of graduates of undergraduate courses. A total of 63 students who completed their graduation in 2020/2 in the seven educational institutions of Rio Grande do Sul best evaluated by the Ministry of Education in 2018 participated in the research. The participants answered a questionnaire prepared by the research team and the Scale of DUKE's Religiosity, and the data were statistically analyzed. In general, it was evidenced that there is little contact with the topic at graduation, a feeling of unpreparedness to deal with the theme and lack of knowledge about the scientific production in the area. On the other hand, there was a high perception of the importance of spirituality and

religiosity in facing adverse situations and a great desire to have studied on the subject at graduation. The data point to the need to improve training in order to insert content on this topic, which is of great relevance to the population.

Key words:

INTRODUÇÃO

O Brasil é um país que se destaca pela grande quantidade de pessoas que se declaram pertencentes a uma determinada religião (IBGE, 2010) e se envolvem com ela de maneira engajada (MOREIRA-ALMEIDA, 2010). As diversas previsões de desaparecimento ou diminuição da religião ao longo do tempo não se confirmaram, tendo a religião inclusive se moldado às mudanças decorrentes do desenvolvimento da população. No Brasil, por exemplo, a vinda de migrantes de diversos contextos culturais e a já existente presença de nativos que habitavam o território quando da chegada dos colonizadores europeus criaram o ambiente propício para o desenvolvimento de grande diversidade religiosa e cultural. (FREITAS, 2018).

Essa diversidade contribui para fenômenos bastante particulares, como a miscigenação e o sincretismo religioso, tornando a religiosidade do brasileiro bastante particular e complexa. É comum as pessoas pertencerem a mais de uma religião concomitantemente, o que muitas vezes conduz para a criação de grupos que compartilham crenças bastante específicas, unindo diferentes saberes, tradições e rituais. Todas essas características religiosas e culturais interagem com a vida psíquica da população, requerendo de profissionais da psicologia a capacidade de acolher e manejar demandas psicológicas com conteúdo religioso em qualquer contexto de trabalho em que estejam inseridos(as) (FREITAS, 2018).

O interesse por compreender as relações entre Espiritualidade/Religiosidade (E/R) e saúde mental tem aumentado gradativamente entre os(as) pesquisadores(as). Em termos científicos, a espiritualidade pode ser compreendida como a busca pela compreensão do sentido da vida e de respostas às questões que rodeiam a humanidade. Fala sobre o relacionamento humano com o sagrado e transcendente, e pode, ou não, envolver a criação de rituais ou comunidades (KOENIG; MCCULLOUGH; LARSON, 2001). Da mesma forma, a religião aponta para uma dimensão mais institucional e coletiva, envolvendo tradições, símbolos, rituais e cerimônias relativas a uma realidade transcendente e que são compartilhados por um grupo de pessoas (KOENIG, 2015). A religiosidade é a

maneira única como cada pessoa vivencia a própria religião (ZANGARI; MACHADO *et al.*, 2018)

Uma pesquisa de revisão sistemática da literatura avaliou os artigos que expunham pesquisas quantitativas baseadas em dados originais publicados em periódicos revisados por pares entre 1872 e 2010. Foram encontrados um número significativo de estudos avaliando as relações entre E/R e saúde mental, com um aumento expressivo desde os anos 1990 (KOENIG, 2012). O Brasil é um dos países com maior número de produção acadêmica no tema, o que demonstra a relevância desses conhecimentos no país (MOREIRA-ALMEIDA; LUCCHETTI, 2016).

A Psicologia tem se dedicado ao estudo da E/R ao longo dos anos, tendo na Psicologia da Religião (PR) uma área acadêmica que estuda os aspectos psicológicos associados à experiência religiosa (PAIVA; FREITAS, 2019). Diversos autores considerados precursores da psicologia científica, como Wilhelm Wundt, Stanley Hall e William James dedicaram boa parte da sua obra ao estudo da E/R, embora esse seja um fato histórico silenciado na área. (FREITAS, 2018)

Atualmente a PR brasileira possui um desenvolvimento robusto que conta com o empenho de diversos(as) pesquisadores(as) engajados(as) na produção de pesquisas, publicações e eventos científicos. Apesar disso, o tema ainda é pouco expressivo nas graduações de psicologia, que em geral não contemplam o ensino de todo o conhecimento produzido nas últimas décadas. Incluir as discussões sobre E/R ainda na graduação se torna fundamental, uma vez que é nesse período que em geral se formam os conceitos e preconceitos sobre o tema (PAIVA; FREITAS, 2019).

Para Freitas (2018), considerar a cientificidade da psicologia em geral remete a imagem de profissionais agnósticos, como se a cisão com a religião fosse requisito para o bom exercício da profissão. Essa ideia contribui para a noção equivocada de que E/R não são relevantes na psicologia, fazendo com que os profissionais não se instrumentalizem de ferramentas necessárias para a condução de demandas com esses conteúdos, que certamente se apresentarão ao longo da carreira na psicologia. Grande parte desse imaginário se fundamenta em uma noção também equivocada de que se aproximar do fenômeno religioso necessariamente conduz o(a) psicólogo(a) à prática de uma “psicologia religiosa”.

Uma recente pesquisa de levantamento nacional contou com a participação de 4300 profissionais da psicologia e encontrou resultados que contrapõe esse

imaginário em torno de profissionais da psicologia. Em uma escala que media a importância da espiritualidade na vida do(a) profissional entre dois pólos extremos que variavam de um (Não é importante. Não sou uma pessoa espiritualizada) até nove (Extremamente importante. Minha espiritualidade é o centro de toda a minha vida), a média das respostas foi 6,9 e a mediana 8, tendo a maior parte dos(as) profissionais (34%) pontuado a alternativa 9. Da mesma forma, quando questionados sobre a religiosidade, a maioria dos(as) psicólogos(as) responderam que a religião é consideravelmente ou muito importante em suas vidas (67,5%). Apenas 8,3% dos(as) participantes se declararam agnósticos(as) e 6,3% ateus(as) (PAULINO, 2019).

Da mesma forma, os dados demonstraram que 34,2% dos(as) participantes frequentam igrejas, templos ou encontros religiosos uma vez na semana ou mais e 62,3% dedicavam tempo em atividades religiosas individuais uma vez por dia ou mais. 75,1% dos(as) participantes declararam sentir a presença de Deus, 62% afirmaram que as crenças estavam por trás de sua maneira de viver e 54,4% que se esforçam para viver a religião em todos os aspectos da vida. Apesar da presença da E/R, os(as) profissionais também apresentaram menor afiliação religiosa (78,3% para 93%), menor frequência a igrejas, templos ou encontros religiosos e menor crença em Deus que a população brasileira. Também foram encontrados maior incidência de ateus, agnósticos e pessoas sem definição religiosa que a população (19,5% para 7%) (PAULINO, 2019).

Em relação à prática profissional, a maioria dos(as) participantes relatou que os(as) pacientes/clientes abordam a própria E/R no encontro clínico algumas vezes (45,5%) ou frequentemente ou sempre (38,9%), o que indica a relevância do tema no contexto da prática profissional em psicologia. Da mesma forma, a maioria acredita que E/R ajuda os(as) pacientes a lidar com a doença e o sofrimento algumas vezes (35,5%) ou frequentemente ou sempre (56,9%) (PAULINO, 2019)

Apesar da importância da E/R para a população e a incidência de demandas com esses conteúdos no trabalho do(a) psicólogo(a), o ensino dessas temáticas ainda não é uma realidade abrangente na Psicologia. Costa, Nogueira e Freire (2009) conduziram um estudo que investigou a existência/inexistência de disciplinas sobre E/R nas graduações em psicologia brasileiras. Foram avaliados os currículos de 301 instituições, e encontrou-se disciplinas em apenas 13% das instituições

públicas e em 16% das instituições privadas. Em 84% dos cursos não foi encontrada qualquer disciplina incorporada com o tema.

Um grupo de pesquisadores(as) reuniu dados de diferentes estudos para mapear o cenário da PR no Brasil. Em relação à graduação em psicologia, foram avaliados os currículos de 596 instituições brasileiras, tendo sido encontradas disciplinas com nomes que remetiam aos conteúdos da PR em apenas 62 (10,4%). Dessas instituições, 41 (66,1%) eram confessionais e 21 (33,9%) não confessionais, 50 (80,7%) eram privadas e 12 (12,3%) públicas. Além de se ter encontrado uma quantidade baixa de cursos que tinham oferta de disciplinas (10,4%), em muitos casos o tema era abordado de forma tangencial, sem uma relação direta com a psicologia, o que torna esses dados ainda mais preocupantes (MACHADO; PIASSON; MICHEL, 2019)

Em uma recente revisão da literatura avaliou-se a relação entre estudantes de Psicologia, espiritualidade, religião e formação em Psicologia no Brasil. Na maior parte dos estudos analisados os(as) estudantes relataram dificuldade em integrar a interface entre E/R e os conteúdos vistos no curso, embora a maior parte deles(as) se declararam religiosos(as). A revisão evidenciou o distanciamento existente entre psicologia e religião na academia e a inadequação em que esses temas são abordados no curso. Os(as) estudantes não se sentem seguros para falar sobre as próprias crenças ao longo do curso, e relatam a postura de alguns(as) professores(as) e supervisores(as) que se opõem a essa dimensão da vivência humana. Muitos(as) dos(as) que se aproximavam do término da graduação tinham se deparado com temáticas ligadas a E/R nos estágios e vivências práticas, mas sentiam insegurança para manejar o tema de forma ética (HOLANDA; PEREIRA, 2019).

Apesar das crenças em torno do que seria o adequado em termos de aproximação e distanciamento entre a psicologia e a E/R, e todas essas ideias que se fortalecerem fundamentalmente no contexto da graduação, evitar a temática não é uma possibilidade no exercício de uma profissão que tem como alvo final as pessoas, especialmente no Brasil (FREITAS, 2018). Diante da grande demanda, muitos(as) profissionais reproduzem o silêncio da academia (HOLANDA; PEREIRA, 2019), ou atuam sem os conhecimentos suficientes, o que incorre em erros que poderiam ser evitados caso houvesse maior empenho para o tema nas formações (FREITAS, 2018).

Um estudo de revisão analisou 50 artigos publicados em inglês e português com o objetivo de avaliar como a E/R está presente na prática clínica. Os resultados apontaram para artigos que demonstram que os(as) profissionais consideram essa dimensão importante nas suas práticas, embora nem sempre se sintam competentes para abordar o assunto, especialmente para a manutenção de uma postura ética. Alguns estudos pontuaram que uma conduta ética está ligada ao quanto o(a) profissional compreende a própria vivência espiritual e religiosa (CUNHA; SCORSOLINI-COMIN, 2019).

Nos achados de Paulino (2019), 75,8% dos(as) profissionais participantes declararam não ter tido qualquer formação para lidar com temáticas ligadas a E/R, sendo que dos(as) 24,2% que tiveram formação, mais da metade disse ter tido fora do contexto da graduação. A falta de conhecimento e formação foram os maiores motivos declarados pelos participantes para o desencorajamento em discutir essa temática com pacientes/clientes. Apesar disso, 63,7% dos(as) participantes assinalaram que a formação para lidar com E/R deveria ser incluída no currículo do curso de psicologia e 68,3% gostariam de se aperfeiçoar no tema saúde, psicologia e E/R.

Diversos pesquisadores têm se interessado em compreender os efeitos da graduação em psicologia na E/R dos(as) estudantes e as consequências disto na prática profissional. Cavalheiro e Falcke (2014) conduziram um estudo que contou com a participação de mais de 1000 estudantes de psicologia do Rio Grande do Sul (RS), entre calouros e formandos. Os formandos apresentaram menor Bem-Estar Espiritual, crença espiritual e crença da importância da espiritualidade no enfrentamento de situações cotidianas, o que sugere um declínio da E/R ao longo do curso. Além disso, 69,3% dos formandos considerou a E/R pouco ou nada importante na prática clínica psicológica, o que evidencia o desconhecimento de todo o conhecimento já produzido cientificamente na área. Para as autoras, se faz urgente a investigação do quanto as graduações estão abordando de forma comprometida os conhecimentos relativos a E/R, o que parece não acontecer de acordo com os dados da pesquisa.

Um estudo avaliou as relações entre bem estar psicológico e religiosidade de 168 estudantes de psicologia de uma universidade brasileira. O objetivo foi compreender se os(as) estudantes percebiam conflito entre as próprias crenças e o curso de psicologia, bem como a percepção sobre as atitudes dos(as)

professores(as) em relação às crenças. Para tanto, valeu-se do uso de diferentes instrumentos, analisando posteriormente as correlações entre as respostas (VIEIRA; ZANINI; AMORIN, 2013).

Os resultados apontaram que havia uma relação positiva entre religiosidade e bem estar psicológico nos(as) estudantes. Encontrou-se evidências de que havia tensões entre as crenças dos(as) estudantes e o curso de psicologia, mais especificamente a algumas abordagens da psicologia marcadamente posicionadas em oposição a religiosidade, como a psicanálise e o behaviorismo (VIEIRA; ZANINI; AMORIN, 2013). A pesquisa conduzida por Paulino (2019) encontrou resultados semelhantes, onde os(as) profissionais que tinham como base estes referenciais teóricos apresentaram menores chances de desejar ter formação em E/R, bem como de crer no potencial de benefício para a saúde mental.

De acordo com os resultados, os estudantes que se declararam mais religiosos e os que estavam mais próximos do término do curso tendiam a perceber maiores atitudes de desrespeito em relação às suas crenças por parte de professores(as). Por outro lado, quanto maior foi a percepção de sentir que as próprias crenças eram respeitadas pelos(as) professores(as), menos os estudantes tendiam a considerar a existência de conflitos entre as crenças e algumas abordagens da psicologia. Com isso, há o apontamento para o fato de que a atitude respeitosa dos(as) professores(as) facilita a construção da possibilidade de diálogo entre psicologia e E/R (VIEIRA; ZANINI; AMORIN, 2013).

Em se tratando do efeito das crenças de profissionais na percepção sobre a área, o levantamento de Paulino (2019) encontrou que maiores índices de percepção de importância da espiritualidade na própria vida do profissional estava relacionada com maior tendência de percepção de benefício da E/R para a saúde mental e de ajuda para enfrentar doenças e sofrimento. Os(as) profissionais que apresentaram maiores índices de religiosidade também apresentaram maior chance de desejar formação para manejo da temática. Esses dados demonstram o quanto as crenças do profissional estão associadas com as percepções sobre os benefícios da E/R para a saúde mental e para o enfrentamento de situações estressantes.

Embora as vivências e crenças pessoais dos(as) profissionais certamente impactem na forma como avaliam a importância da temática, é fundamental que não sejam o principal viés. É importante que o diálogo seja pautado pelo conhecimento científico, estruturante na psicologia. Nesse sentido, a pesquisa também demonstrou

que ter recebido formação esteve associado com maiores chances de crer no benefício da E/R para a saúde mental e no enfrentamento de doenças e sofrimento, bem como em considerar que esses são temas relevantes (PAULINO, 2019). Esse dado aponta um caminho potente e ético para superação da lacuna existente nas formações e na prática profissional da psicologia.

Para superação do desafiador cenário desvelado pelos estudos aqui apresentados, se faz fundamental maior inserção de conteúdos relativos a E/R nos cursos de graduação em psicologia. Como exemplo desse feito, um grupo de pesquisadores de uma universidade federal brasileira criou a oferta de uma disciplina eletiva no curso de graduação em psicologia com o objetivo de abordar a interface entre psicologia, religiosidade e espiritualidade. Participaram da disciplina 20 estudantes que, ao término das aulas, foram convidados a preencher um formulário de avaliação que serviu como base para o relato da experiência (CUNHA; SCORSOLINI-COMIN, 2019).

Os formulários revelaram que participar da disciplina contribuiu significativamente para que os(as) futuros(as) profissionais se sentissem mais seguros e confortáveis para lidar com o tema no exercício da profissão. Da mesma forma, ter acesso aos conhecimentos relativos a interface entre psicologia e E/R contribuiu para que alguns(as) estudantes se sentissem mais acolhidos em relação à própria religiosidade, como ficou claro em um dos trechos da avaliação da disciplina:

[...] após participar da disciplina consigo me posicionar mais claramente em relação à minha crença e respeitá-la, sem me sentir envergonhada em relação à expressão da minha fé e da busca pelo sagrado, levando em conta o ambiente universitário extremamente preconceituoso e intolerante (CUNHA; SCORSOLINI-COMIN, 2019, p.202).

Os pesquisadores responsáveis pelo estudo pontuam que, apesar de a E/R estarem cada vez mais valorizadas por profissionais e pesquisadores, essa tendência não ganha a mesma expressão nas graduações, que seguem distantes do tema no sentido de sistematizar esse ensino nas matrizes curriculares dos cursos. Esse cenário contribui para que se criem diversos conflitos nos profissionais, que em geral não se sentem aptos para lidar com temas ligados a E/R em variados contextos, como a clínica (CUNHA; SCORSOLINI-COMIN, 2019).

A força e a expressão da E/R para a população, alvo do trabalho em psicologia, exige dos(as) profissionais aptidão para lidar com demandas que tenham esses conteúdos. Apesar disso, as graduações seguem alheias a essa necessidade, precisando avançar muito no sentido de inserir o ensino para a interface entre psicologia e E/R. Além disso, a forma como o tema é abordado necessita de maior cuidado, para que se limite ao que o conhecimento científico tem produzido, especialmente em Psicologia da Religião, área específica da psicologia.

Nessa árdua tarefa se concentra esse trabalho, que focou em compreender o cenário da formação profissional em Psicologia no Rio Grande do Sul (RS) referente aos temas de E/R, mediante a análise dos currículos dos cursos. Espera-se que os dados gerados, sistematizados e apresentados aqui possam contribuir para o desenvolvimento de novos estudos e de melhorias no ensino da relação entre psicologia e E/R nos cursos de graduação em psicologia.

MÉTODO

Esse artigo apresenta os resultados de um projeto de mestrado cujo objetivo foi conhecer a formação profissional em Psicologia no Rio Grande do Sul (RS) referente aos temas de Espiritualidade/Religiosidade (E/R), mediante a análise dos currículos e percepção de formandos(as) dos cursos de graduação. São apresentados os dados quantitativos do projeto, que pretendiam compreender a percepção de formandos(as) em Psicologia sobre a própria capacidade em lidar com temas ligados a E/R no exercício da profissão após o término da graduação. Também buscou-se avaliar a percepção dos(as) formandos(as) sobre a maneira como os conteúdos ligados a E/R tinham sido abordados durante a graduação, se de forma adequada e suficientemente, ou não.

Fizeram parte da pesquisa os(as) estudantes que concluíram a graduação em 2020/2 nas instituições de ensino do RS mais bem avaliadas pelo Ministério da Educação (MEC) em 2018. Foram consideradas as notas nos seguintes índices: Conceito Preliminar de Curso (CPC), Exame Nacional de Desempenho dos Estudantes (ENADE) e Índice Geral de Cursos (IGC). Nove instituições cumpriram os critérios de inclusão, embora duas tenham sido excluídas, uma por não demonstrar interesse em participar do estudo e a outra por não apresentar nenhuma resposta aos instrumentos aplicados.

Os(as) formandos(as) responderam a dois instrumentos: um questionário elaborado pela equipe de pesquisa e a Escala de Religiosidade de DUKE - DUREL (Taunay *et al.*, 2012). O questionário continha 11 questões que deveriam ser respondidas em uma escala do tipo Likert, em que os(as) respondentes eram solicitados(as) a expressarem suas respostas em algum ponto de dois extremos que iam de um até dez pontos. A Escala de Religiosidade de DUKE - DUREL avalia três dimensões da religiosidade: a Religiosidade Organizacional (RO) se refere a frequência a encontros religiosos, a Religiosidade Não Organizacional (RNO) a frequência de atividades religiosas privadas e a Religiosidade Intrínseca (RI) a internalização e vivência plena da religiosidade (MOREIRA-ALMEIDA *et al.*, 2008).

O instrumento contém cinco questões, que também são respondidas em uma escala do tipo Likert. A RO e a RNO são medidas através de uma questão cada, com respostas que variam de um até seis pontos, onde quanto menor (mais próximo de 1) for a pontuação, maior é o nível de religiosidade. A RI é medida somando-se os resultados de três questões com pontuação que variam de um até 5 pontos cada. Nesse sentido, a RI pode variar de três até 15 pontos, onde quanto menor (mais próximo de 3) for a pontuação, maior é o nível de religiosidade.

Os resultados das variáveis qualitativas foram apresentados através de frequência e percentual e das quantitativas em média, mediana e desvio-padrão. A normalidade foi verificada pelo teste Shapiro-Wilk. A correlação entre as variáveis quantitativas foi verificada pelo coeficiente de correlação de Spearman e das quantitativas com as qualitativas categóricas através do teste Mann-Whitney.

Uma correlação é considerada forte quando o coeficiente de correlação (r) é maior que 0,5, moderada quando $0,3 < r < 0,5$, fraca quando $0,1 < r < 0,3$ e trivial quando $r < 0,1$ (COHEN, 1988). Com o objetivo de manter o rigor na análise dos dados, optou-se nesse trabalho em manter o foco nas correlações fortes. Também foi estimado o poder da amostra para os resultados obtidos, tendo um patamar mínimo de 80% em todos eles. Foram considerados significativos os resultados cujo p -valor $< 0,05$ e as análises foram realizadas no software estatístico SPSS (IBM SPSS Statistics for Windows, Version 25.0. Armonk, NY: IBM Corp.). O estudo foi aprovado no Comitê de ética em Pesquisa, sob o CAAE: 37151720.1.0000.5345.

RESULTADOS

Em contato prévio com as instituições de ensino participantes, tinha-se a previsão de que haveria 187 possíveis formandos(as) em 2020/02. Desses(as), 63 (33,68%) aceitaram participar do estudo.

Abaixo apresenta-se a distribuição de participantes de acordo com a instituição:

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO POR INSTITUIÇÃO

Instituição	Prováveis formandos(as)	Participantes (n)	% de participantes
Instituição 1 - privada não confessional	32	18	28,6%
Instituição 2 - pública federal	42	15	23,8%
Instituição 3 - privada confessional católica	42	14	22,2%
Instituição 4 - pública federal	22	5	7,9%
Instituição 5 - pública federal	30	5	7,9%
Instituição 6 - pública federal	15	4	6,3%
Instituição 7 - privada confessional católica	4	2	3,20%
Total	187	63	

Fonte: dados gerados neste trabalho

Foram 51 (81%) pessoas do sexo feminino e 12 (19%) do sexo masculino, das quais 50 eram solteiras (79,4%) e 13 (20,6%) casadas ou em união estável. 34 (53,9) participantes eram estudantes de instituições privadas e 29 (46,1%) de públicas federais.

Em relação a afiliação religiosa, 18 (28,57%) pessoas se declararam católicas, 10 (15,87) evangélicas, 8 (12,69%) ateias, 6 (9,52%) espíritas, 4 (6,34%) agnósticas e 1 budista (1,58%). Ainda, 10 (15,87%) pessoas se declaram sem religião definida, embora se sintam espiritualizadas e 6 (9,52%) declararam outras religiões, que foram: Igreja de Jesus Cristo dos Santos dos Últimos Dias; Judia não praticante; Neopaganista / perenialista / Místico monoteísta / Não-denominacional; Santo Daime; Mistura de hinduísta com budista.

Abaixo apresenta-se os dados resultantes da aplicação do questionário elaborado pela equipe de pesquisa:

TABELA 2 - RESULTADO DA APLICAÇÃO DO QUESTIONÁRIO

Enunciado	Ponto 1 da escala	Ponto 10 da escala	Me DP Md
-----------	-------------------	--------------------	----------

1	O quanto a religião é presente na sua vivência diária?	Totalmente ausente: nunca me balizo por conceitos espirituais ou procuro me relacionar com a dimensão espiritual	Totalmente presente: diariamente procuro me balizar nos conceitos espirituais da minha crença e me relacionar com a dimensão transcendente, seja fazendo orações, frequentando cerimônias, refletindo sobre o sentido da vida...	5,9	3,1	6
2	O quanto você acredita que a espiritualidade/religiosidade podem ser importantes aliadas no enfrentamento de situações adversas (depressão, ansiedade, divórcio...)?	Sem importância	Muito importantes	7,9	1,9	8
3	O quanto você se sentiu confortável para expor suas crenças espirituais/religiosas no ambiente acadêmico?	Nunca me senti confortável para expor	Muito confortável, expus diversas vezes	5,2	3	5
4	O quanto você considera a dimensão espiritual/religiosa importante na atuação profissional do/a psicólogo/a?	Sem importância	Muito importante	5,4	2,9	5
5	Qual o contato que você teve com os temas de espiritualidade e religiosidade na graduação em psicologia?	Não tive nenhum contato com o tema na graduação	Tive uma disciplina especialmente dedicada ao tema e durante diversas disciplinas houveram discussões, leituras e integração da espiritualidade/religiosidade com a Psicologia	2,9	1,6	3
6	O quanto você está apropriado/a do conceito Psicologia da Religião?	Nada apropriado/a, não faço ideia do que se trata	Totalmente apropriado/a, já li diversos textos sobre, fui em eventos, assisti vídeos e outros recursos sobre o tema	2,5	2,1	1
7	O quanto você está apropriado/a do conhecimento científico produzido sobre a relação entre espiritualidade, religiosidade e saúde, bem como o efeito dessas relações na saúde mental das pessoas?	Nada apropriado/a	Totalmente apropriado/a	4,5	2,3	4
8	Durante a graduação, em observações, práticas, estágios e afins, você já se deparou com situações que apontavam para a relação entre espiritualidade, religiosidade e saúde?	Não, nunca aconteceu	Sim, em diversas situações	5,8	2,7	6

9	Quanto você considera que a sua graduação lhe preparou para lidar na atuação como psicólogo/a com temas ligados à espiritualidade e religiosidade?	A graduação não contemplou essa aprendizagem	Preparou totalmente	3,3	2,1	3
10	O quanto você gostaria de ter recebido mais oportunidades de aprendizado desse tema na graduação?	Estou satisfeito/a com o que a graduação proporcionou	Gostaria muito	7	2,7	8
11	De uma maneira geral, o quanto você se sente apto a lidar com situações envolvendo espiritualidade e religiosidade na sua prática profissional pós formatura?	Totalmente inapto	Totalmente apto	6,3	2,1	6

Fonte: dados gerados neste trabalho

Legenda: Me = média, DP = desvio-padrão e Md = mediana

Abaixo são apresentados os resultados decorrentes da aplicação da Escala de Religiosidade de DUKE - DUREL. Estão expostos os resultados para cada pergunta individual da escala, bem como dos diferentes tipos de religiosidade medidos pelo instrumento, considerando as respostas de todos(as) os(as) participantes:

TABELA 3 - RESULTADO DA APLICAÇÃO DA ESCALA DE RELIGIOSIDADE DE DUKE - DUREL

Tipo de religiosidade	Questão	Alternativas	N	%	Me	DP	Md
Religiosidade Organizacional - RO	1. Com que frequência você vai a uma igreja, templo ou outro encontro religioso?	1. Mais do que uma vez por semana	3	4,80%	4,3	1,5	4
		2. Uma vez por semana	9	14,30%			
		3. Duas a três vezes por mês	5	7,90%			
		4. Algumas vezes por ano	15	23,80%			
		5. Uma vez por ano ou menos	14	22,20%			
		6. Nunca	17	27,00%			
Religiosidade Não Organizacional - RNO	2. Com que frequência você dedica o seu tempo a atividades religiosas individuais, como preces, rezas, meditações, leitura da bíblia ou de outros textos religiosos?	1. Mais do que uma vez ao dia	4	6,30%	3,9	1,9	3
		2. Diariamente	19	30,20%			
		3. Duas ou mais vezes por semana	9	14,30%			
		4. Uma vez por semana	0	0,00%			
		5. Poucas vezes por mês	8	12,70%			
		6. Raramente ou nunca	23	36,50%			

Religiosidade Intrínseca - RI	3. Em minha vida, eu sinto a presença de Deus (ou do Espírito Santo)	1. Totalmente verdade para mim	19	30,20%	8,7	4	9
		2. Em geral é verdade	18	28,60%			
		3. Não estou certo	12	19,00%			
		4. Em geral não é verdade	3	4,80%			
		5. Não é verdade	11	17,50%			
	4. As minhas crenças religiosas estão realmente por trás de toda a minha maneira de viver.	1. Totalmente verdade para mim	10	15,90%			
		2. Em geral é verdade	20	31,70%			
		3. Não estou certo	11	17,50%			
		4. Em geral não é verdade	7	11,10%			
		5. Não é verdade	15	23,80%			
	5. Eu me esforço muito para viver a minha religião em todos os aspectos da vida	1. Totalmente verdade para mim	9	14,30%			
		2. Em geral é verdade	11	17,50%			
		3. Não estou certo	14	22,20%			
		4. Em geral não é verdade	11	17,50%			
		5. Não é verdade	18	28,60%			

Fonte: dados gerados neste trabalho

Legenda: Me = média, DP = desvio-padrão e Md = mediana

Abaixo apresenta-se as correlações encontradas entre as respostas ao questionário e à escala DUREL. Estão em destaque as correlações significativas (P-VALOR<0,05) e fortes ($r>0,5$), alvo das análises nesse estudo. O sinal do coeficiente de correlação de Pearson (r) indica se a correlação é positiva ou negativa.

TABELA 4 - CORRELAÇÕES ENTRE AS RESPOSTAS DO QUESTIONÁRIO E DA ESCALA DE RELIGIOSIDADE DE DUKE (DUREL) - COEFICIENTE DE CORRELAÇÃO DE SPEARMAN

Questão	1	2	3	4	5	6	7	8	9	10	11	RO	RNO
2	r	0,590											
	p-valor	0,000											
3	r	-0,437	-0,328										
	p-valor	0,000	0,009										
4	r	0,595	0,585	-0,400									
	p-valor	0,000	0,000	0,001									
5	r	-0,140	-0,057	0,345	-0,179								
	p-valor	0,274	0,657	0,006	0,161								
6	r	0,302	0,161	-0,036	0,350	0,158							
	p-valor	0,016	0,207	0,776	0,005	0,217							
7	r	0,296	0,416	-0,051	0,298	0,211	0,570						
	p-valor	0,019	0,001	0,693	0,018	0,097	0,000						
8	r	0,305	0,307	-0,092	0,385	0,133	0,367	0,401					
	p-valor	0,015	0,014	0,473	0,002	0,300	0,003	0,001					
9	r	-0,307	-0,211	0,502	-0,456	0,536	0,080	0,164	0,065				
	p-valor	0,001	0,002	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000	0,000				

10	p-valor	0,015	0,098	0,000	0,000	0,000	0,536	0,198	0,611					
	r	0,528	0,489	-0,395	0,628	-0,301	0,205	0,323	0,363	-0,479				
11	p-valor	0,000	0,000	0,001	0,000	0,017	0,107	0,010	0,003	0,000				
	r	0,229	0,314	0,101	0,074	0,223	0,223	0,472	0,308	0,254	0,055			
RO	p-valor	0,072	0,012	0,429	0,567	0,079	0,079	0,000	0,014	0,044	0,669			
	r	-0,688	-0,514	0,405	-0,594	0,171	-0,108	-0,125	-0,240	0,310	-0,573	0,026		
RNO	p-valor	0,000	0,000	0,001	0,000	0,181	0,399	0,328	0,058	0,013	0,000	0,837		
	r	-0,779	-0,487	0,398	-0,556	0,074	-0,177	-0,185	-0,026	0,299	-0,477	-0,211	0,661	
RI	p-valor	0,000	0,000	0,001	0,000	0,563	0,165	0,147	0,837	0,017	0,000	0,097	0,000	
	r	-0,895	-0,533	0,474	-0,574	0,102	-0,232	-0,205	-0,277	0,316	-0,508	-0,127	0,761	0,747
	p-valor	0,000	0,000	0,000	0,000	0,428	0,067	0,107	0,028	0,012	0,000	0,320	0,000	0,000

Fonte: dados gerados neste trabalho

Legenda: r = coeficiente de correlação de Pearson

Com o objetivo de facilitar a visualização das variáveis selecionadas, apresenta-se abaixo separadas em positivas e negativas e ordenadas de acordo com o coeficiente de correlação (r).

QUADRO 1 - CORRELAÇÕES FORTES (R>0,5)

Positivas	r	Negativas	r
RI - RO	0,761	RI - 1	-0,895
RI - RNO	0,747	RNO - 1	-0,779
RNO - RO	0,661	RO - 1	-0,688
10 - 4	0,628	RO - 4	-0,594
1 - 4	0,595	RI - 4	-0,574
1 - 2	0,59	RO - 10	-0,573
2 - 4	0,585	RNO - 4	-0,556
7 - 6	0,570	RI - 2	-0,533
9 - 5	0,536	RO - 2	-0,514
9 - 3	0,502	RI - 10	-0,508
10 - 1	0,528		

Fonte: dados gerados neste trabalho

Legenda: r = coeficiente de correlação

Por fim, é conveniente dizer que não foram encontradas diferenças significativas entre as respostas ao questionário e escala quando consideradas as variáveis sexo, estado civil e universidade (se pública ou privada). Entre essas variáveis, somente foi encontrada diferença significativa entre as respostas para a RI

quando considerado o estado civil (p -valor=0,005), tendo os(as) casados(as) menores pontuações (solteiro: $9,5 \pm 4,0$ X casados $6,0 \pm 2,5$). Em outras palavras, para essa amostra, as pessoas casadas apresentaram maior RI.

DISCUSSÃO

Os dados gerados no estudo demonstraram que a E/R está inserida na vida dos(as) estudantes participantes, tanto em pertencimento, quanto em envolvimento religioso. 41 (65,07%) pessoas declararam fazer parte de alguma religião específica e dez (15,87%) declararam nutrir algum tipo de crença espiritual, embora não vinculadas a nenhuma religião formal, o que demonstra a tendência de algumas pessoas a manterem uma espiritualidade mais autônoma, desligada de qualquer instituição específica. Chama atenção a quantidade de pessoas que se declararam ateias e agnósticas (19,04%), bem maior que a população geral (7%). Esse dado é semelhante ao encontrado entre os(as) profissionais da psicologia (19,5%) participantes do estudo de Paulino (2019).

Os resultados da aplicação da DUREL revelaram que, em geral, há um baixo envolvimento religioso dos(as) participantes. Nas respostas à RO, 15 (23,8%) pessoas responderam que vão a igrejas, templos ou encontros religiosos algumas vezes por ano, 14 (22,2%) uma vez por ano ou menos e 17 (27%) que nunca vão. A RNO gerou resultados mais polarizados, onde 19 (30,2%) pessoas disseram que dedicam tempo diariamente para atividades religiosas individuais, como preces, rezas, meditações, leitura da bíblia ou de outros textos religiosos e 23 (36,5%) raramente ou nunca. Quando comparado com os dados encontrados por Paulino (2019), é notória a diferença dos índices de RO e RNO entre profissionais e formandos(as), onde os estudantes apresentaram, no geral, menores índices de RO e RNO. No estudo conduzido por Cavalheiro e Falcke (2014) os(as) formandos(as) apresentaram menor crença espiritual que os(as) calouros(as). Embora esses estudos não tenham utilizado as mesmas ferramentas de mensuração, o fato de calouros(as) e profissionais terem apresentado maiores índices de E/R que os formandos pode indicar o declínio dessas dimensões ao longo do curso, possivelmente pela forma como o tema é abordado.

A RI também se mostrou mais variada entre os participantes. Quando perguntado se sentem a presença de Deus (ou do Espírito Santo), 19 (30,2%) responderam que é totalmente verdade e 18 (28,6) que em geral é verdade, e

quando questionados sobre as crenças religiosas estarem por trás de toda a maneira de viver, dez (15,9%) pessoas responderam que é totalmente verdade e 20 (31,7%) que em geral é verdade. Em contrapartida, quando perguntado se a pessoa se esforça muito para viver a religião em todos os aspectos da vida, as respostas foram bastante equilibradas, embora 11 (17,5%) tenham respondido que em geral não é verdade e 18 (28,6%) que não é verdade. Na pesquisa de Paulino (2019), os(as) profissionais apresentaram, no geral, maiores índices de RI.

A religiosidade não só se mostrou presente na vivência dos(as) estudantes, como estiveram correlacionadas entre si. Foram constatadas correlações positivas entre RI e RO, RI e RNO e RNO e RO, de modo que quanto mais o(a) participante tivesse um tipo de religiosidade, maior foi a tendência de ter também as duas demais. Estes dados contrapõem a ideia geral de que psicólogos são, ou devem ser, distanciados da religiosidade (FREITAS, 2018). Para a amostra da pesquisa, a religiosidade está presente em pertencimento e envolvimento, nas mais diversas formas. Existem pessoas de diferentes denominações religiosas, e com os mais distintos níveis de envolvimento organizacional, não organizacional e intrínseco. Isso demonstra que, ao menos para a amostra do estudo, a religiosidade é uma dimensão importante para boa parte dos(as) participantes.

Quando questionados sobre o quanto se sentiram confortáveis para expor as próprias crenças no ambiente acadêmico, a média das respostas foi 5,2 e a mediana foi 5, revelando um cenário bastante diverso, onde boa parte das pessoas se sentia confortável e boa parte não se sentia. Porém, houve uma correlação positiva entre se sentir confortável (questão 3) e considerar que a graduação os(as) preparou para lidar na atuação como psicólogo(a) com temas ligados à E/R (questão 9). Essa correlação pode indicar que na medida em que há maior investimento da instituição em abordar o tema, o que conseqüentemente torna os(as) estudantes mais preparados, há maior naturalidade em relação à temática e maior tranquilidade dos(as) estudantes em expor as próprias crenças. Esse dado colabora com os achados de Cunha e Scorsolini-Comin (2019). Da mesma forma, na pesquisa de Vieira; Zanini; Amorim (2013) os estudantes que tinham maior percepção de terem as próprias crenças respeitadas pelos(as) professores(as) tendiam a considerar menor a existência de conflitos entre as crenças e algumas abordagens da psicologia, o que reforça a importância de o tema ser abordado de forma científica e respeitosa, distanciada de vieses pessoais.

As respostas ao questionário revelaram de forma clara a percepção de despreparo vivenciada pelos(as) estudantes. Quando questionados(as) sobre o contato que tiveram com os temas E/R na graduação em psicologia (questão 5) a média foi 2,9 e a mediana 3. Sendo a mediana o valor que separa a metade maior e a metade menor da amostra, isso significa dizer que pelo menos metade dos participantes pontuaram 3 ou menos, explicitando a percepção de que tiveram pouco contato com o tema E/R. Da mesma forma, quando questionados(as) sobre o quanto consideram que a graduação os(as) preparou para lidar com temas ligados a E/R na atuação como psicólogo(as) (questão 9), a média foi 3,3 e a mediana 3, revelando um cenário bastante semelhante à questão anterior.

Não por acaso, as duas questões apresentaram uma correlação positiva. Quanto mais os(as) participantes consideram ter tido contato com os temas E/R, maior foi a tendência de perceberem que a graduação os(as) preparou para lidar com esses temas na atuação profissional. Sentir-se preparado(a) esteve diretamente relacionado com o quanto o tema foi abordado, o que reforça a necessidade de esses temas terem maior espaço nas graduações.

Em relação ao estar apropriado(a) do conhecimento científico acerca da relação entre E/R, saúde e saúde mental (questão 7), a média foi 4,5 e a mediana 4, indicando baixo conhecimento sobre o tema. Sendo a E/R de grande importância na vida dos(as) brasileiros(as) (IBGE, 2010; MOREIRA-ALMEIDA, 2010) e já existindo conhecimento científico numeroso e com robustez metodológica (KOENIG, 2012; MOREIRA-ALMEIDA; LUCCHETTI, 2016), os dados desse estudo sugerem que incluir esses conhecimentos de forma consistente nos cursos de graduação é uma necessidade urgente, uma vez que não são de conhecimento dos estudantes que estão concluindo o curso.

Uma das formas de se fazer isso é incluindo nos currículos de graduação o ensino da Psicologia da Religião, uma área do conhecimento da Psicologia, que oferece subsídio teórico para o manejo de temáticas ligadas a E/R na prática profissional da Psicologia. Quando questionados(as) sobre o quanto estavam apropriados(as) do conceito Psicologia da Religião (questão 6), a média foi 2,5 e a mediana 1. Esses dados são expressivos, especialmente ao considerar que a mediana indica que pelo menos metade dos(as) participantes pontuou um, o que significa que estavam nada apropriados(as) e não faziam ideia do que se tratava. Isso desvela o total desconhecimento entre os(as) estudantes, em breve

profissionais, de uma área do conhecimento já tradicional e tão antiga quanto a própria psicologia científica, o que corrobora com a percepção de silenciamento do tema enfatizado por Freitas (2018).

O estudo indicou uma correlação positiva entre as questões 6 e 7. Estar apropriado(a) do conhecimento científico acerca da relação entre E/R, saúde e saúde mental esteve correlacionado com estar apropriado(as) do conceito Psicologia da Religião, o que indica que o ensino da Psicologia da Religião nas graduações pode ser um caminho potente para se abordar temas relacionados a E/R, e com isso ofertar aos(as) estudantes maiores condições de lidar com essas temáticas na prática profissional.

Em contrapartida ao desconhecimento e despreparo indicados nos dados apresentados até aqui, os(as) estudantes demonstraram uma postura de abertura para o tema. Quando questionados sobre o quanto acreditavam que a E/R poderiam ser importantes aliadas no enfrentamento de situações adversas como depressão, ansiedade e divórcio (questão 2), a média foi 7,9 e a mediana 8. Quanto ao desejo de ter recebido mais oportunidades de aprendizado do tema na graduação (questão 10), a média foi 7 e a mediana 8. Entre os(as) profissionais, Paulino (2019) encontrou que 68% gostariam de aprender sobre o tema .

Em relação a considerar a E/R importantes na atuação profissional do(a) psicólogo(a) (questão 4) a média foi 5,4 e a mediana 5, o que indica uma baixa percepção de importância do tema na atuação profissional. Todavia, essa questão apresentou correlação positiva com as questões dois e dez. Tendo em vista que os(as) estudantes que tinham maior percepção da importância da E/R no enfrentamento de situações adversas (questão 2) apresentaram maior percepção sobre a importância na prática profissional, pode-se argumentar que proporcionar aos estudantes uma aproximação com os estudos científicos que demonstram as correlações da E/R com medidas de saúde mental poderia contribuir para que tivessem maior percepção da importância do tema na prática profissional. Da mesma forma, a correlação com desejar ter aprendido mais sobre o tema (questão 10) indica que dar aos(as) estudantes a oportunidade de conhecer a temática, e com isso se interessar por ela, também poderia contribuir para uma maior percepção de importância na prática profissional. A baixa percepção de importância também foi um achado da pesquisa de Cavalheiro e Falcke (2014), onde 69,3% dos(as)

formandos(as) consideraram a E/R pouco ou nada importante na prática clínica psicológica.

A maior percepção de importância na prática profissional é relevante para que os(as) profissionais estejam abertos para acolher demandas psicológicas com conteúdo religioso no seu trabalho, e com isso oferecer aos(as) pacientes/clientes um cuidado integral. Esse acolhimento se mostrará importante na medida em que a maior parte da população brasileira tem uma religião, tornando esse tema de grande relevância na vida, e conseqüentemente nas demandas que fazem com que procurem apoio de um(a) psicólogo(a). A questão oito, que avaliava se o(a) estudante já havia se deparado com situações que apontavam para a relação entre E/R e saúde nas atividades práticas da graduação (estágios, observações...) teve média 5,8 e mediana 6. Considerando que diversos estudos apontam para o fato de que profissionais consideram a E/R dimensões importantes na prática profissional mas não se sentem aptos para abordar o assunto (CUNHA; SCORSOLINI-COMIN, 2019), oferecer ferramentas para aumento da capacidade de lidar com o tema pode favorecer uma maior tranquilidade e abertura para o acolhimento dessas demandas, tornando essa dimensão da vida mais frequente na prática profissional.

A questão um do questionário avaliava a percepção dos(as) estudantes sobre a presença da religião nas suas vivências diárias. A média foi 5,9 e mediana 6, o que indica que nesse aspecto houve resultados bastante variados. As médias das religiosidades avaliadas pela DUREL demonstraram resultados semelhantes, onde a RO teve média 4,3 e mediana 4, a RNO teve média 3,9 e mediana 3 e a RI teve média 8,7 e mediana 9.

A questão um apresentou correlação positiva com as questões dois, quatro e dez, o que indica que quanto maior a presença da religião na vida dos(as) estudantes, maior foi a tendência de considerarem a E/R importantes no enfrentamento de situações adversas (questão 2), na prática profissional (questão 4) e maior foi o desejo de terem aprendido mais sobre o tema na graduação (questão 10).

A RO e a RI apresentaram correlação negativa com as questões dois, quatro e dez, e RNO apresentou correlação negativa com a questão 4. Considerando que quanto menor for o resultado encontrado na DUREL (mais próximo de um para RO e RNO e de três para a RI) maior é a religiosidade, essas correlações indicam que maiores índices de RO e RI estiveram correlacionados com maior percepção sobre a

importância da E/R no enfrentamento de situações adversas (questão 2), na prática profissional (questão 4) e maior desejo em ter aprendido sobre o tema na graduação (questão 10). Da mesma forma, quanto maior foi a RNO, maior também foi a tendência de considerarem a E/R importantes na prática profissional.

Considerar a E/R importantes ferramentas de enfrentamento, portanto, significativas nos processos de trabalho do(a) psicólogo(a) é um requisito importante para que o tema ganhe maior relevância na área, e tenha um lugar condizente com as demandas decorrentes das características da população. Da mesma forma, ter interesse em aprender sobre o tema é fundamental para que estudantes e profissionais busquem compreendê-lo à luz do conhecimento científico, e com isso possam oferecer aos seus pacientes/clientes um cuidado integral e qualificado.

É natural que as pessoas que tenham algum tipo de E/R considerem essas duas dimensões importantes e se interessem em estudá-las, até mesmo porque provavelmente já experimentaram na própria vivência as relações entre E/R e saúde mental. Todavia, por ser a Psicologia uma ciência, é importante que os(as) profissionais não se balizem por percepções, interesses e vivências pessoais. Profissionais podem, como qualquer cidadão, nutrir crenças e práticas de toda ordem, mas é importante que a prática profissional esteja amparada pela produção científica, já farta quando o tema é E/R, saúde e saúde mental. Compreender o conhecimento científico é um fator importante para a assimilação dos limites éticos necessários ao exercício profissional, uma vez que os estudos avaliados por Cunha e Scorsolini-Comin (2019) indicaram que uma conduta ética está ligada ao quanto o(a) profissional compreende a própria vivência espiritual e religiosa.

Ainda nesse sentido, é surpreendente o resultado da questão 11, que avaliou o quanto os(as) participantes se sentiam aptos(as) para lidar com situações envolvendo E/R na prática profissional após a conclusão do curso. Apesar de todo o desconhecimento científico sobre o tema revelado pelas questões anteriores, a percepção de aptidão foi relativamente alta, sendo a média 6,3 e a mediana 6. Seriam necessários outros estudos para avaliar em que se baseia tal confiança, mas é possível que os(as) estudantes considerem que os conhecimentos oportunizados na formação sejam suficientes para lidar com tais demandas, embora em geral não tenham aprendido especificamente sobre E/R.

Da mesma forma, tendo a questão um e as religiosidades medidas pela DUREL apresentado correlações com o interesse no tema e com a percepção de

importância da E/R no enfrentamento e na prática profissional, pode ser que os estudantes considerem que as próprias vivências sejam suficientes para uma compreensão e manejo das demandas de pacientes e clientes. O conhecimento científico somente é adquirido na medida em que o(a) estudante lê sobre o assunto, discute os achados com seus pares e professores(as), ferramentas comuns no processo de ensino e aprendizagem das graduações.

Embora a formação profissional não se conclua com o término da graduação, esse é um momento fundamental para a concepção do que é, ou não, permitido e importante na atuação em psicologia. Os achados deste estudo confirmam a partir da percepção dos(as) estudantes a já constatada negligência para o tema presente na área (COSTA; NOGUEIRA; FREIRE, 2009; MACHADO; PIASSON; MICHEL, 2019; HOLANDA; PEREIRA, 2019). Este e os demais estudos têm demonstrado a importância de mais pesquisas investigando a maneira como temáticas ligadas a E/R têm sido abordadas na graduação, e quais são as percepções e o efeito disto para os(as) estudantes, futuros(as) profissionais.

Todos esses achados têm demonstrado que a relação entre Psicologia e E/R ainda é conflituada, necessitando de um consistente diálogo que viabilize mudanças concretas e significativas nas formações em psicologia brasileiras. Essas mudanças são necessárias tanto no sentido de aumentar a oferta de disciplinas que explorem essas temáticas, quanto no maior conhecimento de professores(a) sobre as interfaces entre a E/R e suas áreas de estudo, de modo que possam explorar as ligações no ensino das disciplinas que ministram. O cenário gaúcho não se mostrou diferente ao do restante do país, necessitando de tais mudanças tanto quanto as demais localidades.

CONCLUSÃO

Apesar da expressiva relevância da E/R na vida cotidiana da população brasileira, e suas conseqüentes repercussões na saúde mental, o tema ainda não é comum na Psicologia. Diversos estudos têm se esforçado em mapear a enorme lacuna em relação ao estudo da E/R pelas lentes da Psicologia, especialmente no contexto das graduações. A fim de contribuir com esses esforços, o presente estudo se concentrou em compreender a realidade da formação no Rio Grande do Sul, a partir da percepção de formandos(as) de psicologia das instituições que apresentaram maior nível de excelência acadêmica.

Os resultados demonstraram que a E/R fazem parte da vivência dos(as) estudantes em pertencimento e envolvimento, embora a quantidade de ateus(as) e agnósticos(as) seja maior que da população geral. Os(as) participantes demonstraram sentir, no geral, a percepção de que tiveram pouco contato com a temática na graduação e que foram pouco preparados(as) para lidar com demandas relacionadas a E/R. Essas duas variáveis apresentaram correlação positiva, indicando que a percepção de preparo está relacionada com o quanto tiveram contato com o tema na graduação.

Da mesma forma, demonstraram baixo conhecimento do que há de produção científica acerca da relação entre espiritualidade, religiosidade, saúde e saúde mental, bem como da Psicologia da Religião. Em contrapartida, apresentaram uma percepção relativamente alta da própria aptidão em lidar com demandas relativas a E/R, o que pode ser um dado preocupante. Novos estudos são necessários para avaliar em que se baseia essa percepção, que possivelmente seja na crença de que o tema é trivial ou que as próprias vivências religiosas e espirituais sejam suficientes para fundamentar o exercício profissional.

Quando questionados(as) sobre o quanto se sentiram confortáveis em expor as próprias crenças no contexto acadêmico, os resultados foram bastante equilibrados, da mesma forma quanto a importância da E/R na prática profissional da psicologia e na percepção de o quanto já haviam se deparado com situações que apontavam para a relação entre espiritualidade, religiosidade e saúde nos estágios e práticas.

Os(as) participantes expressaram a percepção de que a E/R são grandes aliadas no enfrentamento de situações adversas, e um grande desejo em de ter recebido mais oportunidades de aprendizado desse tema na graduação. Essas duas variáveis se apresentaram positivamente correlacionadas com a percepção de importância da E/R na atuação profissional. Isso indica que se estudantes tivessem maior contato com o tema e com os estudos que mostram os efeitos da E/R para enfrentamento de situações adversas, poderiam estar mais abertos(as) ao acolhimento da temática no exercício da profissão.

A presença de religiosidade na vida do(a) estudante esteve correlacionada com a percepção de que a E/R são aliadas para enfrentamento de situações adversas, da importância do tema na prática profissional e do desejo em ter aprendido mais na graduação. Esses dados indicam a necessidade de o tema ser

abordado a partir do diálogo científico, evitando vieses pessoais e consequentemente uma atuação não ética baseada em valores religiosos.

De modo geral, os resultados do estudo demonstraram que o cenário gaúcho é bastante semelhante ao do restante do país. O estudo da E/R é bastante restrito, o que fundamenta a sensação de despreparo e o não conhecimento sobre o tema. Essas lacunas precisam ser revistas urgentemente, uma vez que a E/R são parte importante da vivência da população.

O presente estudo apresenta algumas limitações, como o número limitado de estudantes respondentes, a não presença das variáveis idade e abordagem teórica de preferência. Da mesma forma, a escolha pelo uso da DUREL privilegiou o entendimento da religiosidade à espiritualidade, duas dimensões que podem ser bem diferentes na vida de cada pessoa. De qualquer modo, foi suficiente para compreensão do cenário e para discussão das necessárias mudanças curriculares nos cursos de formação em psicologia do Rio Grande do Sul.

Sugere-se que novos estudos sejam feitos para avaliação de outras variáveis em relação às trabalhadas neste estudo, bem como em outras instituições de ensino. Da mesma forma, se faz importante a inserção do tema nas graduações e de estudos que avaliem o impacto dessa inserção nas percepções dos estudantes.

REFERÊNCIAS

CAVALHEIRO, Carla M F; FALCKE, Denise. Espiritualidade na formação acadêmica em psicologia no Rio Grande do Sul. *Estud. psicol. (Campinas)*, Campinas , v. 31, n. 1, p. 35-44, Mar. 2014 .

COSTA, W., NOGUEIRA, C., & FREIRE, T. (2009). The lack of teaching/study of religiosity/spirituality in psychology degree courses in Brazil: The need of reflection. *Journal of Religion and Health*, 49(3), 322–332.

COHEN, J. (1988). *Statistical Power Analysis for the Behavioral Sciences* (2nd ed.). Hillsdale, NJ: Lawrence Erlbaum Associates, Publishers.

CUNHA, V. F., & SCORSOLINI-COMIN, F. (2019). A religiosidade/espiritualidade (R/E) como componente curricular na graduação em Psicologia: Relato de

experiência. Psicologia Revista, 28(1), 193-214.
doi:10.23925/2594-3871.2019v28i1p193-214

FREITAS, Marta H. Relevância do estudo da religião para o estudante de psicologia. In: Antúnez, Andrés E A; Safra, Gilberto. Psicologia Clínica da Graduação à Pós-Graduação. 01. Rio de Janeiro: Atheneu; 2018. 273-280.

HOLANDA, Adriano; PEREIRA, Karine. (2019). Religião e espiritualidade no curso de psicologia: revisão sistemática de estudos empíricos. Interação em Psicologia. 23. 10.5380/psi.v23i02.65373.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. (2010). Censo demográfico 2010: Características gerais da população, religião e pessoas com deficiência. <https://biblioteca.ibge.gov.br/pt/biblioteca-catalogo?view=detalhes&id=794>

KOENIG, H.G. "Religion, spirituality, and health: the research and clinical implications". *ISRN Psychiatry*, 2012.

KOENIG, Harold G. Medicina, religião e saúde. 01. Porto Alegre: L&PM; 2015

KOENIG, Harold G.; MCCULLOUGH, Michael E.; LARSON, David B. - Handbook of Religion and Health. New York: **Oxford University Press**, p. 712, 2001.

MACHADO, Fatima R; PIASSON, Douglas L; MICHEL, Renate B. Mapeamento da Psicologia da Religião no Brasil. In: Esperandio, Mary R G; Zangari, Wellington; Freitas, Marta H; Ladd, Kevin L. Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: Estado Atual e Oportunidades Futuras. 01. Curitiba: Editora CRV; 2019. 41-71.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander *et al.* Envolvimento religioso e fatores sociodemográficos: resultados de um levantamento nacional no Brasil. **Rev. psiquiatr. clín.**, São Paulo , v. 37, n. 1, p. 12-15, Jan. 2010 .

MOREIRA-ALMEIDA A., PERES M. F., ALOE F., LOTUFO NETO F., & KOENIG H. G. (2008). Versão em português da Escala de Religiosidade Duke - DUREL. *Revista de Psiquiatria Clínica*, 35(1), 31-32.

MOREIRA-ALMEIDA, Alexander; LUCCHETTI, Giancarlo. Panorama das pesquisas em ciência, saúde e espiritualidade. **Cienc. Cult.**, São Paulo , v. 68, n. 1, p. 54-57, Mar. 2016.

PAIVA, Geraldo J; FREITAS, Marta H de. História, estado atual e perspectivas da psicologia da religião no Brasil. In: Esperandio, Mary R G; Zangari, Wellington; Freitas, Marta H; Ladd, Kevin L. *Psicologia Cognitiva da Religião no Brasil: Estado Atual e Oportunidades Futuras*. 01. Curitiba: Editora CRV; 2019. 41-71.

PAULINO, Pedrita. R. V. (2019). *Religiosidade/Espiritualidade em uma amostra nacional de psicólogos brasileiros: Perfil e implicações na prática profissional* [Tese de Doutorado em Psicologia (ainda não publicada)]. Universidade Federal de Juiz de Fora

VIEIRA, Timoteo Madaleno; ZANINI, Daniela Sacramento; AMORIM, Alexandre de Paula. Religiosidade e Bem-Estar Psicológico de Acadêmicos de Psicologia. *Interação em Psicologia*, Curitiba, v. 17, n. 2, set. 2013.

TAUNAY, T. C. E., GONDIM, F. A. A., MACÊDO, D. S., MOREIRA-ALMEIDA, A., GURGEL, L. A., ANDRADE, L. M. S., & CARVALHO, A. F. (2012). Validação da versão brasileira da escala de religiosidade de Duke (DUREL). *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)*, 39(4), 130-135.

ZANGARI, Wellington; MACHADO, Fatima R. (org). *Psicologia e Religião*; 2018 [citado em 03 Abr 2021]. Disponível em: https://www.usp.br/interpsi/?page_id=368

APÊNDICE H - PRODUTO EDUCACIONAL 1 - DISCIPLINA PSICOLOGIA DA RELIGIÃO E DA ESPIRITUALIDADE

PLANO DE ENSINO DA DISCIPLINA

Nome da disciplina: Psicologia da Religião e da Espiritualidade

Enfoque: Eletiva

Número de estudantes por turma: 40

Carga horária total: 30h, sendo 06h realizadas na modalidade de ensino a distância (EAD)

Docente regente: Cleidilene Ramos Magalhães

Docente colaboradora: Márcia Rosa da Costa

Docente(s) convidados(as): a definir

Ementa:

Propõe o diálogo acerca das relações entre Psicologia, religião, religiosidade e espiritualidade e a forma como a Psicologia compreendeu esses fenômenos ao longo de seu desenvolvimento histórico enquanto ciência e profissão. Estuda as possibilidades de acolhimento de demandas psicológicas com conteúdo religioso nos diferentes *settings* da Psicologia de maneira técnica, ética e cientificamente embasada.

Objetivo Geral:

Oportunizar aos(as) estudantes o desenvolvimento do pensamento analítico e crítico sobre o lugar da religião, da religiosidade e da espiritualidade na Psicologia enquanto ciência e fornecer conhecimentos para um manejo adequado de demandas psicológicas que envolvam essas dimensões na prática profissional.

Objetivos Específicos:

- Reconhecer as diferentes formas de conceituar espiritualidade, religião e religiosidade, compreendendo a importância na vida das pessoas e, conseqüentemente, na prática psicológica.

- Identificar e analisar criticamente os conhecimentos básicos sobre o campo de estudo Psicologia da Religião e da Espiritualidade.
- Analisar criticamente a literatura científica no que se refere à relação entre espiritualidade, religião, religiosidade e saúde mental.
- Compreender as diferentes formas de aplicar os conhecimentos científicos nas condutas profissionais para que o manejo de demandas psicológicas com conteúdo religioso seja feito de forma técnica, ética e cientificamente embasada.

Conteúdo Programático:

Conceitos de espiritualidade, religião e religiosidade

Introdução à Psicologia da Religião e da Espiritualidade

Desenvolvimento do estudo do fenômeno religioso na história da Psicologia

Espiritualidade, religião e religiosidade e as relação com a saúde mental

Ateísmo, agnosticismo e irreligiosidade e as relações com a saúde mental

Experiências anômalas e sua relação com experiências religiosas

Espiritualidade, religião e religiosidade e as relação com a psicopatologia

Diagnóstico diferencial entre experiências religiosas saudáveis e transtornos mentais com conteúdo religioso

Manejo clínico de demandas psicológicas com conteúdo religioso

Coping religioso e espiritual

Questões éticas envolvidas com o manejo de demandas psicológicas com conteúdo religioso

Procedimentos Didáticos:

Aulas expositivas; aulas dialogadas; conversação dirigida; leituras e estudos individuais e coletivos; Estudo e Análise de casos. Como estratégias serão utilizadas: Aulas teórico-expositivas; Seminários; Trabalho em grupo, sob supervisão; Será disponibilizado espaço virtual de aprendizagem da disciplina na plataforma **Moodle**.

Situações e Critérios de Avaliação:

Serão realizadas três avaliações:

1. Prova Individual (40%)

2. Trabalhos em grupo (20%)
3. Estudo de caso (40%)

Bibliografia Básica:

Antúñez, Andrés E A; Safra, Gilberto. Psicologia Clínica da Graduação à Pós-Graduação. 01. Rio de Janeiro: Atheneu; 2018. 267-272.

Ávila, Antonio. Para Conhecer a Psicologia da Religião. 01. São Paulo: Edições Loyola; 2007.

Zangari, Wellington; Machado, Fatima R. (org). Psicologia e Religião: Histórico, Subjetividade, Saúde Mental, Manejo, Ética Profissional e Direitos Humanos; 2018 [citado em 03 Abr 2021]. Disponível em: https://www.usp.br/interpsi/?page_id=368

Bibliografia Complementar:

Cardeña, E.; Lynn, S. J.; Krippner, S. Variedades da experiência anômala: análise de evidências científicas. São Paulo: Atheneu, 2013.

Conselho Regional de Psicologia de São Paulo – CRP/SP. (2014). Psicologia, laicidade, espiritualidade, religião e os saberes tradicionais: referências básicas para a atuação profissional. São Paulo, SP: o autor.

Koenig, Harold G. Medicina, religião e saúde. 01. Porto Alegre: L&PM; 2015

Menezes Júnior, Adair de e Moreira-Almeida, Alexander. O diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e transtornos mentais de conteúdo religioso. Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo) [online]. 2009, v. 36, n. 2

Moreira-Almeida, Alexander, Lotufo Neto, Francisco e Koenig, Harold G. Religiosidade e saúde mental: uma revisão. Brazilian Journal of Psychiatry [online]. 2006, v. 28, n. 3

Pargament, K. I. (1997). The Psychology of religion and coping. Theory, research, practice. New York: The Guilford Press.

APÊNDICE I - PRODUTO EDUCACIONAL 2 - CURSO PARA DOCENTES PSICOLOGIA E AS RELAÇÕES COM A ESPIRITUALIDADE, COM A RELIGIÃO E A RELIGIOSIDADE

PLANO DE ENSINO

DADOS DE IDENTIFICAÇÃO

Faculdade: UFCSPA

Departamento: Educação e Humanidades

Curso: Psicologia e as relações com a Espiritualidade, com a Religião e a Religiosidade

Público alvo: Docentes dos cursos de graduação da UFCSPA, especialmente do curso de Psicologia.

Professoras responsáveis: Cleidilene Ramos Magalhães e Márcia Rosa da Costa

Número de Estudantes: 20

Carga horária: 20 horas

Ementa:

Propõe o diálogo acerca das relações entre a Psicologia, religião, religiosidade e a espiritualidade e a forma como a Psicologia compreendeu esses fenômenos ao longo de seu desenvolvimento histórico enquanto ciência e profissão. Estuda as interfaces entre a Psicologia da Religião e as demais áreas de estudo da Psicologia, tendo em vista a importância da espiritualidade e da religiosidade na constituição da subjetividade.

Objetivo Geral

Oportunizar aos(às) docentes da UFCSPA conhecimentos e reflexões sobre o lugar da espiritualidade, da religião e da religiosidade na Psicologia e na saúde enquanto ciência e profissão para que possam tecer diálogos com suas áreas de estudo e ensino.

Objetivos Específicos

- Reconhecer as diferentes formas de conceituar espiritualidade, religião e religiosidade, compreendendo a importância na vida das pessoas e, conseqüentemente, na prática psicológica e nas demais práticas em saúde.
- Identificar e compreender os conhecimentos básicos sobre o campo de estudo Psicologia da Religião e da Espiritualidade.
- Analisar criticamente a literatura científica no que se refere à relação entre espiritualidade, religião, religiosidade e saúde mental.
- Compreender as relações entre os conhecimentos da Psicologia da Religião e das demais áreas de estudo da Psicologia e da saúde.

Conteúdo Programático

Conceitos de espiritualidade, religião e religiosidade

Introdução à Psicologia da Religião e da Espiritualidade

Desenvolvimento do estudo do fenômeno religioso na história da Psicologia

Espiritualidade, religião e religiosidade e as relação com a saúde mental

Ateísmo, agnosticismo e irreligiosidade e as relações com a saúde mental

Experiências anômalas e sua relação com experiências religiosas

Espiritualidade, religião e religiosidade e as relação com a psicopatologia

Diagnóstico diferencial entre experiências religiosas saudáveis e transtornos mentais com conteúdo religioso

Coping religioso e espiritual

Formação profissional em Psicologia/Saúde e as relações com a espiritualidade, a religião e a religiosidade

Procedimentos Metodológicos

O curso será realizado na modalidade de Ensino a Distância (EAD), utilizará metodologias ativas na condução das atividades didáticas, com inspiração na metodologia da problematização. As atividades serão desenvolvidas através de:

1. Aulas expositivas dialogadas;
2. Fóruns de discussão;
3. Vídeos;
4. Análise teórico-reflexiva de casos fictícios;
5. Realização de estudo de caso em grupo.

Recursos:

Materiais: computador, ferramenta para transmissão online e gravação de aulas.

Humanos: professores e alunos.

Bibliografia Básica

Antúnez, Andrés E A; Safra, Gilberto. Psicologia Clínica da Graduação à Pós-Graduação. 01. Rio de Janeiro: Atheneu; 2018. 267-272.

Ávila, Antonio. Para Conhecer a Psicologia da Religião. 01. São Paulo: Edições Loyola; 2007.

CAVALHEIRO, Carla M F; FALCKE, Denise. Espiritualidade na formação acadêmica em psicologia no Rio Grande do Sul. Estud. psicol. (Campinas), Campinas , v. 31, n. 1, p. 35-44, Mar. 2014.

Zangari, Wellington; Machado, Fatima R. (org). Psicologia e Religião: Histórico, Subjetividade, Saúde Mental, Manejo, Ética Profissional e Direitos Humanos; 2018 [citado em 03 Abr 2021]. Disponível em: https://www.usp.br/interpsi/?page_id=368

Bibliografia Complementar

Cardeña, E.; Lynn, S. J. & Krippner, S. (Ed.) (2000). Varieties of anomalous experience: examining the scientific evidence. Washington: APA.

Conselho Regional de Psicologia de São Paulo – CRP/SP. (2014). Psicologia, laicidade, espiritualidade, religião e os saberes tradicionais: referências básicas para a atuação profissional. São Paulo, SP: o autor.

Damiano, Rodolfo. F., Lucchetti, Alessandra. L. G., & Lucchetti, Giancarlo. Ensino de “saúde e espiritualidade” na graduação em medicina e outros cursos da área de saúde. HU Revista, 44(4), 515-525, 2020.

Koenig, Harold G. Medicina, religião e saúde. 01. Porto Alegre: L&PM; 2015

Menezes Júnior, Adair de e Moreira-Almeida, Alexander. O diagnóstico diferencial entre experiências espirituais e transtornos mentais de conteúdo religioso. *Archives of Clinical Psychiatry (São Paulo)* [online]. 2009, v. 36, n. 2

Moreira-Almeida, Alexander, Lotufo Neto, Francisco e Koenig, Harold G. Religiosidade e saúde mental: uma revisão. *Brazilian Journal of Psychiatry* [online]. 2006, v. 28, n3.

Pargament, K. I. (1997). *The Psychology of religion and coping. Theory, research, practice*. New York: The Guilford Press.